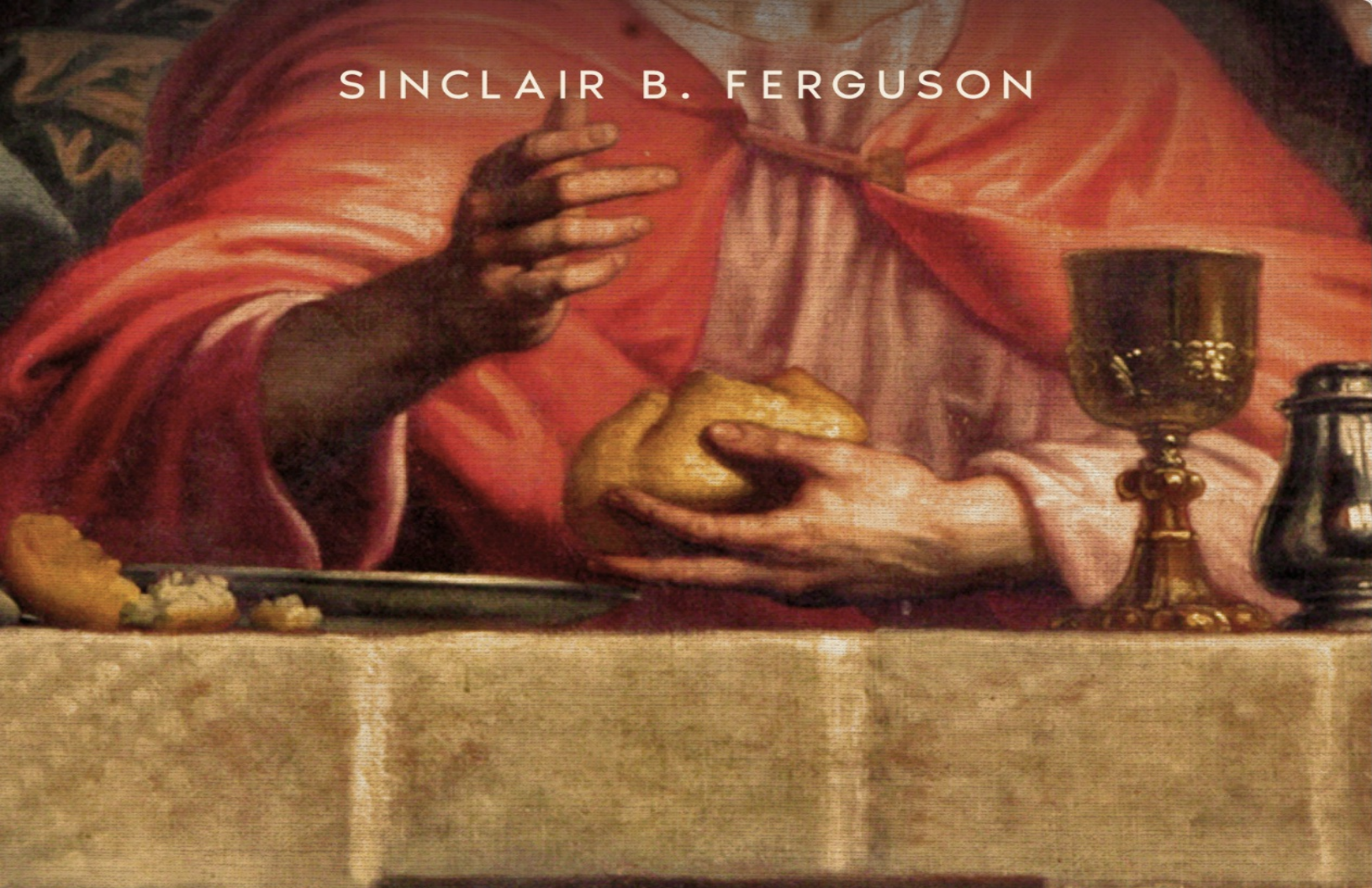


A detailed religious painting, likely a reproduction of a work by Michelangelo or a similar Renaissance artist, showing the hands of Jesus Christ. The right hand holds a golden chalice, and the left hand holds a piece of bread. The background is a vibrant red robe. The scene is set on a stone ledge with a plate of bread and a small jar nearby.

SINCLAIR B. FERGUSON

À MESA
com

Jesus

*As palavras de despedida
do Salvador*



Sumário

[Ficha Técnica](#)

[Endossos](#)

[Epígrafe](#)

[Dedicatória](#)

[Introdução](#)

[Capítulo 1 - A Mente de Cristo](#)

[Capítulo 2 - Compreender e abençoar](#)

[Capítulo 3 - Da tribulação à glória](#)

[Capítulo 4 - Mudanças na atmosfera](#)

[Capítulo 5 - Via, Veritas, Vita](#)

[Capítulo 6 - Tríplice Espírito](#)

[Capítulo 7 - A videira verdadeira](#)

[Capítulo 8 - Odiados, mas ajudados](#)

[Capítulo 9 - Por quê? Por quê? Por quê?](#)

[Capítulo 10 - Confusão antes de clareza](#)

[Capítulo 11 - Cristo abre o coração](#)

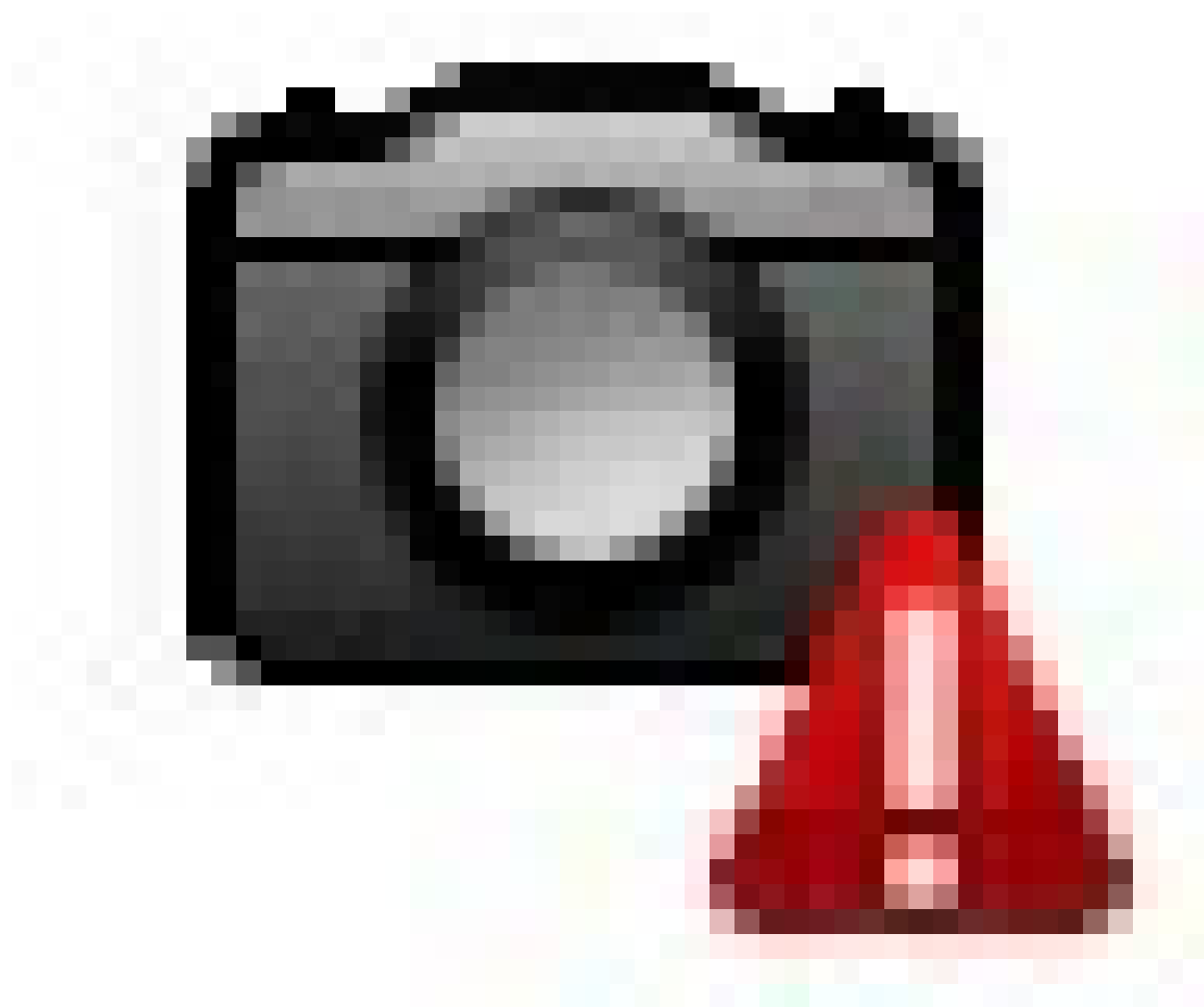
[Capítulo 12 - O presente do Pai](#)

[Capítulo 13 - Ele ora por mim](#)

[Ministério Fiel](#)

[Ministério Ligonier](#)

[Notas](#)



À MESA COM JESUS: AS PALAVRAS DE DESPEDIDA DO SALVADOR

Traduzido do original em inglês
Lessons from the upper room: the heart of the Savior

Copyright © 2021 por Sinclair Ferguson.
Todos os direitos reservados.

Originalmente publicado em inglês por Ligonier Ministries,
Sanford, Flórida

Copyright © 2022 Editora Fiel
Primeira edição em português: 2023

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Almeida Revista e Atualizada, 2ª ed. (Sociedade Bíblica do Brasil), salvo indicação específica.

Editor-chefe: Tiago J. Santos Filho

Supervisor Editorial: Vinicius Musselman Pimentel

Coordenador Gráfico: Gisele Lemes

Editor: André Soares

Tradutor:

Isabella Fontenelle (cap. 1–4),

Thaís Pereira Gomes (cap. 5–15)

Revisor: Gabriel Lago

Diagramador: Caio D’art Design

Capista: Caio D’art Design

ISBN brochura: 978-65-5723-253-8

ISBN e-book: 978-65-5723-254-5

Endossos

“Conforme eu começava a ler este esplêndido livro, constantemente me lembrava do comentário de Martinho Lutero: ‘Nas Escrituras, toda pequena flor é um campo’. Muitos cristãos já devem ter lido João 13–17 mais de uma vez e podem até mesmo pensar que entenderam bem o sentido do texto. Eu era um deles — até ler *À mesa com Jesus*, de Sinclair Ferguson! Como ele sabiamente diz, ‘[n]ossas mentes são finitas demais para compreender plenamente o que o infinito Senhor de todos está fazendo’. Porém, quanto mais eu lia, mais me sentia atraído para o maravilhoso cenáculo, onde eu escutava, aprendia e amava o que o Salvador dizia. Claras ilustrações e aplicações reconfortantes permeiam estas páginas. Eu nunca me esquecerei da alegoria que o autor apresenta e chama de ‘O estrangeiro na Terra da Fumaça’! *À mesa com Jesus* é o melhor trabalho de Ferguson. Compre dois exemplares e compartilhe este tesouro com alguém!”

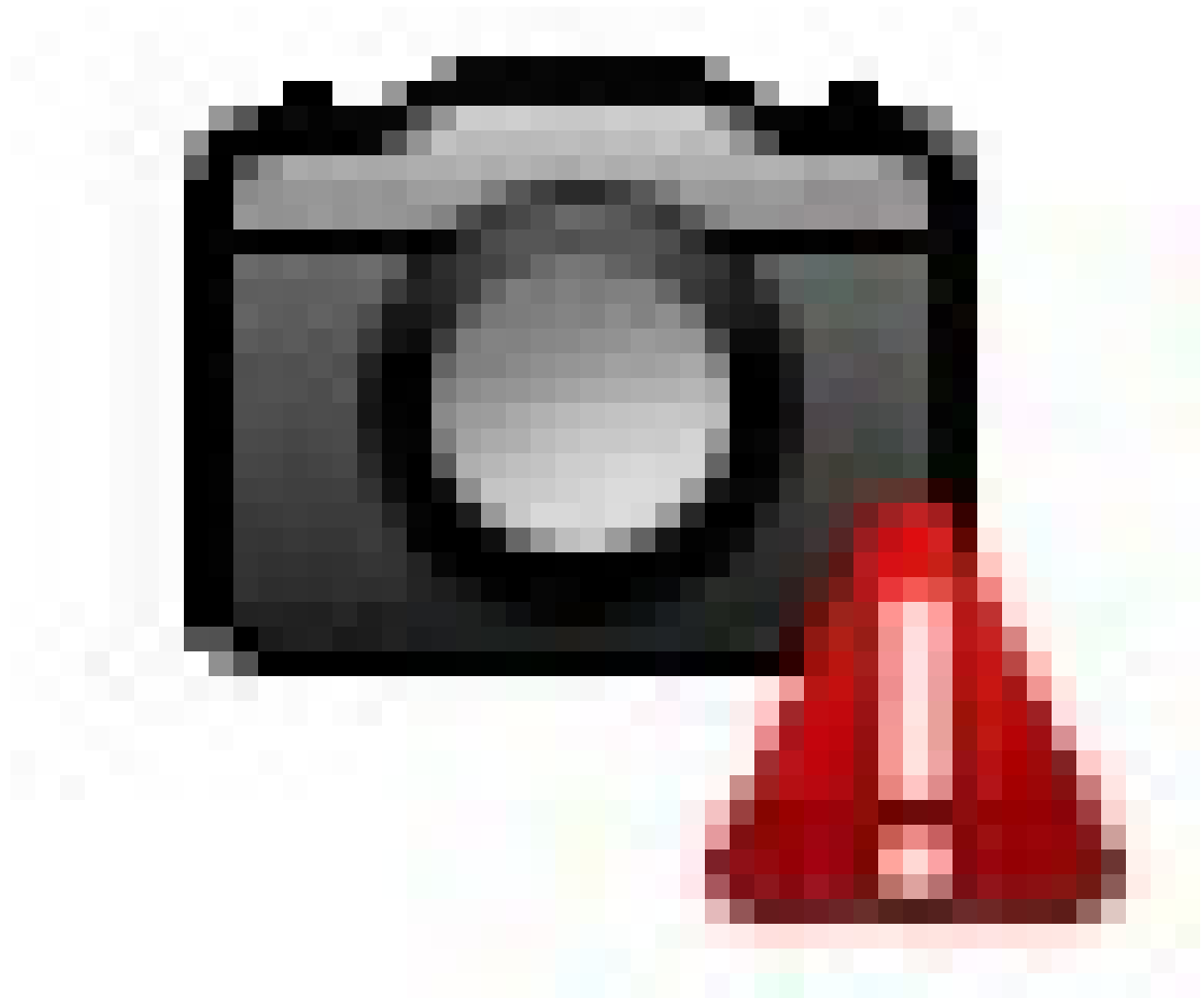
Dr. John Blanchard
Pregador, professor, apologista e escritor
Banstead, Inglaterra

“Poucas passagens nas Escrituras são tão influentes quanto o Discurso de Despedida registrado por João, mas, com frequência, sua mensagem é de difícil compreensão. Sinclair Ferguson nos ajuda a encaixar as peças do quebra-cabeça à luz de toda a Bíblia. Puxe uma cadeira e escute enquanto Ferguson nos ajuda a compreender detalhes tanto sobre o discurso de Jesus aos seus discípulos quanto sobre a sua oração ao Pai. Este livro analisa o drama e o significado da última noite da vida de Jesus e explica, de forma rica, como isso consiste em boas novas para nós hoje. Este é o Ferguson clássico — uma leitura sensível do texto bíblico à luz de toda a Bíblia, com foco específico em nosso Salvador e sua obra. Quer esse texto bíblico lhe seja familiar, quer você nunca o tenha lido antes, este livro com certeza será encorajador, edificante e esclarecedor. Compre-o; você ficará contente com a escolha!”

Dr. Brandon D. Crowe
Professor de Novo Testamento
Westminster Theological Seminary
Filadélfia

“Sinclair Ferguson é um dos poucos autores desta ou de qualquer geração a respeito de quem se pode dizer que qualquer coisa que ele escreve é leitura obrigatória. Neste livro, ele nos transporta ao cenáculo com Jesus, para que testemunhemos as últimas horas de seu ministério terreno. Você se sentirá como se estivesse lá, sentado ao lado do Senhor, saboreando a ceia, ouvindo os questionamentos ansiosos dos discípulos, escutando as palavras que mudarão tudo. Quer você tenha caminhado com Cristo por anos, quer tenha acabado de se tornar cristão, os vários anos de meditação do Dr. Ferguson sobre esses capítulos, somados à sua sabedoria pastoral inigualável, tornam estas páginas singularmente acessíveis a uma variedade de leitores. Trata-se do melhor estudo não técnico em circulação sobre João 13–17.”

Dr. Gabriel N. E. Fluhrer
Ministro associado de discipulado
First Presbyterian Church
Colúmbia, Carolina do Sul



Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim.
— João 13.1

Para
Minha Dorothy
e
Ruth

Amadas Apoiadoras
Sábias Conselheiras
Devotas Donas de Casa
Melhores Amigas

Com Amor e Gratidão

Introdução

À mesa com Jesus é um convite para passar algumas horas com os discípulos de Jesus, escutando os ensinamentos do Mestre e observando-o orar tanto por eles quanto por você. Este livro é baseado em João 13–17. Em cinco capítulos, em apenas 155 versículos e em menos de quatro mil palavras, somos agraciados com o que o escritor puritano Thomas Goodwin chamou de “uma janela para o coração de Cristo”.¹

Essa seção do Evangelho de João tem um grande significado para mim desde quando eu ainda estudava, e muitas vezes pensei em escrever um livro sobre esse assunto simplesmente para meu próprio benefício. Entretanto, o estímulo necessário para escrevê-lo veio quando preparei uma série de doze sermões curtos sobre esses capítulos.

Em certo sentido, estas páginas são “o livro do filme”. Como de costume, os dois não são idênticos. No presente caso, o livro foi escrito vários anos depois das cenas serem registradas e é, provavelmente, mais de 50% maior do que uma transcrição do contexto original. Qualquer um presente na gravação das cenas ou que tenha assistido a elas encontrará ecos desses momentos nestas páginas. Porém, o livro é uma exposição mais completa desses maravilhosos capítulos, de forma que espero que até os que compareceram às sessões de gravação, assistiram a elas ou as ouviram considerem gratificante esta obra.

Mesmo assim, À mesa com Jesus não é, de forma alguma, uma exposição completa de João 13–17. Se esse fosse o objetivo — adaptar algumas palavras do próprio João —, uma estante inteira não poderia conter os livros que seriam escritos!

Estas páginas também não são um comentário, em um sentido técnico. São, talvez, mais parecidas com a função “audiodescrição” na minha *smart TV*. Esse recurso fornece um comentário em áudio que acompanha a ação que está acontecendo na tela, para ajudar aqueles que, embora compreendam o diálogo, possuem alguma deficiência visual. Portanto, espero que haja momentos na leitura deste livro nos quais os leitores sintam — como eu senti ao escrevê-lo — que estão *lá* no próprio cenáculo, encontrando-se com Cristo, observando-o e ouvindo os seus ensinamentos e sua oração.

É sempre um privilégio servir juntamente ao Ministério Ligonier e à sua editora. Devo agradecer em especial às equipes de produção audiovisual e editorial, que, com o passar dos anos, se tornaram não apenas orientadores, mas amigos. Também sou grato àqueles que se uniram a mim por dois dias intensos de filmagem, durante os quais trabalhamos juntos no Discurso Final de Jesus. E, como em tudo na vida, abaixo de Deus, meu maior agradecimento se dirige à minha esposa, Dorothy, e à família que amamos.

Capítulo 1 - A Mente de Cristo

João 13.1-12

Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim? Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz?

Em nossa imaginação, subamos as escadas em direção a um cômodo no andar de cima de uma casa em Jerusalém. Aqui podemos espionar o que ocorreu durante o fim da tarde e o começo da noite do dia anterior à crucificação de Jesus de Nazaré.

Treze homens se reúnem para uma ceia em comemoração à Páscoa. Um sairá mais cedo em uma missão de traição. Os doze que permanecem caminharão, mais tarde, para o jardim do Getsêmani. Lá eles se dispersarão, e um será levado à força para uma jornada de terrível pesadelo.

Ele será levado primeiro para o antigo sumo sacerdote Anás. De lá, transportarão Jesus para a casa do genro de Anás, Caifás, o atual sumo sacerdote. Depois, ele será levado ao pretório de Pôncio Pilatos, o governador romano e, em seguida, ao Rei Herodes, voltando a Pilatos antes de, por fim, ser conduzido pela Via Dolorosa à cruz do Calvário, onde será crucificado.

Amanhã, sexta-feira, a essa hora, o corpo sem vida de Jesus de Nazaré será carregado para um sepulcro no jardim. Mas esse não é o fim; é somente o fim do início, visto que, no domingo de manhã, ele ressuscitará dos mortos. Agora ele vive eternamente como Príncipe e Salvador.

Porém, tudo isso ainda há de acontecer. Por ora, chegamos ao cenáculo.

Em menos de 24 horas, o Salvador será morto por crucificação. Bem certo de que esse é o seu destino, ele quer mostrar aos seus discípulos que os ama até o fim.

Em breve, ele dispensará um deles, Judas Iscariotes, da sala para traí-lo. Pouco tempo depois, Jesus dirá a outro deles, Simão Pedro, que, antes do amanhecer, ele o terá negado três vezes. Antes de eles saírem, ele fará a maior oração registrada no Novo Testamento. É verdadeiramente “a oração do Senhor”. Nela, ele mostrará a sua intimidade com seu Pai celestial, e seus discípulos observarão as expressões de seu amor e cuidado por eles, assim como por todos aqueles que, assim como nós, se tornarão seus discípulos no futuro.

Esses são momentos dramáticos.

Contudo, antes, escutemos o relato de João sobre como a noite começou:

Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia, tirou a vestimenta de cima e, tomando uma toalha, cingiu-se com ela. Depois, deitou água na bacia e passou a lavar os pés aos discípulos e a enxugar-lhos com a toalha com que estava cingido. Aproximou-se, pois, de Simão Pedro, e este lhe disse: Senhor, tu me lavas os pés a mim? Respondeu-lhe Jesus: O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois. Disse-lhe Pedro: Nunca me lavarás os pés. Respondeu-lhe Jesus: Se eu não te lavar, não tens parte comigo. Então, Pedro lhe pediu: Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça. Declarou-lhe Jesus: Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais, está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos. Pois ele sabia quem era o traidor. Foi por isso que disse: Nem todos estais limpos. Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa...

Toda vez que lemos uma passagem da Bíblia, dois contextos diferentes se sobrepõem. Por certo, isso é verdadeiro aqui.

Contextos

Inevitavelmente, lemos esses versículos a partir do nosso próprio contexto.

Já que “as sagradas letras [...] podem tornar-te sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2Tm 3.15), esses versículos naturalmente nos farão pensar sobre questões pessoais como: “O Senhor Jesus Cristo é de fato central em meu pensar e meu viver?”. Uma resposta honesta provavelmente seria: “Sim, mas nem sempre, e nunca tanto quanto ele merece”. Como cristãos, não somos mais o que éramos antes por natureza, mas sabemos que ainda não nos tornamos o

que Cristo nos chamou para ser. Queremos conhecê-lo, confiar nele e amá-lo melhor.

Esses capítulos nos ajudam a fazer isso ao trazerem Jesus para o centro de nossa visão e mostrar-nos a sua graça. No entanto, também precisamos aprender a lê-los no seu próprio contexto.

O Evangelho de João tem uma forma clara e relativamente simples. Ele começa com um prólogo (1.1-18) — uma passagem que, em geral, lemos no Natal — e termina com um epílogo (21.1-25) — a passagem na qual Jesus restaura Simão Pedro ao seu ministério apostólico. Além disso, o Evangelho é dividido em duas partes ou livros.

A primeira parte (1.19–12.50) é, às vezes, chamada de Livro dos Sinais. As palavras e obras de Jesus em conjunto apontam para sua identidade como o Messias e Salvador. Assim, por exemplo, nessa passagem, ele afirma ser “a Luz do Mundo”. Aqueles que o seguem não andarão em escuridão (8.12). Ele, então, ilustra sua fala ao curar um cego de nascença (cap. 9).

Há sete sinais registrados nos capítulos 1–12.² Porém, o Livro dos Sinais termina de forma abrupta: “Jesus disse estas coisas e, retirando-se, ocultou-se deles. E, embora tivesse feito tantos sinais na sua presença, não creram nele, para se cumprir a palavra do profeta Isaías, que diz: Senhor, quem creu em nossa pregação? E a quem foi revelado o braço do Senhor?” (Jo 12.36-38, citando Isa 53.1).

A segunda parte (13.1–20.31) é o Livro da Paixão ou, como às vezes é chamado, o Livro da Glória. Conforme ele inicia, somos transportados, sem explicação, para um cômodo no andar de cima de uma casa em Jerusalém. É uma tarde de terça-feira na semana da Páscoa, e a ceia está chegando. Pelo que sabemos, somente treze homens estão no cômodo — Jesus e seus apóstolos escolhidos. Agora, a glória que Jesus havia escondido do mundo que o rejeitou será incrivelmente revelada aos discípulos que confiaram nele e o amaram.

A “história a portas fechadas” de João

O Evangelho de João tem um aspecto muito diferente dos outros três. Isso fica bem claro num comentário feito por João Calvino:

“[...] os outros três são mais copiosos em sua narrativa da vida e morte de Cristo, e que *João se delonga mais amplamente na doutrina, por meio da qual se manifesta o ofício de Cristo, associado ao poder de sua morte e ressurreição.* [...]”

E como todos eles tinham o mesmo objetivo em vista, ou, seja, destacar a pessoa de Cristo, os *três primeiros salientam seu corpo, se nos é permitido usar esta expressão, enquanto que João salienta sua alma.* Por isso, tenho o costume de dizer que este Evangelho é uma chave que abre a porta para a compreensão dos outros, pois quem quiser entender o poder de Cristo, como aqui notavelmente retratado, prontamente desejará ler com proveito o que os outros relatam acerca do Redentor que se manifestou.³

Os Evangelhos Sinópticos (Mateus, Marcos e Lucas) nos mostram “seu corpo” — eles contam

a história do lado de fora, como ocorreu. Entretanto, quanto mais próximo o Evangelho de João chega do clímax, mais aprendemos sobre o que estava “acontecendo do lado de dentro” com o nosso Senhor.

Isso é uma verdade constante nos capítulos 13–17. Aqui somos convidados a ouvir como Jesus pacientemente instrui seus amigos mais próximos no momento em que, durante a ceia pascal, estão todos sentados ao seu redor. Esse encontro deve ter durado várias horas — horas verdadeiramente memoráveis com o Mestre!

A narrativa começa com Jesus mostrando a seus discípulos que “os amou até o fim” (Jo 13.1) e o que é de fato o amor sincero. Como de costume, ele apresenta um sinal: lava os pés dos discípulos. Então, ao explicar o porquê daquele ato, ele pergunta: “Vocês entendem o significado deste sinal? Vocês percebem o que isso significa para mim? E vocês entendem as implicações que isso tem em suas vidas?”. Sem dúvida, houve um profundo silêncio naquele ambiente.

Essa foi uma reunião muito íntima — apenas Jesus e os Doze. Nenhum servo os recepcionou; ninguém lavou seus pés sujos de terra. Claramente, todos foram orgulhosos demais para fazê-lo — tanto no tocante a Jesus quanto uns aos outros. No caso, Lucas nos informa que os discípulos estavam discutindo uns com os outros sobre qual deles era “o maior” (Lc 22.24-27). Em nítido contraste, Jesus lhes diz: “Estou entre vocês como aquele que serve”. Talvez tenha sido nesse momento que Jesus se levantou da mesa.

Naquela época, não era comum que os discípulos lavassem os pés uns dos outros. Esse era um trabalho do servo. Agora, porém, o próprio Mestre o faz! Quando Jesus se ajoelha perante Simão Pedro, entretanto, aquilo é demais para ele. Chocado e resistente, ele quebra o silêncio e pergunta: “Mestre, o Senhor vai lavar os meus pés?” Jesus responde: “Se eu não te lavar, não tens parte comigo” (Jo 13.8).

Fica claro que algo mais profundo do que simplesmente remover poeira e sujeira está acontecendo aqui. Esse é um ato profético, como aqueles feitos por Jeremias e Ezequiel.⁴ Ele está encenando uma parábola do Evangelho, mostrando aos discípulos, por meio de um sinal impressionante, quem ele é e o que veio fazer. Aqui, no lava-pés, ele revela sua pessoa, sua obra, sua identidade e o propósito de seu ministério.

Uma das melhores formas de compreender o significado profundo desses versículos é compará-los, lado a lado, com os ensinamentos do apóstolo Paulo sobre o Senhor Jesus em Filipenses 2.6-9:

João 13.3-5, 12	Filipenses 2.6-9
Jesus... sabendo... que viera de Deus	Pois ele, subsistindo em forma de Deus
levantou-se da ceia	não julgou como usurpação o ser igual a Deus
tirou a vestimenta de cima	antes, a si mesmo se esvaziou
e, tomando uma toalha	assumindo a forma de servo
deitou água na bacia	a si mesmo se humilhou
e passou a lavar os pés dos discípulos	tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz

tomou as vestes e, voltando à mesa...	Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu nome que está acima de todo nome
---------------------------------------	--

Ponto a ponto, Jesus está encenando, de modo simbólico, o que Paulo descreve teologicamente — como o Filho veio da maior glória do céu para as profundezas da nossa condição humana, tomou a forma de escravo, purificou-nos de nossos pecados por meio de sua morte na cruz e, então, foi exaltado à direita do Pai.

Origem

Assim como Paulo nos conta o que se passava na mente de Cristo, João nos diz que Jesus está consciente de sua origem e missão:

Ora, antes da Festa da Páscoa, sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim. Durante a ceia, tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus... (Jo 13.1-2)

Ele sabia que seria traído, mas também sabia algo a mais:

“Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos, e que ele viera de Deus, e voltava para Deus, levantou-se da ceia...” (Jo 13.3).

Observe:

Ele se levanta de sua posição de anfitrião à mesa.
 Ele começa a despir-se.
 Ele amarra uma toalha de servo em sua cintura.
 Ele enche uma bacia com água.
 Ele, então, lava os pés dos discípulos.

Sendo assim, no Evangelho de João, esse trecho funciona como um “prólogo” para o segundo livro, da mesma forma que João 1.1-18 para o primeiro. Nessa cena de abertura, Jesus está “encenando” o que o prólogo descreveu em termos mais rebuscados: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus [*pros ton Theon*], e o verbo era Deus” (Jo 1.1). Porém, o Verbo que estava com Deus veio a nós: o Verbo se tornou carne e habitou entre nós...

Note, portanto, o primeiro ato: Jesus está consciente de sua origem divina. Ele sabe que o Pai entregou tudo em suas mãos. Ele sabe que é igual ao Pai em dignidade, majestade, glória e poder. Sabe que está prestes a “voltar para Deus [*pros ton Theon*]”. Aqui João, propositalmente, usa a exata frase com a qual ele apresentou Jesus em João 1.1. Ele foi *pros ton Theon*. Ele esteve toda a eternidade “face a face com” Deus. Porém, mais tarde, surge o segundo ato — sua profunda humilhação. Ele teve de ficar “face a face” com o homem.

Humilhação

Permaneça por mais um momento no comentário de João: “Jesus, sabendo este que o Pai tudo confiara às suas mãos...”. Se você fosse terminar essa frase, certamente escreveria: “ele, então, apresentou a majestade daquele que possui toda a autoridade no universo”. Mas não. O que aconteceu foi que o profundo conhecimento de que ele é o Senhor de todas as coisas, o Filho de Deus, o humilhou. Ele retira sua vestimenta superior, vai ao canto da sala, onde há uma grande jarra de água e uma pequena bacia, e toma uma toalha de servo.

O único som que quebra aquele silêncio é o som da água sendo derramada na bacia. Nesse momento, Jesus começa a lavar os pés dos discípulos, os quais eram orgulhosos demais para lavar os pés uns dos outros. Aqui, em um ato surpreendente, o Filho de Deus, o Verbo que se fez carne, nos entrega um vislumbre da maravilha de sua encarnação e sua humildade.

Analisar esta cena pode nos ajudar a entender o comentário de Paulo: Ele “a si mesmo se esvaziou” (Fp 2.7). Estudiosos, há muito tempo, discutem e debatem o significado dessas palavras.

O Filho de Deus se esvaziou de todos os atributos de sua divindade? Ou, como Charles Wesley ensinou cristãos a cantar por séculos, é mais adequado dizer que ele “se esvaziou de tudo, exceto do amor”?⁵ De alguma maneira, ele deixou de ser o Deus eterno para viver como homem e, depois, retomou esse papel? Ou o quê?

O Filho de Deus “a si mesmo se esvaziou” não por subtração de sua divindade, mas por adição, ao assumir nossa fragilidade humana. Ele não parou de ser totalmente divino quando se tornou totalmente humano. Ele não se esvaziou de nada do que era intrínseco à sua divindade. Ele, no entanto, se entregou à tarefa de nos salvar ao assumir nossa natureza. Aquele que nunca deixou de ser “em forma de Deus” tomou “a forma de servo” junto com uma vida de profunda humilhação. Ele entregou tudo o que sempre foi para nós e por nós quando assumiu nossa natureza humana. E ele o fez para tirar o nosso pecado. Ele “esvaziou a si mesmo” não para abandonar todos os atributos que possuía, mas para assumir atributos que não tinha.

Em momento algum o Filho de Deus abdicou do seu senhorio sobre “tudo” (Jo 13.3). Na verdade, a maravilha da humildade e da graça que ele apresenta aqui se deve ao fato de que foi na total plenitude de sua divindade que ele lavou pés sujos. Caso ele se tivesse esvaziado de sua divindade, o lava-pés teria sido um verdadeiro ato de humildade, mas teria sido um simples ato de humildade de um homem servindo aos seus iguais ou de um bom homem servindo a outros menos favorecidos do que ele. Porém, esse é o serviço humilde de Deus a homens — não somente a homens, mas a homens pecadores. Isso aponta para um terceiro elemento no ministério de Jesus.

Salvação

Volte por um momento ao protesto de Simão Pedro. Aparentemente, tudo o que Pedro vê aqui são seus próprios pés sujos e Jesus fitando-o, prestes a lavá-los. Assim, ele instintivamente protesta. Todos nós faríamos o mesmo, com certeza.

Contudo, Jesus diz: “Pedro, você não está entendendo. Se eu não lavar os seus pés, se você recusar o sinal do que eu vim para fazer, você rejeitará a realidade para a qual esse ato simbólico aponta: a minha morte na cruz para purificar os seus pecados. Consequentemente, você não terá

parte na salvação que eu vim trazer”.

Pedro vai de um extremo a outro, de “Nunca me lavarás os pés” para “Senhor, não somente os pés, mas também as mãos e a cabeça”. Ele ainda não consegue entender. O lava-pés é uma imagem do que Jesus faz por nossa purificação e justificação. Uma vez que Pedro já foi tornado “limpo” — ele já tinha, afinal, confiado em Cristo e confessado sua fé nele —, aquilo de que ele precisa é que o poder purificador de Cristo continue a trabalhar em sua vida. Como os teólogos de Westminster pontuam, somos santificados pela mesma união com Cristo por meio da qual somos regenerados.⁶

Pedro está limpo, mas ainda precisa ser purificado. Porém, Jesus acrescenta: “Nem todos vocês estão limpos”. Ao registrar essas palavras, João está destacando o fato de que há um ambiente sombrio por detrás dessa cena e outra dimensão para a obra salvadora de Cristo. Satanás está presente nas sombras: “Tendo já o diabo posto no coração de Judas Iscariotes, filho de Simão, que traísse a Jesus...” (Jo 13.2).

Satanás o estava planejando havia muito tempo. Essa é a história por trás de todos os quatro Evangelhos. O inimigo — que, antes de tudo, tentou impedir Jesus de ir à cruz, além de haver intentado acabar com sua vida através do massacre de Herodes contra os bebês em Belém — o perseguiu desde o seu batismo no Rio Jordão em diante (Lc 4.1, 13). Agora, ele invadiu o próprio grupo dos discípulos. Em poucos minutos, ele “entrará no corpo” do tesoureiro, Judas Iscariotes (Jo 13.27).

Antes, uma vez, ele entrou no meio dos discípulos mais próximos de Jesus, usando Simão Pedro para tentar desviar o Mestre de seu caminho para o Calvário (Mt 16.21-23). Ele falhou. Mas você acha que seu fracasso mudou sua tática? Sua intenção agora parece ser tentar interromper o plano divino da salvação, levando Jesus à morte de acordo com a agenda satânica, e não segundo a agenda do Pai.

Entretanto, Jesus é Senhor. Ele ainda governa o tempo, e cada passo que dá é de acordo com a vontade do Pai. João deixa isso claro: Jesus soberanamente despede Judas da sala. “O que pretendes fazer, faze-o depressa”, ele lhe diz (Jo 13.27). Esta não será a última indicação que João nos oferece para afirmar que “tudo” está nas mãos do nosso Senhor.

Há um contraste nítido aqui, portanto, entre os propósitos de Deus e a ação de Satanás: Jesus sabia que o diabo havia plantado no coração de Judas a intenção de traí-lo (Jo 13.2); porém, ele também sabia que o Pai havia posto tudo em suas mãos (Jo 3.3). A partir desse pano de fundo, então, ele se retira da ceia e lava os pés dos seus amados discípulos.

A magnífica narrativa por trás desses versos pode ser analisada desde sua origem em Gênesis 3.15. Do capítulo 3 em diante, a Bíblia é o registro de como a Semente da mulher e a semente da serpente estão em conflito perpétuo até o amanhecer, quando a própria serpente picará o calcanhar da Semente da mulher, mas depois sofrerá um golpe mortal.

O que estamos presenciando aqui é o início do clímax dessa promessa. Satanás veio a habitar em Judas Iscariotes para esmagar Jesus. Mas, ao contrário de Satanás e Judas, Jesus é obediente à vontade do Pai.

João apresenta o contraste no seu modo de contar a história. Ele escreve que Satanás “havia posto” no coração de Judas Iscariotes a intenção de trair Jesus (Jo 13.2). Em contraste, Jesus “pôs água numa bacia” (Jo 13.5, ARC). O mesmo verbo (em grego, *ballō*) é usado em ambas as frases. Apesar de seu calcanhar ser atingido, nosso Senhor fatalmente esmagará a serpente, “sendo obediente até a morte, e morte de cruz” (Fp 2.8). Aqui, uma quarta cena na obra de Cristo

é retratada.

Exaltação

Jesus se ajoelhou perante cada um dos Doze e lavou seus pés — não só os de Simão Pedro, mas os de Judas Iscariotes também. Depois, ele tomou suas vestes novamente “e [voltou] à mesa” (Jo 13.12). “Compreendeis o que vos fiz?”, ele perguntou.

O verbo que João usa, “tomou” (em grego, *lambanō*), ecoa aqui seu uso anterior nas palavras de Jesus sobre sua ressurreição: “Porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar e poder para tornar a tomá-la” (Jo 10.17-18, ARC).

Que imagem vívida Jesus está apresentando aos seus discípulos. Ele será humilhado e crucificado. Ele, porém, está entregando sua vida voluntariamente, e ele a tomará de volta de modo soberano e retornará ao seu lugar de eterna honra. Às vezes, a obra de um grande artista refletirá o trabalho de um antecessor com o qual ele aprendeu. De modo similar, o retrato de João aqui reflete as profecias do Antigo Testamento — e não há nenhuma descrição melhor do que a de Isaías sobre o Servo Sofredor (Is 52.13–53.12).

Na escola escocesa de ensino fundamental em que eu estudava, a educação religiosa era matéria obrigatória. Ao olhar para o passado, suspeito que a professora que eu tinha aos oito anos escolheu o caminho mais fácil para ensinar: ela nos fez decorar Isaías 53.1-12. Ninguém me disse isto — e eu suspeito que a minha professora nem sabia —, mas essa passagem começa de fato em Isaías 52.13. Nesse trecho, o Servo que sofre tão intensamente é apresentado como alguém que será exaltado por causa do seu sofrimento, e como resultado “causará admiração entre as nações”.

A imagem profética pintada por Isaías é agora simbolicamente interpretada por Jesus aqui. Ele se levanta, ajoelha-se, lava os pés, mas, na sequência, volta ao seu lugar. Antes de saírem da sala, seus discípulos o escutarão falando com o Pai sobre a sua futura exaltação. Devido à sua humilhação, que culmina em sua morte e sepultamento, Deus o exaltará sobre todos e lhe dará o nome que está acima de todo nome. Um dia, ao nome de Jesus, todo joelho se dobrará — nos céus, na terra e debaixo da terra —, e toda língua confessará que ele é Senhor (Fp 2.9-11).

Aqui, então, Jesus se ajoelha. Depois, no entanto, ele se levanta, toma sua vestimenta novamente e volta ao seu lugar. Agora, todos na sala o escutam. E assim será quando o Pai o exaltar: toda autoridade será dele, as nações o ouvirão, e toda a criação se curvará perante ele. Cristo será coroado Senhor de todos (Mt 28.18-20; 1Co 15.20-28).

Isso nos leva a um quinto detalhe pintado nesse retrato da graça do Senhor Jesus Cristo.

Implicação

“Compreendeis o que vos fiz?”, Jesus pergunta (Jo 13.12). Em outras palavras, ele quis dizer: “Vocês percebem o significado disso para mim e também para vocês?”. “Eu vos lavei os pés”, Cristo afirma. É como se ele dissesse: “Se vocês compreenderem o que eu fiz, isso os levará a uma transformação interior. Vocês começarão a fazer o que falharam em fazer antes de nos sentarmos para comer e, então, seguirão meu exemplo. Vocês se curvarão perante seus irmãos discípulos e, por meio do seu ato de humildade, dirão a eles: ‘Eu sou vosso servo, por amor de Jesus’” (cf. 2Co 4.5).

Há um vislumbre aqui da glória do nosso Salvador — quem ele é, o que fez por nós, quando

foi exaltado e onde vive agora. Além disso, há uma aplicação desafiadora: saber é uma coisa, Jesus diz, mas fazer é outra. Saber de tudo isso fez alguma diferença em minha vida? Eu sirvo a outros? Somente aqueles que ouvem e praticam são bem-aventurados (Jo 13.17). Todavia, para pensar sobre isso, teremos de esperar o próximo capítulo.

Capítulo 2 - Compreender e abençoar

João 13.12-20

Depois de lhes ter lavado os pés, tomou as vestes e, voltando à mesa, perguntou-lhes: Compreendeis o que vos fiz? Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou. Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes. Não falo a respeito de todos vós, pois eu conheço aqueles que escolhi; é, antes, para que se cumpra a Escritura: Aquele que come do meu pão levantou contra mim seu calcanhar. Desde já vos digo, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais que Eu Sou. Em verdade, em verdade vos digo: quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou.

O quarto Evangelho é como uma galeria de arte com uma sala de retratos da mesma pessoa — todos pintados por um dos maiores artistas. A obra de João representa uma percepção bastante profunda. Muito do que ele escreve tem profunda conexão com a revelação do Antigo Testamento. Entretanto, ele também tem a habilidade de capturar a profundidade do caráter da pessoa que ele está retratando. Seus retratos, quando prontos, tornam-se multidimensionais. Conforme os admiramos, observamos outros detalhes, de forma que sempre parece haver algo a mais para notar. Ao que tudo indica, João tenta nos dizer que, se todos os retratos que precisassem expressar a graça de Jesus fossem pintados, todas as galerias de arte no mundo não poderiam contê-los!⁷

Essa é a verdade desse trecho. O primeiro retrato de João carrega o título de “Jesus, o Salvador”. Porém, logo após, há outra pintura da mesma cena, a qual recebe o título “Jesus, o Exemplo”. Como nosso Salvador, ele nos traz as bênçãos da salvação. Como nosso Exemplo, mostra-nos o caminho para as bênçãos de uma vida transformada.

No Getsêmani e no Calvário, Jesus renunciou a si mesmo para carregar nossos pecados em seu corpo na cruz (1Pe 2.24). Depois, ele saiu do sepulcro, ressuscitou. Mais tarde, ascendeu à glória. A mensagem da parábola encenada no ato do lava-pés foi que o Senhor da glória se tornou Servo dos pecadores, tomou nossa vergonha e, agora, é Senhor de todos, exaltado à

direita do Pai.

Contudo, o próximo retrato de João reflete o desejo de Jesus de que seus discípulos (tanto eles como nós) vejam mais, ou seja, que entendam como sua parábola encenada carrega implicações para suas vidas.

Jesus tinha dito a Pedro: “[...] O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (Jo 13.7). Pedro achou que a parábola encenada por Jesus era de difícil compreensão, porque não conseguiu entender a realidade que ela representava. Entretanto, mais tarde, ele conseguiria dizer: “Ah, agora eu vejo! Jesus estava nos mostrando como ele se tornaria o nosso Salvador”.

Porém, ao voltar ao seu lugar, o Mestre diz aos seus discípulos: “Compreendeis o que vos fiz?” (Jo 13.12). Aparentemente, Jesus parece esperar que os discípulos tenham compreendido.

O que explica esse paradoxo? João percebeu que, no ato do lava-pés, o Senhor Jesus estava lhes mostrando duas verdades distintas, porém inseparáveis, sobre si mesmo: ele era o Salvador — embora eles ainda não compreendessem o que Jesus faria para salvá-los —, mas também o seu Exemplo. Eles tinham de ser capazes de compreender que, como Cristo era o seu Senhor, eram chamados a imitá-lo. *Compreender* é uma palavra-chave no vocabulário cristão.

Compreendendo o que Jesus fez

Jesus queria que os seus discípulos compreendessem o significado do que ele viera fazer por eles e que, portanto, estabelecessem conexões entre o que ele havia feito e o que eles deveriam fazer.

A compreensão, a chave para uma vida transformada em Cristo, reside aqui, e não primeiramente em nossas afeições, emoções, instintos ou até mesmo em nossa vontade. Cristo, de modo gradual, transformará todos esses aspectos. Ele, porém, faz essa obra por meio da nossa compreensão do Evangelho. À medida que sua verdade atua na forma como pensamos, surge uma mudança na maneira como sentimos, e isso, então, afeta o que queremos e a forma como nos comportamos. Logo, o Evangelho energiza a maneira como vivemos.

Esse é o princípio enunciado em Romanos 12.1-2. A transformação de nossa vida ocorre por intermédio da renovação de nossa mente, mas essa conhecida influência em nossa compreensão não foi uma invenção do apóstolo Paulo. O Senhor Jesus a enfatiza aqui também.

Assim, o que se espera que nós, seus discípulos, compreendamos? Isto: que, quando nosso Senhor se levantou da ceia, lavou os pés de seus discípulos orgulhosos e, então, retornou ao seu lugar, ele nos apresentou o modelo básico de uma vida cristã.

As pessoas geralmente comparam ser cristão com “viver sob o cumprimento de regras”. Jesus, de fato, ensina algo positivo: “Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles” (Lc 6.31). Com efeito, devemos amar nossos irmãos como a nós mesmos. Entenda, Jesus não está aqui dando uma palestra sobre ética, tampouco alguns conselhos morais que não estejam relacionados a ele. O foco aqui é Cristo, e a autoridade para ser seguida é encontrada somente nele.

No cenáculo, vemos uma conexão: porque os discípulos têm “parte” com o seu Salvador, ele se torna o “duplo remédio” para a “culpa e poder” do pecado.⁸ Como resultado, eles não apenas devem fazer aos outros somente o que gostariam que lhes fizessem nem o que esperam que se faça por eles. Eles devem fazer aos outros o que Jesus estava disposto a lhes fazer e, assim, tornar-se servos deles por amor a ele!

Portanto, a questão para mim como cristão não é: “Como eu gostaria que as pessoas me tratassem? Então, eu devo tentar fazer o mesmo por elas”. Ao contrário, a questão é: “Como Jesus me tratou? Então, esse é o modelo segundo o qual devo tratar os outros. Com a ajuda de Cristo, mostrarei a mesma graça que ele mostrou a mim!”. Esses momentos no cenáculo marcaram a vida de Simão Pedro. Ele teve, claro, um lugar na primeira fileira. Pode até mesmo ter sido o primeiro discípulo cujos pés Jesus lavou. Por certo, foi o primeiro (e talvez o único) a protestar. Contudo, ao escrever mais tarde para seus irmãos cristãos que se espalharam pelo Império Romano, ele lhes alertou: “No trato de uns com os outros, cingi-vos todos de humildade” (1Pe 5.5).

O verbo grego para “cingir” usado aqui (*egkomboimai*) reflete a imagem de um escravo amarrando uma toalha em sua cintura, assim como Jesus fez. Nosso chamado, compartilhado com todos os cristãos, é ver como, quando e a quem podemos servir.

Jesus estava dando aos apóstolos um “exemplo” (em grego, *hupodeigma*) para seguir (Jo 13.15). Pedro também afirma que Jesus nos deixou “um exemplo” (1Pe 2.21), embora use uma palavra diferente (o termo grego *hupogrammos*). É possível compreender a origem desse termo, uma vez que ele contém uma palavra que se refere a palavra (*grammos*, do qual palavras como “gramática” são derivadas). A imagem que a palavra *hupogrammos* representa é de uma criança aprendendo a escrever. A professora escreve uma palavra ou frase, e a criança, então, copia. É como se Pedro dissesse: “Jesus escreveu o manual de vida cristã; portanto, copie. Escreva sua história tendo em vista a maneira como ele escreveu a dele”. Isto é o que o Espírito Santo nos ajuda a fazer: torna-nos mais parecidos com Jesus, produzindo em nós a mesma disposição para servir.

Quando o exemplo de Jesus, assim como se deu com Pedro, estiver fixado em nossas mentes, conforme passarmos a compreender o significado do que ele fez, começaremos a instintivamente seguir o exemplo de Cristo e nos tornar “cópias” de sua vida. Isso é o que significa viver como cristão.

Compreendendo quem é Jesus Cristo

Há uma dimensão profunda para observarmos aqui: a importância de quem é Jesus. O valor do ato do lava-pés reside no fato de que isso foi feito pelo Senhor da glória, o Rei dos céus, o Filho do Deus vivo, o Verbo que estava face a face com Deus.

Quando entendemos quem se humilhou por nós, tudo muda. Caso você responda a ele com fé e amor, o fruto serão profundos instintos de humildade e graça. Se o Senhor da glória fez isso por mim, nada me impedirá de seguir o seu exemplo. Eu aprenderei com o Mestre. Quão orgulhoso eu fui! Se ele, o Rei da glória, lavou os pés sujos dos discípulos, então eu também estarei disposto e pronto a lavar os pés sujos de outros. É isso que um cristão deve fazer.

Um espaço vazio na galeria de arte

Se imaginarmos os eventos que aconteceram no cenáculo como uma série de retratos de Jesus, parece faltar uma pintura. Há um espaço vazio entre o par de retratos “Jesus, o Salvador” e “Jesus, o Exemplo”. Não há retrato algum intitulado “Jesus se ajoelha perante o seu traidor”. Talvez João não tenha suportado pintá-lo.

É possível adivinhar a cena que falta, embora João nada diga a respeito dela. Talvez ele tenha tido a impressão de que uma coisa era pintar o Senhor Jesus se ajoelhando perante Pedro, sabendo muito bem que este o negaria, mas outra muito diferente era retratar “Jesus lava os pés

de Judas”. Como ele poderia fazer isso? Portanto, tudo que ele faz é descrever o ato do lava-pés de forma que ficasse claro que, antes de Judas sair para planejar sua traição, Jesus se ajoelhou perante ele e lhe lavou os pés.

Jesus tinha explicado aos seus discípulos a importância das palavras do Salmo 41.9: “[Aquele] que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar”. Um deles o trairia. Contudo, saber que a traição contra o Mestre era o cumprimento de uma profecia certamente ajudaria a acalmá-los mais tarde (Jo 13.19). Os propósitos soberanos do Pai não estavam sendo impedidos por Satanás. No caso, Jesus sabia, havia muito tempo, que isso tudo era parte do plano celestial.

Porém, Jesus não apenas sabia que seria traído, como também conhecia a identidade de seu traidor — Judas Iscariotes. E foi com pleno conhecimento dessa situação que Jesus se ajoelhou e removeu a poeira de seus pés.

Essa imagem está faltando na galeria joanina de retratos em forma de palavras. Ela está implícita em João 13.30 (Judas deixou o cenáculo depois do lava-pés), mas não é descrita. Ainda assim, ela acentua as desafiadoras palavras de Jesus: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também” (Jo 13.15). Não há exceções para os pés que somos chamados a lavar. Todo instinto natural que clama: “Mas não os dele” ou “não os dela” é sufocado pelo amor de Cristo por nós e em nós, assim como por nosso desejo de imitá-lo. Isso fica implícito na missão em que Cristo envia os apóstolos. Além disso, conforme ele explica, se as pessoas, em nome dele, receberem os seus ministros, elas também o receberão (Jo 13.20).

Por mais desafiador que isso seja, não há nada complexo ou complicado aqui (nós é que somos os complexos e complicados!). O que Jesus fez é descrito em simples frases. Ele se levantou da ceia, retirou sua vestimenta superior, cingiu-se com uma toalha de servo, encheu uma bacia com água, ajoelhou-se, lavou os pés sujos dos discípulos, vestiu sua roupa novamente e retornou ao seu lugar à mesa. Imitá-lo não algo de outro mundo, mas uma simples questão de humildade e amor, bem como de seguir o seu exemplo.

E o que nos habilita a fazer isso? Primeiro, como Jesus nos alerta, precisamos compreender o significado de quem ele é e o que fez por nós. Nós também podemos tê-lo negado e, talvez, no passado, até mesmo o tenhamos traído. Se Jesus agiu como servo por nós, não deveríamos fazer o mesmo pelos outros?

Entretanto, há outra lição para nós aqui. Precisamos compreender quem Jesus é e o que ele fez por nós para compreendermos quem nós somos agora.

Compreendendo quem somos em Jesus Cristo

Nossa identidade como cristãos — como “aqueles que são de Cristo” — é determinada e cresce a partir do que Jesus fez e quem Jesus é. Ele diz: “Eu, portanto, vosso Senhor e Mestre... vos dei um exemplo: que vós também deveis fazer assim como eu vos fiz”. Isso não significa que devamos inaugurar um sacramento de lava-pés na igreja.⁹ Não, isso é apenas um exemplo, e nós somos chamados a viver esse ensinamento de forma genuína por causa de outro princípio: “Vós me chamais o Mestre e o Senhor e dizeis bem; porque eu o sou. [...] Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que seu senhor, nem o enviado, maior do que aquele que o enviou” (Jo 13.13, 16). Esse é um dos ditos “em verdade, em verdade” de Jesus.

Quando escrevemos algo, temos várias formas de expressar ênfase. Algumas ações em um teclado podem sublinhar palavras, colocá-las em negrito ou mudar sua fonte para itálico. Dessa forma, indicamos visualmente ao leitor que algo é importante.

Na literatura hebraica, esse tipo de ênfase foi expressa pela repetição. O primeiro exemplo disso na Bíblia está em Gênesis 2.17: “Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. O uso da palavra “certamente” aqui, em nossa tradução para a língua portuguesa, enfatiza o alerta: “Acredite em mim, isso realmente acontecerá; não é uma ameaça em vão. Leve minhas palavras a sério”. A forma como a Bíblia Hebraica expressa esse sentido é dizendo: “Morrendo, você deve morrer”. O verbo é repetido com objetivo de ênfase. Talvez você se lembre desse alerta nas palavras de sua professora da escola (ou de seu pai!): “Eu já não falei duas vezes...?!”.

Tudo o que Jesus diz é importante. Tudo o que ele diz é a Palavra de Deus. Todavia, em várias ocasiões, ele indica que o que está dizendo é especialmente importante, ao introduzir sua fala com “Em verdade, em verdade vos digo”.

Logo, o que há de tão importante para nós aqui? Se ele é o meu Mestre, então serei seu aprendiz e buscarei aprender com ele. Se ele é o meu Senhor, então serei seu servo e buscarei representá-lo bem. Se entendermos esses dois princípios, começaremos a pensar sobre nós mesmos de novas formas.

Nossa “autoimagem” mudará. Veremos a nós mesmos, agora, como discípulos e servos do Senhor Jesus. Nossa mente deve ser instruída por seus ensinamentos; nossa vontade deve ser a vontade de nosso Mestre. Guardaremos no coração o que Paulo diz: “Não sois de vós mesmos [...] Porque fostes comprados por preço. Agora, pois, glorificai a Deus no vosso corpo” (1Co 6.19-20).

Somos servos de Cristo

“Não sou mais de mim mesmo” é o primeiro princípio de uma vida cristã. Assim como o Catecismo de Heidelberg apresenta: “Eu, com corpo e alma, tanto na vida quanto na morte, não sou mais de mim mesmo, porém pertenço ao meu fiel Salvador Jesus Cristo; que, com precioso sangue, me purificou completamente de todos os meus pecados”.¹⁰

Essa realidade nos fornece uma nova autoimagem, não? Jesus não veio para completar nossa vida ou para nos ajudar a organizá-la melhor. Ele é seu dono. Ele veio para torná-lo um feliz escravo que descobriu que o seu “serviço é uma perfeita liberdade”.¹¹ Agora, finalmente, conseguiremos aprender a orar:

Faze-me um prisioneiro, Senhor,
E então serei livre.
Força-me a render minha espada,
E serei vencedor.
Minha vontade não é minha
Até que a faças tua;
Se ela alcançar um reinado,
Deverá negar sua coroa.¹²

Em uma festa de casamento à qual fui convidado, uma garçonete derrubou uma bandeja cheia de pratos próximo à mesa a que eu estava sentado. O restante da equipe simplesmente continuou com seus afazeres. Surpreso, virei-me para um grande amigo que estava sentado perto de mim e

disse (em um momento tolo): “Alguém deveria ajudá-la!” Ele replicou: “E então?” Ele só precisou de duas palavras. Eu entendi, levantei-me e tentei ajudar.

Meu amigo (com razão) desafiou minha compreensão de: “Outra pessoa, alguém da equipe, deveria fazer alguma coisa”. Mas o fato era que alguém deveria ser humilde para ajudá-la. Será que o meu Senhor Jesus também estava pensando: “E então? Você se esqueceu de quem você é?”.

Todos nós nos deparamos com situações — sejam grandes, sejam triviais — que requerem nossa humildade, caso desejemos servir a Cristo nesses momentos. O mesmo ocorre — às vezes com maior frequência — com pessoas difíceis e cabeça-dura. Mesmo quando não falamos, nós pensamos: “Por que eu deveria servi-las ou me ajoelhar perante elas? Elas não merecem”.

Contudo, Simão Pedro não “merecia”. Judas não “merecia”. Não mesmo. E nós também não “merecíamos”. Ainda assim, o Filho de Deus humilhou-se para nos resgatar; ele nos purificou da sujeira de nossos pecados; comprou-nos com o seu sangue. Não somos mais de nós mesmos, e sim dele. E, quando começarmos a enxergar isso claramente, aprenderemos a pensar como Paulo: “Estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós” (1Ts 2.8). Nós somos “vossos servos, por amor de Jesus” (2Co 4.5). Servos — isso é o que somos agora.

Não muito tempo atrás, *sacrifício* e *serviço* estavam entre as primeiras palavras que os recém-convertidos aprendiam. Elas apareciam com bastante frequência em livros sobre vida cristã. Mas é raro hoje ver um livro cristão, escutar um sermão ou participar de uma conferência que contenham a palavra *sacrifício* no título. Ao contrário, somos inundados com ensinamentos sobre como o Evangelho melhora nossas vidas ou soluciona nossos problemas, e não como ele nos chama ao sacrifício e nos torna servos. Muitos novos convertidos são levados a acreditar que estão sendo treinados para serem “os líderes do amanhã”. Na verdade, a palavra *líder* raramente aparece no Novo Testamento. Perdemos a visão do Mestre cujo Evangelho nos treina para sermos “os servos do amanhã”. Precisamos ter nossos pensamentos profundamente renovados.

Somos também discípulos do nosso Mestre e, portanto, seus representantes

Somos chamados a dar visível expressão aos ensinamentos de Jesus. As pessoas inevitavelmente formam suas visões sobre o Senhor Jesus a partir de nossas vidas — afinal, somos “propriedade de Cristo”. A impressão que elas têm sobre Jesus provém de nós mesmos. Jesus anuncia esse princípio em outro “em verdade, em verdade”, ao dizer: “Quem recebe aquele que eu enviar, a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou” (Jo 13.20).

No ensino fundamental em que estudei, uma caixa de garrafa de leite era trazida para a sala toda manhã. As aulas eram interrompidas enquanto cada aluno participava do ritual diário de beber um terço de um litro de leite. Anos mais tarde, li que o povo japonês achava que “o povo escocês tinha cheiro de leite”. Isso não é uma surpresa. Se você não é de uma nação que bebe leite, imagino que o seu senso olfativo seja sensível a pessoas que bebem vários litros de leite toda semana. De modo similar, aqueles que não fumam sentem imediatamente quando um fumante entra em um elevador — apesar de o fumante nem perceber o odor que o cerca.

Podemos estabelecer aqui um paralelo espiritual. Todos nós deixamos o rastro de um aroma quando saímos de uma sala. As pessoas notam a “atmosfera” de nossas vidas; elas comentam sobre isso pelas nossas costas. Isso é especialmente verdade quando se trata de cristãos, porque, na maioria dos contextos, estamos em clara minoria. Todavia, será que “o aroma de Cristo” permanece quando saímos?¹³ A sua vida tem exalado a humildade e a graça de Jesus? Será que,

mesmo sem palavras, ela fala: “Eu sou um servo de Cristo e, portanto, quero servir a você também”?

Desafiador, eu sei. Entretanto, escute novamente o Mestre: “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17). Isso também não é nada de outro mundo, é? Eis uma análise de nossa saúde espiritual: perante quem eu, no meu íntimo, me ajoelhei e disse: “Sou o seu servo por amor de Jesus”?

Logo, devemos compreender o que Cristo fez e quem ele é. Nós também devemos compreender quem somos — seus servos e discípulos. Porém, antes de sairmos desta seção, há um elemento a mais para observarmos nos ensinamentos de Jesus.

Compreendendo como abençoar

“Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17).

Nas Escrituras, bem-aventurança, ou bênção, é uma ideia central com uma variedade de vocabulários. Ela se apresenta de Gênesis 1.22 a Apocalipse 22.14. Está fundamentada na aliança do amor de Deus para com o seu povo e seus propósitos de trazer-lhe felicidade genuína. O oposto disso é a “maldição”, que caracteriza uma vida apartada de Deus e antagônica a ele — uma vida que declina em disfunção, pobreza, destruição e, por fim, morte.

O Novo Testamento usa duas palavras gregas diferentes que a nossa versão no português traduz como “bem-aventurado”: *euologētos* (“bem falado” — Deus é “bem-aventurado” no sentido de que, por exemplo, nós “falamos bem” dele em nossos louvores; nós somos “bem-aventurados”, por exemplo, quando ele “fala bem” de nós em sua graça) e *makarios* (“feliz”, “afortunado”; a palavra usada aqui e nas bem-aventuranças de Mateus 5.1-12).

Tanto no registro de Mateus sobre o Sermão da Montanha quanto no registro de João sobre o cenáculo, Jesus está descrevendo a vida abençoada (*makarios*) dos discípulos. Em ambos os contextos, ele indica que há algo contraintuitivo a respeito desse assunto; o caminho de subida na verdade é um caminho de descida. Isso envolve sermos livres de nossa obsessão por nós mesmos e por efemeridades, bem como abrirmos nossas mãos para Deus, liberando todas as coisas terrenas que temos agarrado como nossos bens maiores. Assim, podemos então receber a Cristo e todas as bênçãos espirituais que provêm dele com ambas as mãos livres. Como resultado, tornamo-nos cada vez mais como ele.

Jesus está ensinando aos discípulos um princípio vital. Compreender é importante. O conhecimento é essencial. Entretanto, a bem-aventurança não vem meramente através do conhecimento ou do entendimento. A bênção vem da obediência, do pôr o que sabemos em prática. Há uma bênção que nós nunca experimentaremos enquanto insistirmos em defender nossa própria dignidade. Contudo, acabaremos por experimentá-la se estivermos dispostos a nos ajoelhar e servir àqueles que não merecem a graça do nosso Senhor Jesus Cristo.

E quem a merece? Certamente, não nós! Portanto, o que aprendemos com isso? A questão é que o modo como a bênção age é através da servidão — não somente para benefício próprio ou de outros, mas em prol do Reino de Deus. Por meio da maior ação contracultural já vista, Jesus escolheu agir deste modo: o Senhor da glória lavando os pés sujos dos discípulos (o que os anjos devem ter pensado que ele estava fazendo?).

O que, então, significa compreendê-lo e segui-lo? Significa abrir mão de nossa dignidade para nos cingirmos com uma toalha de servo. Significa abrir mão de ficar em pé perante os outros para nos ajoelharmos. Significa abrir mão de nossa individualidade para servirmos de forma

humilde. Significa estarmos dispostos a agir como escravos por amor a Jesus.

Nunca devemos nos esquecer de que o Senhor Jesus está disposto a lavar o calcanhar que se levantou para esmagá-lo.

Capítulo 3 - Da tribulação à glória

João 13.21-31

Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. Então, os discípulos olharam uns para os outros, sem saber a quem ele se referia. Ora, ali estava conchegado a Jesus um dos seus discípulos, aquele a quem ele amava; a esse fez Simão Pedro sinal, dizendo-lhe: Pergunta a quem ele se refere. Então, aquele discípulo, reclinando-se sobre o peito de Jesus, perguntou-lhe: Senhor, quem é? Respondeu Jesus: É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado. Tomou, pois, um pedaço de pão e, tendo-o molhado, deu-o a Judas, filho de Simão Iscariotes. E, após o bocado, imediatamente, entrou nele Satanás. Então, disse Jesus: O que pretendes fazer, faze-o depressa. Nenhum, porém, dos que estavam à mesa percebeu a que fim lhe dissera isto. Pois, como Judas era quem trazia a bolsa, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres. Ele, tendo recebido o bocado, saiu logo. E era noite. Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele.

Algo extraordinário acontece no cenáculo no curto período que João descreve em apenas onze versículos (Jo 13.21-31). A atmosfera muda drasticamente: “Ditas estas coisas, angustiou-se Jesus em espírito e afirmou: Em verdade, em verdade vos digo que um dentre vós me trairá” (Jo 13.21). Entretanto, alguns versos depois, “disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (Jo 13.31).

O que aconteceu para mudar essa atmosfera? “Judas... saiu.” Um dos contextos que permeiam o Evangelho de João é aquele que se refere à luz e às trevas¹⁴. Portanto, muito provavelmente ele pretende oferecer um duplo sentido quando diz que “era noite”. Mas a noite já tinha entrado naquele ambiente, no coração de Judas. Quando ele sai, a sala parece ser inundada de luz. O registro de João passa, então, a nos levar ao próprio coração de Cristo e ao que ele veio para fazer.

A pintura mais famosa na galeria de arte da minha cidade natal não é de Rembrandt ou Van Gogh, mas uma obra de Salvador Dalí intitulada *Cristo de São João da Cruz*. É uma

representação enorme e intensamente dramática de Cristo na cruz — uma obra de aproximadamente dois metros de altura por um de largura.

O que mais nos chama a atenção na pintura de Dalí é que a visão do expectador é de cima; é como se estivéssemos numa posição superior, contemplando, de cima para baixo, o tronco musculoso e a cabeça curvada de Cristo. Seu rosto está escondido de nós. A cruz parece estar flutuando em um céu escuro (em nossa direção ou para longe de nós?). Ela paira sobre uma extensão aquífera, próxima a uma margem na qual um barco pesqueiro está ancorado.

Muitos retratos teológicos liberais de Cristo parecem ser versões um pouco mais exageradas das próprias visões de vida e mundo de seus autores. Algo similar também ocorre na representação de Cristo que Dalí pintou. Ele disse que sua inspiração veio de um “sonho cósmico”. Seu Cristo personifica uma visão de mundo: Cristo para ele era “a própria unidade do universo”.

A maioria dos visitantes da galeria de arte não são críticos (que sempre dividiram as opiniões sobre os méritos das obras de Dalí). Eu suspeito que muitos espectadores acreditam que a referência para o título da pintura é o apóstolo João. No entanto, o Cristo de Dalí não é o Cristo do Evangelho de João.¹⁵ Não há feridas em seu corpo musculoso, não há marcas de açoites em seus ombros, muito menos sangue. Eu me lembro de quando era aluno e li alguns comentários de Francis Schaeffer sobre essa pintura. Ele fez uma observação simples, mas importante, de que, na obra de Dalí, a cruz nunca toca a terra. Talvez seja por isso que o título de Dalí se refere ao místico espanhol João da Cruz (1542-1591).

Entretanto, o Cristo do Evangelho de João não é uma figura mística; ele é o Verbo feito carne, que viveu em nosso mundo, experimentou nossa dor, foi desprezado e rejeitado, e carregou nossos pecados. No cenáculo, ele estava sobrecarregado por saber que um de seus companheiros mais íntimos, o tesoureiro dos discípulos, o trairia, além de saber do sofrimento que viveria, acompanhado da sensação de abandono de Deus.

Esse é o Cristo de João, o evangelista. Aqui, João acaba de registrar a exortação do Senhor para que os discípulos sigam o seu exemplo. Porém, agora, ele parece congelar a ação por um momento, de modo que reflitamos sobre o custo elevado da realidade para a qual a parábola do lava-pés aponta.

Nesse momento, Jesus deixa claro sua referência anterior ao Salmo 41: “Um dentre vós me trairá” (Jo 13.21). Um eco de “Será que sou eu?” inunda o ambiente (conforme Mt 26.22; Mc 14.19). Podemos praticamente ver Pedro, agora mais sereno, balbuciando para João, que estava próximo a Jesus, as palavras: “Pergunte para ele quem é”. Ele pergunta. Jesus, então, responde: “É aquele a quem eu der o pedaço de pão molhado” (Jo 13.26). E João observa enquanto o pedaço de pão é dado a Judas Iscariotes.

Angustiado em espírito

Sem dúvidas Jesus “angustiou-se em espírito” (Jo 13.21). Em contextos como esse, o verbo que João usa (em grego, *tarassō*) tem o sentido de estar agitado, perplexo ou abalado. É um dos vários termos que os escritores dos Evangelhos empregam para descrever a tormenta que Jesus experimentou naquela noite. É um termo forte — apesar de não ser o mais forte, pois ainda há outro por vir.

Os outros Evangelhos usam uma linguagem similar, especialmente quando se referem à experiência de Jesus no jardim do Getsêmani. Lá ele tem uma espécie de profunda saudade do seu lar celestial, enquanto contempla a si mesmo tomando o cálice do jugamento divino.¹⁶

Refleta sobre o termo “angustiou-se” por um momento. Pode ser que isso ative um alerta em sua memória. Alguns versículos mais à frente, Jesus, que aqui está angustiado, dirá aos seus discípulos que não se angustiem (Jo 14.1, NAA). João usa o mesmo verbo em ambos os casos. Você consegue perceber alguma conexão? Precisaremos refletir sobre isso mais tarde.

O motivo de Jesus encontrar-se angustiado em espírito é porque seu traidor está presente no cenáculo. Em um ambiente, uma única pessoa pode estragar toda uma atmosfera. Então, aqui, podemos compreender que o espírito de Jesus, por sua profunda sensibilidade, foi abatido pela presença de Judas.

Como Judas foi capaz de trair Jesus? Ele esteve com Jesus por três anos, escutou suas pregações incontáveis vezes, viu os seus milagres de compaixão e poder, além de ter professado ser seu discípulo. Ele até mesmo foi indicado para o cargo de confiança de tesoureiro dos discípulos. Mesmo assim, alimentou um ressentimento contra o Senhor Jesus. E isso deve ter atormentado o coração do Salvador por algum tempo, a ponto de alcançar um nível de profunda angústia.

Mesmo nesse momento, os discípulos ainda não conseguiam compreender o que realmente estava acontecendo. Por outro lado, nós, como leitores do Evangelho de João, já recebemos dicas de que devemos ficar com os olhos atentos a Judas Iscariotes.¹⁷

O traidor é revelado

Desde João 6.71, podemos perceber que Judas trairá o Senhor. Também sabemos que ele estava roubando dinheiro da tesouraria dos discípulos (Jo 12.4-6). Quando Jesus foi ungido com um valioso perfume por Maria de Betânia num ato de gratidão, Judas murmurou: “Esse bálsamo vale um ano de salário. Poderia ser vendido, e nós poderíamos ter usado o dinheiro para dar aos pobres”. O que ele realmente quis dizer foi que ele poderia ter usado o dinheiro para si mesmo. Parece, porém, que todos confiavam nele sem questionar — tanto que, quando Jesus disse: “O que pretendes fazer, faze-o depressa” (Jo 13.27), todos acharam que ele também estava indo comprar algo relacionado ao banquete ou executar algum ato de misericórdia relacionado à Páscoa (Jo 13.29).

Logo, como Jesus sabia sobre Judas? Antes de tudo, ele sabia que alguém o trairia. Já havia sido profetizado nas Escrituras: “[Aquele] que comia do meu pão, levantou contra mim o calcanhar” (Sl 41.9). Seria a expressão “levantou contra mim o calcanhar” propositadamente semelhante à promessa de Gênesis 3.15, na qual se diz que a serpente feriria o calcanhar do Salvador? É como se, ao buscar ferir o Salvador, o diabo, por assim dizer, falhasse ao tentar atingir sua cabeça e acertasse somente o seu calcanhar. Jesus conhecia a Bíblia Hebraica. Ele sabia que havia uma profecia que se estendia desde Gênesis 3.15 até o Salmo 41.9 e ainda além, a qual seria cumprida nele.

Todavia, como Jesus sabia que a profecia seria cumprida especificamente por meio de Judas Iscariotes? Nós podemos pensar: “Bem, é claro que ele sabia que seria Judas. Afinal, Jesus era Deus”. Entretanto, nos Evangelhos, Jesus, de forma característica, discerne os propósitos de Deus com base nas Escrituras e com a ajuda que o Espírito Santo lhe dá para interpretar e aplicar as Sagradas Palavras. Ele também, assim como João disse anteriormente, sabia o que habitava no

coração das pessoas (Jo 2.24-25). Jesus conhecia as Escrituras e conhecia Judas — e daí tirou suas próprias conclusões.

Isso é discernimento espiritual. Às vezes, nós também “sentimos” coisas a respeito das pessoas — por exemplo, se podemos confiar nelas ou não. Podemos não ser capazes de expressar em palavras o que exatamente sentimos, mas sabemos que há algumas pessoas em quem não podemos confiar completamente. Se isso acontece conosco, que sofremos os efeitos da insensibilidade que o pecado gera, quanto mais com o nosso Salvador, sem pecado algum, que tinha uma sensibilidade muito maior para discernir quem as pessoas realmente eram. Ele é o Verbo de Deus, apto “para discernir os pensamentos e propósitos do coração... todas as coisas estão descobertas e patentes aos olhos daquele a quem temos de prestar contas” (Hb 4.12-13). Ele pôde discernir os sinais proféticos quando Judas se distanciou dele. Ele viu o seu espírito de ingratidão — quando Judas viu Jesus sendo gracioso com Maria, foi repellido por aquela atmosfera, e não atraído (Jo 12.1-8).

Nós geralmente acreditamos que, quando as pessoas veem um ato de amor, respondem de forma positiva. E, com o amor de Jesus, isso é ainda mais real. Talvez você tenha entendido isso quando viu a graça de Cristo na vida de alguém ou na história do Evangelho. Porém, na verdade, você o rejeitou, fugiu e procurou se proteger dele, ou talvez tenha desprezado a pessoa em cuja vida você viu e sentiu a presença de Cristo.

Portanto, a graça que salva e está presente na vida dos outros serve como um tipo de termômetro para indicar se realmente somos espirituais. Ao observar ao nosso redor, por mais contraintuitivo que pareça ser, nesse aspecto, por natureza, as pessoas preferem a lei à graça. Elas acham que conseguem cumprir a lei se firmarem sua mente nos mandamentos e compensarem qualquer culpa passada prometendo “ser alguém melhor”. Entretanto, não é possível “cumprir” a graça. Aceitar a graça de Deus é uma indicação de que você percebe que não há nada que possa fazer para compensar seus pecados.

As pessoas também pensam que a lei é impessoal, controlável e maleável. Mas o Senhor Jesus, que é a graça de Deus, é mais pessoal e desafiador. Com ele não há uma questão de fazer melhor, e sim de compreender nossa incapacidade e clamar por sua graça salvadora. E isso requer humildade. Por esse motivo, até mesmo pessoas que sabem que transgrediram a lei de Deus, pessoas cujas vidas se tornaram corrompidas e são atormentadas pela culpa ou vergonha, recusam a graça.

Judas deve ter sido esse tipo de pessoa. Ele viu a graça na vida de Jesus e escutou suas palavras. Entretanto, recusou tal graça e reagiu contra ela. O que repeliu Judas e o enviou direto para sua traição foi “a graça do Senhor Jesus Cristo” (2Co 13.13)!

Certa vez, um pastor me contou sobre uma médica que lhe telefonou em grande tormenta. Ele concordou em encontrá-la para um café num hotel local (uma prática desaconselhável aos pastores atualmente). Ela lhe contou sua história e explicou o que a estava perturbando. Ele respondeu de forma simples: “Você alguma vez já pediu perdão por seus pecados?”. Ela se irritou, pegou suas coisas e deixou o hotel. O que ela queria era que lhe dissessem como ser curada, mas ela recusou o remédio que poderia perdoar seus pecados e livrá-la da culpa. Ao invés de confiar no que Alguém fez por ela, preferiu voltar à sua vida de tormenta confiando em seus próprios esforços. Ela recusou dizer:

Não pode o trabalho das minhas mãos
Cumprir a exigência da lei;
Alívio meu zelo não alcançaria,
Por mais que as minhas lágrimas para sempre fluíssem,

Pois meu pecado não poderia eu expiar;
Tu salvas, tu somente.

Nada trago em minhas mãos,
Simplesmente me agarro à tua cruz;
Nu, venho a ti para vestir-me;
Desesperado, olho para tua graça;
Sujo, para a Fonte eu voo;
Purifica-me, Salvador, ou morrerei.¹⁸

Há momentos em que a própria menção da graça do perdão em Jesus Cristo provoca uma hostilidade interna. Assim deve ter acontecido com Judas, mesmo que, em seu caso, ele tenha se tornado especialista em mascarar tal fato.

Será que, quando Jesus começou a desmascará-lo e indicar que conhecia a profunda escuridão escondida em seu coração, Judas se juntou aos outros discípulos e, talvez apenas por um segundo, perguntou: “Senhor, esse sou eu?”, ou permaneceu de lábios cerrados e em silêncio? Provavelmente, ele deve ter se sentido aliviado ao sair da sala. Agora, ele precisava ver Jesus apenas mais uma vez — para identificá-lo através do sinal do beijo da traição. Será que ele desviou os olhos do Salvador ajoelhado? Ou, olhando friamente, disse: “Como assim?! Como você pode pôr suas mãos graciosas sobre meus pés sujos?”.

Alguns cristãos sentem-se desconfortáveis ao imaginar que Jesus lavou os pés de Judas. Muitos podem pensar: “Certamente ele não lavou. Como poderia fazer isso? Não os de Judas!”. Porventura, pode isso, de alguma forma, refletir o fato de que há pés que essas mesmas pessoas nunca lavariam?

Judas não estava disposto a receber Jesus. No fundo, para ele, Jesus tinha o mesmo valor de um escravo. De modo trágico, ele é a clara ilustração das palavras de Hebreus no Novo Testamento: “É impossível, pois, que aqueles que uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se tornaram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus e os poderes do mundo vindouro, e caíram, sim, é impossível outra vez renová-los para arrependimento, visto que, de novo, estão crucificando para si mesmos o Filho de Deus e expondo-o à ignomínia” (Hb 6.4-6).

Jesus se atribulou em espírito. Ele revelou seu traidor. E, conforme ele passava o pão para Judas Iscariotes, selou o destino dele.

Destino definido

A essa altura da narrativa do Evangelho, Jesus já se tornou uma vítima de Judas. Logo chegarão a guarda do templo e os líderes judeus. Depois, virão os soldados romanos, os quais o humilharão. Cristo será zombado, golpeado, cuspidado, açoitado e crucificado. Juntas, as autoridades religiosas e seculares conspirarão para destruí-lo.

Contudo, nenhum desses indivíduos ou grupos, nem todos juntos, tem a autoridade ou o poder para definir o destino de Jesus — embora, sem exceção, acreditem ter esse poder em mãos. Em todos os momentos, é o próprio Jesus que detém o controle da situação. Agora, já que o plano do Pai está prestes a ser concretizado, ele despede Judas para fazer o seu trabalho. Em outras palavras, ele diz: “O que você pretende fazer, fará de acordo com o plano do meu Pai e sob seu controle soberano; e isso, por fim, será para minha glória e para salvação do mundo”. Conforme Martinho Lutero uma vez afirmou: “Até o diabo é o diabo de Deus”.

Aqui, portanto, trata-se de Judas Iscariotes. E, por detrás dele, esconde-se o diabo, que busca destruir Jesus. Entretanto, ele sabe que isso não levará Cristo à destruição. A serpente ferirá seu calcanhar, mas esse calcanhar ferido pisará a cabeça da serpente. A vitória será sua eternamente.

Por esse motivo, quando Judas deixa o cenáculo, a atmosfera muda. Tudo fica mais claro. A escuridão do lado de fora não pode destruir a glória que está surgindo do lado de dentro.

Capítulo 4 - Mudanças na atmosfera

João 13.31-38

Quando ele saiu, disse Jesus: Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo; e glorificá-lo-á imediatamente. Filhinhos, ainda por um pouco estou convosco; buscar-me-eis, e o que eu disse aos judeus também agora vos digo a vós outros: para onde eu vou, vós não podeis ir. Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros. Perguntou-lhe Simão Pedro: Senhor, para onde vais? Respondeu Jesus: Para onde vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém, me seguirás. Replicou Pedro: Senhor, por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida. Respondeu Jesus: Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes.

As cortinas começam a se fechar ao fim do primeiro ato da cena no cenáculo, e já começamos a perceber a veracidade da afirmação de Calvino de que o Evangelho de João nos mostra a alma de Cristo. A atmosfera no cenáculo continua mudando. Perguntas e respostas, orgulho e humildade, vergonha e alegria, traição e fidelidade estão todos lá.

Porém, Judas deixa a sala. Para Jesus, não existe a possibilidade de não seguir o caminho da cruz, e, pelo menos em alguma medida, ele parece aliviado. Agora, somente aqueles que estão “limpos” o cercam (Jo 13.10; 15.3). Aquele de escuro coração que estava entre eles acaba de sair para a noite sombria do lado de fora (Jo 13.30). A sala se torna mais clara, a atmosfera parece mais limpa e brilhante, até mais tranquila. Jesus sente isso e explica o porquê aos seus discípulos: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele” (Jo 13.31).

A sorte está lançada. Jesus cruzou o Rubicão.¹⁹ Não há como voltar atrás. A agonia da paixão ainda o espera. Agora o caminho é irreversível, porém ele está consciente da “alegria que lhe estava proposta”. Aqui, parece que a alma de Cristo está em regozijo, embora a vergonha que ele ainda havia de enfrentar estivesse por vir (Hb 12.2).

Glorificado

Após a saída de Judas, a linguagem de Jesus se apresenta de forma tão diferente, que os discípulos devem ter percebido que algo havia mudado. Alguns minutos atrás, ele estava com o espírito angustiado, mas agora está falando sobre a sua glorificação. O momento de crise já havia passado. É certo que esse não seria o último que ele passaria, mas um fardo havia saído de seus ombros, e aquele momento de confronto já havia passado. Agora, o caminho, embora escuro, estava claro.

No início de seu ministério, Jesus tinha evitado fazer “obras milagrosas” em Nazaré “por causa da incredulidade deles” (Mt 13.58). Seria inapropriado; ele só estaria jogando pérolas aos porcos, segundo suas próprias palavras (Mt 7.6). No cenáculo, havia uma situação parecida. Ele evitou abrir o seu coração por completo enquanto Judas, o incrédulo, estava presente. Contudo, quando o traidor se retirou de sua presença, Jesus se abriu para revelar os segredos que podia compartilhar. Até porque era inapropriado para o Salvador dar “aos cães o que é santo” (Mt 7.6).

Jesus fala, pois, em diferentes tons: “Agora, foi glorificado o Filho do Homem, e Deus foi glorificado nele; se Deus foi glorificado nele, também Deus o glorificará nele mesmo” (Jo 13.31-32).

Esse é o momento que esperamos desde o início do Evangelho de João. Foi prometido no prólogo: “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai” (Jo 1.14). Houve um vislumbre da sua glória na primeira semana do seu ministério público, quando Jesus transformou água em vinho (Jo 2.11). João nos deu pistas do que aconteceria de forma grandiosa mais tarde, quando escreveu que “o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado” (Jo 7.39). Mais tarde, quando Lázaro morreu, Jesus falou sobre esse episódio como um catalisador para a revelação de sua glória (Jo 11.4). Em certo sentido, Cristo revelou sua glória ao ressuscitar Lázaro, mas uma revelação mais profunda ainda estava por vir. Aquele evento fez com que os líderes religiosos buscassem sua morte e o levassem, por fim, à crucificação (Jo 11.43-53; 12.9-11). Isso — embora os discípulos ainda não conseguissem compreender — foi o prelúdio de sua ressurreição gloriosa.

Logo, no Evangelho de João, a glorificação de Jesus começa com sua “subida” à cruz. Ele disse que, por meio da cruz, traria todos os povos para si (Jo 12.32). Mas o que o Salvador quis dizer quando falou de ser glorificado?

Uma pista importante aparece na forma como ele se refere a si mesmo quando diz que será glorificado como Filho do Homem. Jesus é o Filho de Deus e o Filho do Homem. Ele é, ao mesmo tempo, divino e humano. Porém, há mais significado no título Filho do Homem, por uma razão óbvia: com exceção de Estevão (At 7.56), Jesus é o único a utilizar esse termo no Novo Testamento.

“Filho do Homem” pode simplesmente se referir ao “homem” criado para ser a imagem de Deus e servi-lo (Sl 8.4). Deus frequentemente se refere a Ezequiel como “filho do homem” (Ez 2.1 e outros versículos). Entretanto, também é dado esse título à figura que aparece na visão de Daniel 7.9-14, 27:

Continuei olhando, até que foram postos uns tronos, e o Ancião de Dias se assentou; sua veste era branca como a neve, e os cabelos da cabeça, como a pura lã; o seu trono eram chamas de fogo, e suas rodas eram fogo ardente. Um rio de fogo manava e saía de diante dele; milhares de milhares o serviam, e miríades de miríades estavam diante dele; assentou-

se o tribunal, e se abriram os livros. Então, estive olhando, por causa da voz das insolentes palavras que o chifre proferia; estive olhando e vi que o animal foi morto, e o seu corpo desfeito e entregue para ser queimado. Quanto aos outros animais, foi-lhes tirado o domínio; todavia, foi-lhes dada prolongação de vida por um prazo e um tempo. Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído. [...] O reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o seu reino será reino eterno, e todos os domínios o servirão e lhe obedecerão.

Esse filho do homem ascende triunfantemente ao trono do Ancião de Dias. “O animal” e “os outros animais” inimigos foram derrotados. Como vitorioso, ele compartilha as revelações de seu triunfo com os santos do Altíssimo. A ele é dado o domínio e o governo do universo por toda a eternidade.

Na verdade, essa cena tem raízes firmadas desde o Salmo 8 até o jardim do Éden. Deus criou o homem, macho e fêmea, como sua imagem, com a finalidade de refletir o seu caráter em forma humana e exercer domínio sobre a terra, de uma forma que espelhasse o domínio de Deus sobre toda a criação. A Queda, no entanto, levou tudo isso a um fim desastroso.

O que Daniel vê é um fragmento da história de como Deus trará uma reviravolta e restauração gloriosa através da encarnação, ministério, morte, ressurreição e ascensão do Senhor Jesus Cristo.

Conforme Jesus meditava na promessa de Gênesis 3.15, percebia que, no Antigo Testamento, a Semente da mulher era retratada por meio de diferentes imagens: o Sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, o Profeta semelhante a Moisés, o Rei semelhante a Davi, o Servo Sofredor profetizado por Isaías, assim como o Filho do Homem retratado na visão de Daniel. Todas essas imagens resultariam numa única pessoa — o próprio Jesus. Seu trabalho multidimensional precisava ser descrito de maneira multipessoal.

Então, enquanto o título Filho do Homem se refere à humanidade do nosso Senhor — e sua humilhação como Servo Sofredor —, essa referência particularmente tem como objetivo sua exaltação à direita do Pai. Ela se refere à expansão do seu reinado após o conflito e combate do seu inimigo. Ele exerceria “domínio”, porque, como resultado de sua vitória, “toda autoridade nos céus e na terra” seria sua (Mt 28.18 claramente ecoa Dn 7.14, o qual, por sua vez, também reflete Sl 8.6, que, de modo similar, se refere a Gn 1.28).

O que não estava claro na visão de Daniel, embora houvesse pistas sobre esse assunto na referência aos animais, era que a ascensão do Filho do Homem aconteceria por meio da sua vinda a um mundo que era escravizado pelo poder das trevas, sobre as quais ele prevaleceria. O Filho do Homem também foi o Servo Sofredor. O Sacerdote que entrou na presença de Deus carregava o seu próprio sangue expiatório; o trono de coroação do Rei se apresenta ao fim da Via Dolorosa.

Assim, quando Jesus diz que “é chegada a hora de ser glorificado o Filho do Homem” (Jo

12.23), tudo isso está em vista. Até mesmo quando é desprezado por Caifás, ele é confortado pela “alegria que lhe estava proposta” (Hb 12.2) e sabe que, como Filho do Homem, em breve estará “à direita do Todo-Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu” (Mt 26.64). A “vinda” descrita aqui, uma vez que reflete Daniel 7.13-14, pode não só se referir à segunda vinda de Cristo em glória, mas também à sua ida ao Pai para receber glória.

Todo esse contexto Jesus já tinha ilustrado através do ato do lava-pés. Ao se ajoelhar, ele apresentava o preâmbulo de seu reinado; sua vergonha serviu como precursora para sua glória. Jesus será glorificado como o Filho do Homem, e o seu Pai será glorificado em sua obediência.

Esse aspecto é regularmente apontado no Evangelho de João. Jesus estava consciente de que o Pai o tinha enviado; o seu chamado era viver para o projeto do Pai (Jo 2.4; 7.6, 8, 30; 8.20; 12.23, 27; 13.1). Sua obediência “até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8) demonstrou a grandiosidade de seu Pai celestial, o qual era digno de uma obediência que não tinha limites.

Portanto, há uma dupla glorificação aqui: o Filho deve ser glorificado pelo Pai, e o Pai deve ser glorificado pelo Filho. Mas como Deus glorificará o Filho do Homem “de uma vez por todas” (Jo 13.32)?

Parte da resposta é que a crucificação de Jesus em breve será seguida por sua ressurreição, quando ele for “designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.4). Mas há ainda mais detalhes implícitos.

Jesus será tentado, condenado e sumariamente executado como um criminoso. Contudo, os escritores dos Evangelhos indicam um paradoxo que ocorre em cada etapa desse processo: os acusadores de Jesus percebem que ele não é culpado. O Sinédrio não consegue fazer suas acusações prevalecerem, e suas testemunhas se contradizem; Pilatos não consegue encontrar culpa nele; a multidão que clama por sua execução não consegue provar que ele é culpado; um criminoso condenado reconhece que “este nenhum mal fez” (Lc 23.41); até mesmo o centurião responsável por sua acusação confessa: “Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus” (Mc 15.39).

Essas repetidas confissões de sua inocência percorrem os relatos da paixão de Cristo como uma mensagem codificada. Aqueles que o condenaram se tornarão porta-vozes para outro veredito que será publicamente anunciado por Deus em sua ressurreição. Então, sua perfeita vida sem pecado e sua completa obediência serão conhecidas; ele será ressuscitado pela glória do Pai para compartilhar sua glória (Rm 6.4).

Qual é a chave para desvendarmos essa mensagem codificada? Por que todos os que o julgaram o declaram inocente, mas, mesmo assim, participam de sua condenação e morte? O salário do pecado é a morte (Rm 6.23). Entretanto, se Jesus não está morrendo por seus próprios pecados, então pelos pecados de quem ele está morrendo? Ao elaborarmos as perguntas desta forma, obtemos a resposta do Novo Testamento: “Deus estava em Cristo [...] não imputando aos homens as suas transgressões [...]. Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus” (2Co 5.19, 21).

Será possível que eu tenha
Alguma participação no sangue de Cristo?
Morreu ele por mim, que causei sua dor —
Por mim, que busquei sua morte?
Quão grande amor! Como será possível
Que tu, meu Deus, morras por mim?²⁰

Se seguirmos a lógica do Evangelho de João, veremos a crucificação de Jesus não como um evento que evoca um sentimento de tristeza, e sim como o início de sua glorificação. Até mesmo a inscrição de Pilatos fixada na cruz proclamou Cristo como “Jesus Nazareno, o Rei dos Judeus” nas três línguas do antigo Oriente Médio e do Império Romano — hebraico, latim e grego (Jo 19.19-20). A glória de sua verdadeira identidade surgiria numa dimensão mais profunda em sua ressurreição, ascensão e, posteriormente, no derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Por fim, essa glória será apresentada novamente quando ele voltar em poder na ressurreição dos últimos dias. No entanto, ela já começou desde a cruz.

Como resultado do que Jesus fez ao carregar nossos pecados, a cruz se tornou uma prova irrefutável do amor de Deus por nós (Rm 5.8). O Cristo crucificado trouxe perdão de pecados e nova vida para todos que creem e inaugurou o chamado para que todos componham a família de Deus eternamente. Tudo isso é para a glória do Filho. Os primeiros pais da igreja costumavam dizer que Cristo estendeu os seus braços na cruz para que ele pudesse abraçar pessoas de todas as tribos e línguas, todos os povos e nações, até os confins da terra e até o fim dos dias. O fato de você ter este livro em suas mãos hoje, estar refletindo sobre o Evangelho de João e estar lendo sobre a salvação de Cristo, tudo isso são indicações de que Deus começou a glorificar o seu Filho por toda a terra. Nós somos o presente do Pai para ele, por tudo o que fez por nós. Assim é como Cristo via as coisas. Há glória na cruz. Ele não é uma vítima, mas o Vitorioso.

É claro que uma nuvem escura em breve voltará sobre o espírito do Salvador. Ele estará prostrado no jardim do Getsêmani. Ele sentirá sede e chorará na cruz do Calvário. Lá, porém, ele estava reafirmando aos seus discípulos o que, havia muito tempo, ele já sabia. Existia uma realidade mais profunda do que a agonia do Getsêmani e do Calvário.

A morte substitutiva de Jesus não demonstrava, de forma alguma, “maus-tratos” do Pai para com o Filho — como muitos dizem, ignorando de forma impressionante tanto as Escrituras quanto toda a história da teologia cristã. A cruz é o ponto alto desse amor entre Pai e Filho.

Portanto, durante a escuridão do Getsêmani e a agonia do Calvário, seria possível que o Pai cantasse:

Meu Jesus, eu te amo,
Eu sei que tu és meu...
Se alguma vez te amei, meu Jesus, é agora.²¹

Contudo, no momento, é dada a Jesus uma clara sensação, mesmo que momentânea, da alegria que lhe estava proposta, e isso lhe permitirá suportar a cruz e desprezar a vergonha. Ele sabe que esse é o caminho para o trono.

Por gerações e até hoje, os presbiterianos escoceses cantam o Salmo 24.7-10 durante os cultos públicos. Através desses versículos de glorificação, eles veem a ascensão de Cristo prefigurada. Imaginam o Senhor Jesus triunfante aproximando-se da cidade de glória celestial, e sua comitiva angelical anunciando a sua entrada:

Levantai, ó portas, as vossas cabeças;
levantai-vos, ó portais eternos,
para que entre o Rei da Glória.
Os anjos e os arcanjos da guarda nas fortalezas celestiais
respondem à grande pergunta:
Quem é o Rei da Glória?
E recebem a resposta:

O Senhor, forte e poderoso,
o Senhor, poderoso nas batalhas.
E, então, a ordem de comando é repetida:
Levantai, ó portas, as vossas cabeças;
levantai-vos, ó portais eternos,
para que entre o Rei da Glória.
Aleluia! Aleluia!
Aleluia! Aleluia! Aleluia!
Amém, Amém, Amém.²²

Em antecipação àquela hora, a luz do amor do Pai pelo Filho inundou o cenáculo. Sustentado por esse amor, Jesus será obediente tanto no Getsêmani quanto no Calvário, assim como em todos os momentos entre esses dois episódios.

Mais uma mudança na atmosfera

Mais uma vez, Jesus direciona sua atenção aos discípulos. Em breve será apartado deles, deixando-os confusos e desolados. Para onde ele está indo, eles não podem acompanhá-lo (Jo 13.33). Num futuro próximo, ele dirá palavras de conforto. Agora, porém, quer marcar naqueles corações a importância do que eles acabaram de testemunhar: “Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros; assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros” (Jo 13.34-35).

O que eles acabaram de ver e ouvir carrega uma simples implicação: uma vez que Cristo lhes mostra o seu amor, como resposta eles devem mostrar tal amor uns aos outros. Este é o “novo mandamento”. Como João explica no Evangelho, o termo “novo” não carrega o sentido de “inédito”. Trata-se do “antigo” mandamento de amar a Deus e a nosso próximo. Entretanto, ele passa a ter uma nova importância na sua plenitude em Jesus. Ele mostrou que amar o próximo inclui amar os inimigos. É isso que o torna um “novo mandamento, [...] que é verdadeiro nele e em vós” (1Jo 2.8). De fato, esse mandamento se tornou realidade entre os discípulos, tanto que um dos primeiros teólogos da antiguidade, Tertuliano, pôde recorrer ao testemunho dos pagãos: “Vejam como esses cristãos amam uns aos outros”, o que se tornou uma apologética poderosa para o Evangelho.²³

Todavia, o pobre Simão Pedro nem mesmo escutou o novo mandamento. Tudo que ele consegue pensar é na fala de Jesus sobre sua partida. Ele não consegue esconder sua reação: “Senhor, para onde vais? [...] por que não posso seguir-te agora? Por ti darei a própria vida” (Jo 13.36-37).

Será que ele ainda não tinha escutado? Ou talvez tivesse; mas, quando Jesus usou o verbo no passado (“eu vos amei”) e no futuro (“conhecerão todos”), de certa forma despertou nele um sentimento de incerteza sobre o presente. Ele não consegue se conter, pois precisa saber para onde Jesus irá. E, quando souber, nada na terra o impedirá de segui-lo. Por falar em amar uns aos outros, porventura Jesus não percebe que Pedro o ama mais do que a sua própria vida? Pedro entregaria sua vida pelo Mestre. Mas ele não tem ideia do que está dizendo.

Assim, ao ouvirmos, alguns minutos atrás, sobre a glorificação do Pai ao Senhor Jesus, somos levados a um mundo diferente, onde o fraco erroneamente acredita ser forte, e o que ama a Jesus

é informado de que o negará.

O maduro Agostinho de Hipona sabiamente escreveu: “Transformei-me, para mim mesmo, num enigma”.²⁴ Porém, Pedro não tinha dúvidas sobre si. Ele é um discípulo imaturo, curioso sobre os propósitos de Deus, que são muito maiores do que ele consegue compreender. De forma errada, ele acredita conhecer a si mesmo e a Jesus, mas ainda não entendeu o que Jesus repetidamente lhe disse. O seu Mestre será crucificado. Será que sua mente se recusou a compreender isso? Será que o motivo, pelo menos em parte, foi a insuportável implicação, isto é, o fato de que, se Jesus fosse crucificado, certamente seu sangue respingaria sobre as vestes de Pedro também?

Portanto, Simão Pedro ainda não compreende Jesus. Ele foi chamado para seguir um Salvador crucificado. Ele continua tendo dificuldades para aceitar isso. Embora não consiga entender nem a si mesmo, deixa escapar que está disposto a morrer por Jesus e, se necessário, até mesmo em seu lugar!

Nós não podemos fazer parte da ressurreição de Cristo sem participarmos do seu sofrimento e sermos feitos como ele em sua morte (Fp 3.10). Pedro pensou que isso era mais fácil de compreender do que realmente era. Jesus lhe diz que, primeiro, ele terá de trilhar o doloroso caminho de autoconhecimento: “Darás a vida por mim? Em verdade, em verdade te digo que jamais cantará o galo antes que me negues três vezes” (Jo 13.38).

Quando João escreveu seu Evangelho, não incluiu divisões de capítulos e números nos versículos. Às vezes, na Bíblia, isso não é muito útil, mas aqui a divisão é bastante apropriada. O capítulo começa com Cristo lavando os pés de Pedro e termina com um desafio para sua vida. De certa forma, esse capítulo aponta as necessidades e as falhas de um discípulo que, apesar de tudo, realmente amava o seu Senhor. Por ele, Cristo derramou o seu precioso sangue. Foi por “Simões Pedros” que ele deixou de lado suas vestes gloriosas, desceu ao mundo, tornou-se servo, carregou o fardo do nosso pecado, ressuscitou e ascendeu em majestade e glória. Foi para que Simão Pedro e todos como ele pudessem se unir a Cristo na ceia das bodas do Cordeiro. As palavras do nosso Senhor um dia se tornarão realidade: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (Jo 13.7).

Pedro, por fim, compreendeu. Ele nunca esqueceu essa cena. E, de acordo com a profecia de Jesus (Jo 21.18-19) e com a tradição mais confiável na igreja cristã, ele entendeu o que é estar disposto a entregar sua vida por Jesus.

Se houvesse um voto em nossas igrejas para escolher o nosso “Apóstolo Favorito”, o vencedor seria, muito provavelmente, Simão Pedro. E por que isso? Talvez porque, dentre todos os apóstolos, ele é o mais obviamente parecido conosco: um enigma e, com muita frequência, um fracasso. Além disso, de forma tão recorrente, ele também foi restaurado por esse Salvador maravilhoso e gracioso, assim como precisamos ser.

O pastor principal sob cuja liderança servi pela primeira vez pregou um dia sobre este texto: “Veio a palavra do Senhor, segunda vez, a Jonas, dizendo” (Jn 3.1). Ele deu ao sermão o título: “A falha nunca precisa ser o final”. Essas palavras frequentemente ecoam em meus pensamentos. Eu me assemelho a Pedro em suas imaturidades, incompreensões, falta de autoconhecimento e, sim, em sua falta de coragem. Você também. Porém, essas falhas nunca precisam ser o final, se o Salvador de Pedro também for o nosso Salvador.

Sempre que lermos o fim do Evangelho de João, descobriremos que essa é a mensagem que ele nos deixa. “O discípulo a quem Jesus amava” nos conta como Pedro, que amava a Cristo,

compreendeu que ele também era “o discípulo a quem Jesus amava” (Jo 21.20-24).

Com efeito, o Evangelho de João descreve apenas um discípulo com essas palavras, as quais costumam ser entendidas como: “amado mais do que os outros”. Contudo, e se elas significam que esse foi “o discípulo que descobriu o quanto Jesus o amava”? Se esse for o caso, essa é uma descoberta que todos nós podemos fazer.

Capítulo 5 - Via, Veritas, Vita

João 14.1-14

Não se turbe o vosso coração; credes em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também. E vós sabeis o caminho para onde eu vou. Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho? Respondeu-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto.

Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta. Disse-lhe Jesus: Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai; como dizes tu: Mostra-nos o Pai? Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras.

Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei.

Qual o versículo mais ouvido do Evangelho de João? Imediatamente nos vem à mente João 3.16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito...”. Ou seriam as palavras do prólogo (1.1-18)? Afinal, são lidas todo ano na época do Natal. Ou talvez a resposta mais provável seja João 14.1: “Não se turbe o vosso coração...”, trecho lido em quase todo funeral cristão.

Isso ajuda a explicar duas coisas:

1. Raramente ouvimos essas palavras refletimos sobre elas em seu contexto original. Se você perguntasse até mesmo a pessoas que vão à igreja com

frequência: “Quando Jesus disse estas palavras? E o que aconteceu antes e depois disso?”, elas teriam dificuldade em responder.

2. Somos propensos a ouvir e ler essas palavras como se estivessem sendo ditas diretamente a nós.

É assim que os cristãos — talvez em sua maioria — sempre leem a Bíblia. É claro que ela é relevante para nós hoje. Mas é importante lembrar que, como tudo o que Jesus disse no cenáculo, essas palavras foram ditas apenas para os apóstolos. Mesmo que possam se aplicar a nós, não estávamos lá.

Portanto, aqui está um princípio fundamental do estudo bíblico: primeiro, refletimos sobre o que as palavras comunicaram aos que as ouviram; depois, pensamos, com a ajuda do Espírito, em como elas se aplicam a nós.

Ao fazermos isso, começamos a elaborar perguntas das quais, de outra forma, nos esqueceríamos, perguntas que poderiam nos ajudar a ir mais a fundo no significado da passagem.

Aqui, por exemplo, pensar no contexto original de João 14.1 nos faz perguntar: como Jesus pôde dizer a seus discípulos: “Não se turbe o vosso coração”? Isso não viola uma regra básica do aconselhamento? Afinal, o problema deles é que estavam perturbados — e, aparentemente, por um bom motivo!

Se pessoas perturbadas pudessem se aliviar de seus problemas, elas o fariam. Será que lhes dizer que não se turbem não é apenas um conselho que causa desespero? Será que Jesus não sabia que não devia dizer isso?

Mas Jesus era especialista em aconselhar. Então, deve haver algo no contexto que nos ajude a entender o que ele está fazendo.

Além disso, se lermos as passagens em seu contexto, provavelmente perceberemos detalhes significativos. Aqui temos um exemplo importante: João tinha acabado de dizer que Jesus perturbou-se em seu espírito (13.21; o mesmo verbo é usado em 14.1). Jesus estava “perturbado” quando disse a seus discípulos que não se “perturbassem”! Isso não é “o sujo falar do mal lavado”? Um leitor atrevido poderia dizer: “Médico, cura-te a ti mesmo” (Lc 4.23).

Paradoxal? Sim, mas esse paradoxo dá uma pista para entender a exortação de Jesus a seus discípulos. Na verdade, de certa forma, isso nos aponta o próprio cerne do Evangelho. É porque Jesus estava perturbado que seus discípulos, do passado e do presente, não precisam se perturbar! Porque aquilo que causou sua perturbação — sua traição, prisão, vergonha, crucificação e abandono — é o fato de que ele estava levando sobre si o fardo de nossos problemas mais profundos: nossa culpa, nossa vergonha e nossa morte, que é o salário do pecado (Rm 6.23). É por saber e entender o que é estar perturbado que ele pode simpatizar conosco. Porque ele esteve perturbado, nele nossos corações perturbados podem encontrar paz.

O poder do conselho de Jesus está no fato de que ele explica por que e como o coração de seus discípulos não precisa turbar-se. É porque, apesar de haver motivos para seus corações estarem perturbados, há motivos ainda maiores para não deixar que isso aconteça. No restante da conversa, Jesus o explicará ainda mais ao tratar dos problemas de dois discípulos perturbados.

Então, qual é o conselho de Jesus para os corações perturbados? Aqui ele não está falando de perturbações triviais, mas sim de grandes perturbações. Ele estava profundamente agitado em espírito, e agora seus discípulos também estavam profundamente agitados. O mundo deles estava caindo aos pedaços. Eles estavam se sentindo desesperados e não tinham controle sobre a situação. Como é possível, nessas circunstâncias, ter um coração não perturbado? E, já aplicando, será que é possível que o cristão de hoje experimente tal serenidade celestial?

Conselho para corações perturbados

Por que os corações se perturbam? É porque as circunstâncias que nos ameaçam parecem maiores e mais fortes do que nossa capacidade de lidar com elas. Ficamos como os discípulos pegos pela tempestade no Mar da Galileia. Nossas habilidades e experiência não dão conta da situação.

Você já parou para pensar que Jesus foi um pouco indelicado com os discípulos ao perguntar: “Por que vocês estão com tanto medo?” Ora, eles tinham bons motivos para estar com medo: estavam se afogando! Mas a verdade é que Jesus estava gentilmente diagnosticando o problema. Ele perguntou: Vocês “ainda não têm fé?” (Mc 4.40, NVI). Em outras palavras, eles já tinham recurso suficiente no barco, isto é, Alguém mais forte do que os ventos e as ondas, mas não se lembraram dele — ou melhor, falharam em confiar nele.

Imagine que você entra em um avião. As malas são colocadas no bagageiro — 23 kg por mala para cada um dos talvez duzentos passageiros da classe econômica. Além disso, cada dos passageiros pesa vários quilos. Olhando pela janela, você vê os enormes motores. Alguma vez você já pensou: “Como os aviões saem do chão?” Não é porque os aviões são mais leves do que o ar nem porque a lei da gravidade tenha deixado de existir. Não, é porque as leis da aerodinâmica começam a funcionar: o impulso para voar é maior do que o peso puxando para baixo!

O mesmo vale para os cristãos. Provações e dificuldades, confusões e grandes tristezas nos puxam para baixo. Ser cristão não nos torna imunes a isso. Mas há outra lei em ação. Em Jesus Cristo, temos o recurso para superar tudo isso.

É isto que Paulo quis dizer: “Somos mais que vencedores”, não por nossas próprias forças, mas “por meio daquele que nos amou” (Rm 8.37).

A repreensão de Jesus não quis dizer: “Discípulos tolos, vocês são pescadores calejados e deveriam ter confiado em sua experiência”. Não, o que ele quis dizer foi: “Vocês estão no barco com o Filho de Deus, Criador da Galileia e Senhor do vento e das ondas, mas não confiaram em mim”. As circunstâncias cegaram os discípulos para a presença de seu Salvador. Eles estavam cheios de medo, e não de fé.

Tendo fé

Costumamos pensar em fé como algo passivo — talvez por falarmos de “receber” a Cristo. Contudo, há aspectos ativos na fé. Nossos sábios pais espirituais falavam sobre “fé ativa”, isto é, sobre exercer fé, apropriando-se das promessas de Deus, fixando nosso olhar em Cristo e em tudo o que ele é (Hb 3.1; 12.2).

Note, então, o conselho que Jesus dá aos corações perturbados: “Creiam, confiem em Deus; e confiem também em mim”.

Não deixem que seus corações se turbem. Antes de tudo, porque Deus é a segurança de vocês: “Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Pv 18.10). “Deus é nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente nas tribulações” (Sl 46.1). Não é à toa que, quando estavam desanimados, Martinho Lutero costumava dizer a seu jovem amigo Filipe Melâncton: “Venha, Filipe; vamos cantar o Salmo 46!”. Também não é de surpreender que sua aplicação parafraseada desse salmo, “Castelo Forte é Nosso Deus”, tenha se tornado o hino da Reforma.

Há um raciocínio implícito nas palavras de Jesus aos discípulos: “Confiem em Deus. Por isso, confiem também em mim”. Deus era o refúgio deles — eles já sabiam disso, pois conheciam o

Salmo 46 desde crianças. Mas agora já estavam com Jesus havia três anos e tinham bons motivos para confiar nele também, encontrando segurança nele. Os discípulos viram as obras poderosas que validaram Jesus como o Messias prometido; eles o ouviram falar de seu relacionamento ímpar com seu Pai celestial. Assim como viera ao mundo para salvá-los (Jo 3.16), agora ele estava deixando o mundo para preparar-lhes um lugar na presença de seu Pai: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também” (14.2-3).

Acompanhe aqui o poder do raciocínio de nosso Senhor, pois a força da fé está em entender isto:

A ação de Jesus: Estou deixando vocês

A explicação de Jesus: Vou preparar um lugar para vocês na casa e meu Pai

A conclusão de Jesus: Por isso, vou voltar para levá-los para casa

Percebe a lógica? Aquilo que os teólogos chamam de cristologia (quem Jesus é e o que ele faz) é a base para a soteriologia (como sua obra é aplicada em nossas vidas de forma salvadora). Vale a pena destacar o ponto: o poder da fé não está em nós nem na fé em si, mas sim em Cristo e na lógica do Evangelho. Mesmo uma fé fraca tem como objeto o forte Cristo.

Que paciência e serenidade nosso Senhor demonstra, em meio a um problema tão devastador. Seu amor por seus discípulos é tão grande, que ele parece se preocupar mais com o desconforto deles do que com o seu próprio. É por isso que eles e nós podemos confiar em Jesus sem reservas.

Pode levar tempo para entendermos isso — com certeza, levou tempo para os discípulos. No entanto, podemos ver a confiança que isso traz. Não obstante o que aconteça, o maior problema de nossas vidas já foi resolvido: nosso destino final é a casa do Pai. Até que nossa obra para o Senhor Jesus neste mundo esteja completa, somos imortais. Ele preparou um lugar para nós e está esperando o dia em que virá nos levar para casa, a fim de que estejamos com ele.

Não há como não entender o que isso significa — ou há? Se estas duas coisas são verdade — que ele vai preparar um lugar para seus discípulos e que ele vai voltar a fim de levá-los para lá —, então eles podiam ter certeza de que ele os guardaria nesse ínterim. Se isso era verdade para os discípulos, é verdade para nós também. Se Jesus foi para o céu preparar um lugar para nós e virá do céu para nos levar para lá, então ele manterá sua mão sobre nós até que isso aconteça.

Pedro, frágil e falho, talvez estivesse pensando nestas palavras quando escreveu (1Pe 1.3-7):

Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, segundo a sua muita misericórdia, nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, sem mácula, imarcescível, reservada nos céus para vós outros que sois guardados pelo poder de Deus, mediante a fé, para a salvação preparada para revelar-se no último tempo. Nisso exultais, embora, no presente, por breve tempo, se necessário, sejais contristados por várias provações, para que, uma vez confirmado o valor da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro perecível, mesmo apurado por fogo, redunde em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo.

Fácil para Pedro dizer isso, não? Afinal, ele viu Jesus com seus próprios olhos e o ouviu com os próprios ouvidos. Mas note que ele acrescenta: “a quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória, obtendo o fim da vossa fé: a salvação da vossa alma” (v. 8-9).

Você crê em Deus? Creia também em Cristo! E Jesus dá aos discípulos mais um motivo pelo qual seus corações não precisam se turbar: “E vós sabeis o caminho para onde eu vou” (Jo 14.4).

Sabendo o caminho

O que era verdade para os apóstolos também é verdade para os discípulos de Cristo de todos os tempos. Sabemos para onde ele nos levará e sabemos o caminho para lá.

Certa vez, um jovem amigo que costumava vir à missão de verão com os jovens de nossa igreja estava na fila do açougue local de sua cidade. Duas pessoas estavam discutindo se era possível ter certeza de ir para o céu. Uma delas negou, mas a outra se virou para meu amigo e disse: “Jimmy, você sabe que, caso morra esta noite, irá para o céu, não sabe?” Jimmy respondeu calma e alegremente: “Sim!”

Só sei dessa história porque ouvi seu pastor contá-la alguns dias depois para uma congregação lotada — no funeral de Jimmy. Epiléptico, Jimmy morreu naquela mesma noite depois de uma convulsão e foi para o céu.

Entretanto, isso tudo ainda não estava claro para, pelo menos, dois discípulos no cenáculo.

Respostas para discípulos perturbados

Depois que Pedro se empolgou no capítulo anterior, houve breves diálogos entre ele e Jesus. Agora, os que falam são Tomé e Filipe. Ambos ainda visivelmente perturbados.

Tomé

Tomé estava confuso — e, provavelmente, não era o único. O que Jesus quis dizer? As primeiras palavras que alguns dos discípulos ouviram dele foram: “Segue-me”. Talvez, na época, os discípulos achassem que sabiam aonde ele os levaria, mas agora já não tinham tanta certeza. Podemos nos enxergar no lugar deles. A situação era aterradora; eles não conseguiam pensar com clareza.

Talvez Jesus estivesse esperando uma reação ao dizer: “Já que vou preparar um lugar para vocês, podem ter certeza absoluta de que voltarei. Em todo o caso, vocês já sabem o caminho para onde eu vou. Vocês sabem como chegar lá!” Se era uma reação que ele esperava, Tomé atendeu sua expectativa. Ele não tinha tanta certeza: “Disse-lhe Tomé: Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?” (Jo 14.5).

Costumamos chamá-lo de Tomé, o Incrédulo, mas talvez estejamos sendo um pouco duros com ele. Ainda assim, ele certamente era Tomé, o Pessimista, que parecia ser dado a fortes reações negativas. Pelo menos é o que parece capítulos antes no Evangelho de João: depois que Lázaro morreu, Jesus decidiu ir a Betânia (a poucos quilômetros de Jerusalém, o epicentro da oposição a ele), e, já imaginando o pior, Tomé respondeu: “Vamos também nós para morrermos com ele” (11.16).

Você provavelmente conhece alguém que fala como Tomé. Talvez esse alguém seja você mesmo!

Mas, pelo menos, Tomé foi sincero: “Senhor, não sabemos para onde vais; como saber o caminho?”

Se, agora há pouco, Jesus estava dizendo algo como: “Seus corações estarão perturbados até que vocês olhem para mim”, agora ele está dizendo: “Tomé, você está olhando para o lugar certo, mas não está vendo”: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai. Desde agora o conheceis e o tendes visto” (14.6-7).

O que ele quis dizer com isso? Qual o significado de “o caminho” para esses jovens discípulos judeus? A lei de Moisés era a *halakhah*, isto é, o caminho. A menos que tivessem caído no formalismo e no legalismo (o que, infelizmente, acontecia com frequência), o povo de Deus sabia que a *torah* (lei) não era um simples conjunto de regras e regulamentos; era o manual para uma vida abençoada. É por isso que Moisés os exortou a “escolher a vida” (Dt 30.19) e que o livro dos Salmos começa com um poema descrevendo a vida abençoada do homem guiado pela *torah* (Sl 1.1-2).

Não obstante, a *torah* lhes fora dada na forma de palavra escrita. Porém, agora, como João explicou em seu prólogo, a Palavra veio em carne e osso! Logo, Jesus está dizendo: “Tomé, você não vê que agora sou eu que sou a *halakhah*?” Jesus é a verdadeira *torah*, a verdadeira Palavra e o verdadeiro Caminho.

Ao dizer ser a verdade, nosso Senhor não estava afirmando que a lei da Velha Aliança e seu estilo de vida eram falsos, e sim que tudo aquilo era preliminar e temporário. A lei mosaica fora dada ao povo de Deus até que o Messias prometido viesse.²⁵ Depois disso, como o próprio Moisés havia escrito, Deus levantaria um novo profeta, semelhante a Moisés, porém maior do que ele, e as pessoas deveriam ouvi-lo (Dt 18.18), pois ele seria a verdade.

Tomé ainda não tinha entendido isso. Ele estava em desvantagem em relação a nós, que já lemos a explicação de João logo na primeira página de seu Evangelho. “Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (Jo 1.17). Moisés pôde ver apenas “as costas” de Deus, e não sua face (Êx 33.20). Ele apenas ouviu Deus falar de sua graça (v. 19); mas a Palavra de Deus, o Senhor Jesus, é Aquele que esteve “face a face com Deus”. Ele é o “Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (Jo 1.14, ARC). A *torah* veio por intermédio de Moisés, mas “a graça e a verdade” estiveram “face a face” conosco, disse João, a ponto de que “vimos a sua glória”. Agora a Palavra viva nos fez conhecer o Pai (Jo 1.1-18).

João estava nos ensinando que Jesus é a realidade para a qual apontava a *torah*, a *halakhah* da Antiga Aliança. Ele é o Cordeiro de Deus (1.29); ele transformou a água usada para os ritos de purificação da Velha Aliança em vinho (2.1-11); ele foi levantado na cruz assim como Moisés levantou a serpente no deserto, a fim de que os que olhassem para ela fossem salvos (3.14); ele é o verdadeiro pão do céu (6.32); ele é a verdadeira Luz do Mundo (8.12); ele é o verdadeiro Bom Pastor (10.11).

O caminho para o Pai não está nos mandamentos e nas regras em si, mas naquele para o qual eles apontavam. É como a sombra de uma pessoa, que, às vezes, vemos antes de ver a pessoa em si. Enquanto “a lei foi dada por intermédio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo” (1.17).

A lei do Antigo Testamento foi dada pelo Deus da graça: “Eu sou o Senhor, teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão” (Êx 20.2). Deus graciosamente ordenou os sacrifícios que cobriam os pecados de seu povo. A lei apontava para a graça de Deus. Ela jamais foi feita para ser identificada com a graça para a qual apontava, a qual veio apenas em Jesus Cristo. Ele é a verdadeira graça, a realidade da graça (1Pe 5.12).

Em certo sentido, Tomé está elaborando a pergunta feita por todo o Antigo Testamento: “Quem subirá ao monte do Senhor? Quem há de permanecer no seu santo lugar?” (Sl 24.3). Agora Jesus deu a resposta: “Tomé, eu sou a *halakhah* verdadeira, a *halakhah* que dá vida. É pela fé em mim que você pode ir até o Pai!”

E isso continua sendo verdade. A lei revela o caminho a viver. Mas, ao mesmo tempo, ela revela nosso pecado (como Paulo bem entendeu; Rm 7.7-13). Ainda assim, a lei mosaica como um todo nos dá uma vívida ilustração simbólica do custo do perdão. Ela não aponta para si, mas para além de si mesma — para Jesus Cristo. Anteriormente, João registrou o momento em que João Batista subiu nos ombros de todos os profetas da Antiga Aliança e apontou para Jesus: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (Jo 1.29). Finalmente as sombras estavam dando lugar à realidade.

Jesus agora deixa explícito o que estava implícito: “Ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

O lema da universidade medieval de minha cidade foi tirado da tradução latina da Bíblia, a Vulgata, na passagem de João 14.6: *Via, Veritas, Vita*. Os estudantes da atual sociedade culta pós-bíblica devem se perguntar o que isso significa. Seria esse o nobre objetivo do ensino superior: encontrar seu “caminho” na “vida” buscando a “verdade” (se é que ela existe) dentro desse ambiente sagrado? Talvez a ignorância quanto à origem dessas palavras as proteja de serem removidas, já que, sendo uma citação da Bíblia, promovem o cristianismo. Se o lema citasse o versículo inteiro (que os fundadores deviam supor que todo estudante sabia de cor), certamente ele teria sido removido há muito tempo.²⁶ Afinal, a pessoa citada estava dizendo que ela, exclusivamente ela, é o caminho, a verdade e a vida, sendo, portanto, o único caminho para Deus: “Ninguém vem ao Pai senão por mim”.

Você quase consegue ouvir o riso de desprezo de alguns entrevistadores da televisão ao ler tais palavras. Hábeis na arte de diminuir os outros, eles perguntam: “Você é mesmo tão arrogante a ponto de achar que quem discorda de você não pode ir para o céu?”, como quem diz: “Que vergonha, seu mente-fechada, seu intolerante!”

Devemos estar sempre prontos para dar razão da esperança que há em nós (1Pe 3.15). Essa pergunta pode ser respondida com integridade de várias formas.

A primeira, como deve estar claro, é que não somos nós que estamos dizendo isso. Essas palavras são de Jesus, registradas pelo “apóstolo do amor”!

A segunda, igualmente óbvia, é: e se a pessoa que disse isso for o Filho de Deus, o único que conhece o Pai (Mt 11.27)? Será que ele não tem direito de dizer que só ele pode nos levar até seu Pai?

A terceira — talvez menos óbvia, mas não menos poderosa — é esta: se Deus Pai, a fim de nos trazer à sua presença, teve de enviar seu único Filho para morrer na cruz, o que leva alguém a pensar que pode encontrar outro caminho? Que miasma é esse que embaça minha mente a ponto de eu não conseguir ver que, se Deus não encontrou outro caminho, eu muito menos? Nunca passou pela minha mente que um pai escolheria qualquer outro caminho para proteger seu filho do tipo de sofrimento associado à crucificação e, ainda por cima, da experiência de ser abandonado por Deus?

Isso é tudo menos ser arrogante. A questão não é: “Quem você pensa que é, cristão?” A questão é: “Quem você pensa que é para achar que, por si mesmo, consegue algo que Deus disse que só pode ser feito com a morte de seu Filho na cruz?”

Imagine, por um instante, que você está de pé diante do trono do juízo de Deus. O Pai pergunta: “Por qual caminho você espera vir à minha presença celestial?” Você responde: “Bem, pelo meu próprio caminho”. O Pai diz: “Mas meu próprio Filho disse que ele era o único caminho, e que ninguém poderia vir até mim sem ser por ele”. Você responde: “Eu sei que ele disse isso. Mas suas palavras eram exclusivistas demais para o meu gosto, de forma que dei meu próprio jeito de vir até aqui”.

O raciocínio desse ensino de nosso Senhor mostra que a conversa terminaria como se segue. O Pai, então, dirá: “Eu enviei meu Filho para ser sacrificado na cruz. Coloquei os pecados do mundo sobre ele, derramei a justa ira do céu sobre ele e o ouvi gritar: ‘Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?’ Você acha que eu teria feito isso se houvesse outro caminho? Meu Filho orou, ‘Pai, se possível, que haja outro caminho para levá-los ao céu sem ser a cruz; por favor, afasta de mim esse cálice’. Mas eu disse a ele: ‘Meu Filho, não há outro caminho. A única esperança deles é você beber esse cálice e suportar o juízo dos pecados deles. Não há outro caminho’. Você não acha que, se houvesse outro caminho, eu, com certeza, o teria encontrado? Por que você desprezou meu Filho dessa maneira?”

Você, por sua vez, dirá: “Mas eu cheguei aqui por outro caminho”. O Pai, no entanto, replicará: “Sim, você chegou ao trono do juízo de Deus, mas você está no caminho que leva à destruição”.

Precisamos levar muito a sério a resposta de Jesus à pergunta de Tomé, por nossa causa e por causa do mundo perdido. Não há outro caminho.

Filipe

Agora, porém, outro discípulo que raramente vemos nos Evangelhos tem um pedido ligado à pergunta de Tomé, mas um pouco diferente: “Replicou-lhe Filipe: Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta” (Jo 14.8).

Será que há um toque de decepção na resposta de Jesus? “Filipe, há tanto tempo estou convosco, e não me tens conhecido? Quem me vê a mim vê o Pai” (v. 9).

Filipe tinha uma personalidade diferente de Tomé. Ele parecia ser o tipo de pessoa que tenta resolver as coisas sozinho e, ao fazer isso, às vezes se esquecia de Jesus!

Anteriormente, no ministério de Jesus, uma grande multidão o seguia de um lado para o outro do Mar da Galileia. Ao ver a multidão chegando, Jesus perguntou a Filipe: “Onde compraremos pães para lhes dar a comer?” (6.5).

Filipe fez uma conta rápida: calculou que devia haver cinco mil pessoas ali — e isso só contando os homens! “Jesus, o salário de um ano não compraria o bastante para dar a cada um deles alguns bocados!”

Curiosamente, João nos conta que Jesus já sabia o que estava para fazer. Estava apenas testando Filipe para ver como ele reagiria ao problema (6.6, abordagem que todo pastor sábio costuma usar!). Será que ele tentaria pensar num plano sozinho?

Filipe até tentou, mas não tinha o que fazer. André foi mais criativo. Talvez tivesse uma fé maior ou só fosse mais bem relacionado — ele encontrou um menino disposto a compartilhar seu almoço.

Filipe já tinha visto Jesus alimentar uma multidão com alguns pães e peixes. Ele já não tinha testemunhado que o Pai que proveu o maná no deserto estava se revelando em Jesus? “Quem me vê a mim vê o Pai... Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?” (14.9-10).

Filipe tentou pensar num plano para alimentar a multidão, mas se esqueceu de colocar Jesus na conta. Estava cometendo o mesmo erro mais uma vez. Antes, ele não tinha entendido que a

resposta do problema do pão era Jesus, o Pão da Vida (6.33). Agora, ele não percebia que a resposta para seu problema de ver o Pai era, mais uma vez, Jesus.

Então, dessa vez, a resposta de Jesus expressa profunda tristeza. Em outras palavras, ele disse: “Filipe, depois de todo esse tempo comigo, você ainda está cometendo o mesmo erro. Está tentando resolver o enigma sem se lembrar de que o segredo sou eu! Depois de todos esses meses mostrando-lhe quem o Pai é, revelando-o a você, você devia ter entendido. Vivi minha vida inteira com você ‘no’ Pai — em comunhão com ele. Você não ouviu a voz de meu Pai nas coisas que eu disse, nem reconheceu sua presença e poder nas obras que fiz? Filipe, quem vê a mim vê o Pai”.

Relembre o prólogo de João: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem o revelou” (1.18). Jesus, a Palavra encarnada, estava “no seio do Pai” [*eis ton kolpon*], isto é, “bem ali, do lado do Pai, próximo e íntimo”. Ele estava tão intimamente ligado ao Pai, que era capaz de torná-lo “conhecido” (João usa o verbo grego *exēgeomai*, de onde vem nosso termo “exegese”).

Ver Jesus é ver o Pai. Aqui não há confusão entre as duas pessoas divinas. Pai e Filho são diferentes em pessoa, mas um em propósito. Isso é profundamente importante para nossa teologia. Mas essas palavras também são profundamente importantes em nível pessoal. Significam que não há nada no caráter do Pai nem em sua atitude para conosco diferente do que encontramos em Jesus. Nesse sentido, ver Jesus é ver o Pai. Jamais precisamos temer que haja algo oculto ou mesmo sinistro nele.

Jesus já tinha dado a Filipe e aos demais discípulos toda a prova de que precisavam para crer. É por isso que disse a Filipe: “Não crês que eu estou no Pai e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo por mim mesmo; mas o Pai, que permanece em mim, faz as suas obras” (14.10).

E, em seguida, disse a todos: “Crede-me que estou no Pai, e o Pai, em mim; crede ao menos por causa das mesmas obras” (v. 11). As obras e palavras de Jesus só podiam ter vindo da “Palavra... [que estava] com Deus... o Deus Unigênito, que está junto do Pai”. Será que Filipe ainda não tinha percebido que Jesus “o tornou conhecido” (1.1, 18, NVI)?

Palavras confusas

Essa seção termina com outro “em verdade, em verdade” de Jesus. Contudo, essas suas palavras costumam deixar confusos os leitores do Evangelho de João, o que já era esperado nisto que ele disse: “Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei” (14.12-14).

Será que essa promessa vale para qualquer coisa? Se sim, isso faz surgir todo tipo de pergunta, pelo menos esta: seremos capazes de fazer as mesmas obras que Jesus fez, além de outras ainda maiores? A resposta, com certeza, é um simples não. Afinal, quando Paulo perguntou: “Porventura, são todos... operadores de milagres? Têm todos dons de curar?” (1Co 12.29-30), ele esperava um não como resposta.²⁷

Sim, sabemos que, se ligarmos a televisão em certos canais, na maioria dos dias, veremos pessoas que afirmam ser capazes de fazer isso. Geralmente tais pessoas estão em locais

grandiosos, cercadas de uma equipe; suas “grandes obras” tendem a ser de tipo limitado; sua teologia não costuma ser a teologia ortodoxa dos últimos dois mil anos de igreja cristã; e, infelizmente, seus padrões de vida nem sempre — ou, talvez, quase nunca — são caracterizados pela simplicidade e modéstia do Senhor Jesus, de seus apóstolos e, aliás, da grande maioria dos cristãos comuns.

Já que somos facilmente impressionados com coisas espetaculares, nosso Senhor faz um alerta no final do Sermão do Monte, a fim de nos abrir os olhos: “Nem todo o que me diz: ‘Senhor, Senhor!’ entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos [sim, muitos], naquele dia, hão de dizer-me: ‘Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?’ Então, lhes direi explicitamente: ‘Nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade’” (Mt 7.21-23).

Logo, expulsar demônios e fazer muitas obras poderosas — até mesmo em nome de Jesus — pode, não obstante, ser obra de “praticantes da iniquidade”. Porém, se essas palavras de Jesus não são uma promessa generalizada de fazer milagres e curar como ele fez, como devemos interpretá-las? Afinal, ele disse que “aquele que crê em mim” faria as obras que ele fez e até mesmo “obras maiores”.

Uma visão adotada por muitos intérpretes é que aqui Jesus está basicamente se referindo ao fato de que os apóstolos veriam muito mais pessoas vindo à fé em Cristo do que ele mesmo viu.

No entanto, observar bem o texto pode sugerir uma interpretação diferente. Já enfatizamos que, ao ler esses capítulos, é importante lembrar o seguinte: Jesus não estava falando conosco; nós não estávamos lá. Logo, não podemos supor que tudo o que nosso Senhor disse se aplique a nós da mesma forma como se aplicou aos apóstolos.

Com isso em mente, perceba as transições nas palavras de Jesus: “[Eu] vos digo que [1] aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço” (v. 12); “[Eu vos digo que] [2] tudo quanto [vós] pedirdes em meu nome... Se [vós] me pedirdes alguma coisa” (v. 13-14).²⁸

Jesus parece destacar que suas palavras se referem especificamente aos apóstolos. Eles são o “vós” do versículo 13. Portanto, talvez devamos entender o “aquele que crê em mim” do verso 12 como uma referência a eles também. Fazendo isso, toda a seção do versículo 12 ao 14 é uma promessa feita aos homens que estavam no cenáculo ouvindo-o, isto é, os apóstolos. Assim, o princípio que nos ajuda é este: quando Jesus disse tais palavras, as únicas pessoas que ouviram foram os onze apóstolos que sobraram. Jesus está dizendo especificamente a eles: “Deixem-me enfatizar a vocês, meus queridos apóstolos perturbados, que aquele dentre vocês que confiar em mim da forma como eu vinha dizendo, esse fará obras ainda maiores do que as que vocês me viram fazer. De fato, tudo o que vocês pedirem, qualquer coisa, isso eu farei!”

Lembre-se do que já observamos: não podemos presumir que tudo o que Jesus disse foi dito para nós, como se estivéssemos ali com ele. Não estávamos lá; não somos apóstolos.²⁹

Instintivamente, entendemos que algumas das declarações de Jesus foram feitas para pessoas específicas, não para todos. Um exemplo claro é sua ordem para que o jovem rico vendesse tudo o que tinha, distribuísse o dinheiro aos pobres e o seguisse (Lc 18.22). Da mesma forma, Jesus disse aos discípulos para esperarem em Jerusalém, a fim de receberem o Espírito Santo (Lc 24.49).

De fato, pode haver aplicações dessas falas relevantes para nós, mas não tiramos conclusões erradas, como se Jesus estivesse dizendo que todo cristão deve vender tudo o que tem a fim de ser um discípulo, ou que devemos passar semanas em Jerusalém esperando receber o Espírito Santo.

Logo, novamente o princípio que nos ajuda aqui é que as únicas pessoas que ouviram Jesus falar essas palavras foram os onze apóstolos restantes. Assim, suas palavras “aquele que crê em mim” não são dirigidas a toda e qualquer pessoa, mas especificamente aos homens a quem Jesus disse que cressem nele (Jo 14.1).

Essa interpretação é ainda mais confirmada se reconhecermos que tais palavras não são uma promessa geral, e sim uma profecia específica que se cumpriu na vida dos apóstolos. Eles realmente fizeram as obras que Jesus fez. De fato, como o Senhor havia prometido, fizeram “obras ainda maiores”.

Atos dos Apóstolos descreve como os apóstolos curaram muitas pessoas (3.7; 5.14-16; 8.6-7; 9.34-41; 14.8-10; 19.9-12; 28.8-9). Mais do que isso, o livro nos fala do grande número de pessoas que vieram à fé, em comparação com as relativamente poucas que creram durante o ministério do próprio Jesus. Ele nunca viu três mil pessoas entrarem no Reino depois de um único sermão, tampouco o crescimento numérico que Lucas registra nos primeiros dias da igreja (2.41, 47; 4.4; 5.14; 6.7; 9.31; 11.21, 24; 12.24). Portanto, a promessa-profecia de Jesus se tornou realidade. Também fica claro no livro de Atos que tudo isso foi resposta de oração (1.4; 2.42; 4.24-31). Eles oraram em nome de Cristo, de acordo com sua vontade, e essas coisas lhes foram feitas!³⁰

Agora está claro como a promessa-profecia de Jesus se encaixa nessa seção de seu ensino. O texto começou com discípulos perturbados, os quais, nesse ponto, receberam promessas específicas como encorajamento.

Depois da crise no Mar da Galileia, não houve nenhum outro momento em que esses homens tenham enfrentado uma situação tão desesperadora como aquela pela qual estavam passando agora. Tudo aquilo por que eles tinham vivido, todos os sacrifícios que haviam feito e todas as suas esperanças, tudo estava desabando diante deles: seu Mestre os estava deixando! Sua promessa de voltar em algum momento no futuro desconhecido não compensava a perspectiva de sua ausência iminente. O que eles deviam fazer? Não havia mais ninguém a quem buscar.

Aqui está a resposta de Jesus. Nessa noite, eles não só deviam resistir à tentação de se deixar desesperar com seus corações perturbados, mas também deviam se tranquilizar por saberem que veriam grandes obras de Deus no futuro. A presença do Senhor continuaria com eles — de uma forma nova e maravilhosa. A obra do Senhor continuaria — de uma forma ainda maior. “Tendo amado os seus que estavam no mundo”, Jesus os amaria “até ao fim” (Jo 13.1).

Inacreditável? Talvez parecesse, sim. Mas é por isso que Jesus começou e terminou essa seção de seus ensinamentos pedindo que confiassem nele (Jo 14.1, 12). Se o fizessem — e eles o fizeram —, então o veriam realizar maravilhas por meio de si mesmos.

E aqui está algo infinitamente maravilhoso. Nosso Senhor estava destinado a passar por muito sofrimento, dor e humilhação; ele seria traído, negado, abandonado, envergonhado, surrado e crucificado; ele sabia que, em cerca de uma hora, estaria prostrado diante do Pai no jardim do Getsêmani, perguntando se havia outra maneira. Mesmo debaixo desse fardo esmagador, Jesus profere tais palavras para confortar e encorajar seus discípulos.

E é igualmente incrível para nós saber que “Jesus Cristo, ontem e hoje, é o mesmo e o será

para sempre” (Hb 13.8).

Capítulo 6 - Tríplice Espírito

João 14.15-31

Se me amais, guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.

Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros. Ainda por um pouco, e o mundo não me verá mais; vós, porém, me vereis; porque eu vivo, vós também vivereis. Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós. Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me manifestarei a ele. Disse-lhe Judas, não o Iscariotes: Onde procede, Senhor, que estás para manifestar-te a nós e não ao mundo? Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras; e a palavra que estais ouvindo não é minha, mas do Pai, que me enviou.

Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize. Ouvistes que eu vos disse: Vou e volto para junto de vós. Se me amásseis, alegrar-vos-íeis de que eu vá para o Pai, pois o Pai é maior do que eu. Disse-vos agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, vós creiais. Já não falarei muito convosco, porque aí vem o príncipe do mundo; e ele nada tem em mim; contudo, assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos daqui.

Uma das obras mais famosas que surgiram durante a Reforma Protestante se parece mais com uma transcrição de *podcasts* do que com um livro. Simplesmente a chamam de *Conversas à*

Mesa. E quem é que conversa? Martinho Lutero.

A vida de um professor de seminário no século XVI era muito diferente da de hoje. O professor Lutero e sua esposa Katie convidavam alunos, uns doze de cada vez. Durante as refeições, Lutero, tranquilo — mas ainda professor —, expressava seus pontos de vista de forma livre (às vezes, livre até demais!) sobre uma quantidade de temas aparentemente sem fim. Seus alunos, como todos os alunos, encontraram formas de registrar seus comentários para a posteridade.

João 13–17 é a conversa que Jesus teve à mesa com seus onze discípulos fiéis na noite de sua paixão. O que ele disse ficou gravado permanentemente na memória de João. A essa altura do relato sobre aquela noite, Jesus já tinha dito ser o caminho — de fato, o único caminho — para o Pai. Ele confortou os discípulos dizendo que iria para o Pai a fim de lhes preparar um lugar. Por essas razões, eles não deveriam deixar que seus corações se desesperassem com as atuais circunstâncias.

Não obstante, o ânimo dos discípulos continuava sombrio: seu Mestre estava prestes a deixá-los. Mais tarde, Jesus lhes diria diretamente que sua partida lhes seria vantajosa e explicaria o porquê: afinal, se ele não partir, “o Consolador não virá para vós outros” (16.7).

Essas palavras provavelmente foram de pouco consolo para os discípulos de Jesus. Para eles, não havia a menor compensação para a partida dele, muito menos uma “vantagem”. Eles precisariam de toda uma mudança de paradigmas em seu pensamento para conseguir entendê-lo. Mesmo depois de Jesus lhes dizer isso, eles ainda tinham coisas a aprender, coisas que não podiam “suportar” naquela hora (16.12). A verdade é que eles mal conseguiam suportar o que Jesus estava lhes dizendo agora, quanto mais o que aprenderiam no futuro.

Mudança de paradigmas

Sabendo disso, nosso Senhor demonstra a paciência e sabedoria típicas de seu ministério como Mestre dos discípulos. Aqui, antes de dizer diretamente que sua partida seria para “vantagem” deles, Jesus prepara o terreno falando sobre a vinda do Espírito.

Há um ditado escocês segundo o qual “há coisas mais bem sentidas do que ditas” (isto é, há coisas que só começamos a apreciar quando as experimentamos por nós mesmos). Caso contrário, estaríamos descrevendo cenas para pessoas sem vista, ou aromas para pessoas que não sentem cheiro.

Assim, aqui em João 14.15-31, Jesus está preparando o terreno para o que mais tarde diria a seus discípulos. Ele os deixaria. Precisava deixá-los, para o próprio bem deles. Do contrário, o Auxiliador, o Espírito Santo, não viria até eles. Contudo, se partisse, Jesus o enviaria a eles.

Você acha que o fato de o Mestre usar a palavra “vantagem” trouxe paz à mente dos discípulos? Dificilmente. Tudo o que eles conseguiam “ouvir” era a palavra “partir”. E nada poderia compensar a ausência de Jesus. Aos olhos deles, a presença do Auxiliador seria apenas uma pequena e fraca compensação para a ausência de Jesus. Eles não entendiam — realmente não conseguiam compreender — que o Espírito viria a eles como o Espírito de Jesus. Ainda não conseguiam entender o que significava ser habitado pelo próprio Espírito que esteve presente em seu Senhor ao longo dos 33 anos de seu ministério. Em vez de perdê-lo, eles o ganhariam de uma forma nova e mais íntima! Porém, até entenderem quem era o Espírito, a ideia de que a partida de Jesus pudesse, de alguma forma, ser vantajosa para eles continuaria inconcebível.

Nós conseguimos entender como eles devem ter se sentido. Afinal, qual das duas opções abaixo você preferiria?

1. Jesus com você, em carne e osso, enquanto você pode ouvir sua voz, ver seu rosto, dizer qual é a cor de seus olhos, observar seus gestos e expressões faciais — tudo sobre ele.
2. O Espírito Santo com você.

Você não escolheria Jesus? Se sim, você consegue entender como era impossível que os apóstolos pensassem na partida de Jesus e na vinda do Espírito como uma “vantagem”. Eles eram incapazes de fazer essa conta. Logo, aquilo que Jesus passou a dizer a seguir visava preparar o terreno para o novo paradigma que reestruturaria a forma como pensavam.

Auxiliador

Jesus prometeu aos apóstolos que eles receberiam ajuda: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador [Auxiliador, NTLH], a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós” (Jo 14.16-17).

“Outro Auxiliador” é a tradução do grego *allos paraklētos*. O significado básico de *paraklētos* é “alguém chamado [*klētos*] para estar ao lado [*para*]”, a fim de ajudar, encorajar e aconselhar.

Em português, a palavra “outro” pode ter duas nuances: (1) “outro do mesmo tipo” (como em: “Aquele biscoito com pedaços de chocolate estava delicioso; posso pegar outro?”) e (2) “outro de um tipo diferente” (como em: “Sou alérgico a nozes, será que você tem outro biscoito, sem nozes?”).

No grego, porém, há duas palavras para “outro”: *allos* (outro do mesmo tipo) e *heteros* (outro de um tipo diferente, como em Gl 1.6).

Em todos os idiomas, com o passar do tempo, as palavras perdem suas nuances e podem vir a ser usadas de forma mais livre do que em suas definições de dicionário (às vezes, podendo até adquirir novos significados). Parece que foi esse o caso de *allos* e *heteros*. Mas aqui a distinção formal é mantida claramente. Quando Jesus diz que enviará *allos paraklētos*, ele está querendo dizer: “outro Auxiliador do mesmo tipo que o Auxiliador que vocês já conhecem”, isto é, Jesus. Ele está dizendo: “Mandarei um Auxiliador do mesmo tipo que eu”.

Então, ele acrescenta algo marcante: esse “outro” Paráclito não só estaria *com* eles (assim como Jesus esteve), mas moraria *dentro* deles e estaria com eles para sempre!

Como leitores do Evangelho de João, sabemos mais sobre o que aconteceria do que os discípulos naquele momento. Sabemos, pelo restante do Novo Testamento, que eles não perderiam a presença de Jesus, mas que a ganhariam de uma forma nova e mais íntima. Isso porque a vinda do Auxiliador não consistiria em Jesus viver *com* eles, e sim *dentro* deles — para sempre!

Nosso Senhor soletra isso para seus discípulos. Ao continuarem vivendo em obediência amorosa a ele, os propósitos do Senhor se cumpririam. Eles tinham medo de ficar órfãos. Mas o que aconteceria seria justamente o contrário, visto que, então, eles poderiam experimentar o amor tanto do Pai como do Filho (14.21, 23). Em vez de serem privados do ministério que Jesus exercera entre eles, desfrutariam desse ministério para sempre. Se, ao menos, soubessem o que estava acontecendo, estariam alegres, e não com medo (v. 27-28).

Então, quem é esse *allos paraklētos* que viria como Auxiliador dos discípulos? João 14.15-31 tece três imagens de seu ministério.

Conselheiro

O Espírito viria como Auxiliador dos discípulos no sentido de que seria seu Conselheiro, alguém a quem poderiam recorrer para encorajá-los e aconselhá-los.

Ao longo de todo o seu ministério, Jesus foi o Conselheiro dos discípulos. Mesmo ali no cenáculo, ele continuava a aconselhá-los. Ele os aconselhou a não se turbarem, respondeu a suas perguntas, guiou-os gentilmente da confusão ao entendimento e, por fim, prometeu que o Espírito assumiria e daria continuidade a esse papel em suas vidas.

Contudo, a palavra *paraklētos* tem conotações que podem não ser óbvias logo de imediato. Ela é usada cinco vezes no Novo Testamento, apenas por João e (com uma exceção) somente nesses capítulos de seu Evangelho, sempre em referência ao Espírito Santo (14.16, 26; 15.26; 16.7).

Essa única exceção é importante porque nos ajuda a perceber um detalhe especial no uso que João dá à palavra. Ele escreve em sua primeira carta: “Se, todavia, alguém pecar, temos Advogado [*paraklētos*] junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1Jo 2.1).³¹

Os cristãos têm dois Paráclitos — o Espírito de Deus, que habita dentro deles, e o Filho de Deus, que está à destra do Pai! Paulo usa termos diferentes para dizer a mesma coisa: o Espírito que habita nos santos intercede por eles, e o Senhor Jesus faz o mesmo, à destra de Deus (Rm 8.26, 34).

Em 1 João 2.1, a maioria das versões da Bíblia em português traduz *paraklētos* como “Advogado”. A palavra tem conotação legal — o *paraklētos* é nosso Auxiliador, Encorajador, Consolador e Conselheiro (isto é, nosso advogado).

Pense nas palavras que você pode ter visto no papel timbrado de um escritório de advocacia: *counselor-at-law* [“conselheiro legal”]. Essa é a forma tradicional de descrever um jurista: alguém qualificado para agir a seu favor em questões relacionadas à lei, alguém qualificado para ser seu advogado e para, se necessário, pleitear sua causa num tribunal, sendo seu conselheiro de defesa.

Jesus cumpriu o papel de *paraklētos* para os discípulos. Ele “assumiu a causa deles” durante todo o seu ministério na terra. Ao voltar para a destra de Deus, Jesus não esqueceu essa tarefa. Contudo, ele sabia que seus discípulos continuariam precisando de um Advogado na terra; precisariam de encorajamento e de conselhos sábios, precisariam saber como viver uma vida cristã fiel. Quem faria isso por eles quando Jesus partisse? Jesus os tranquiliza dizendo que o Espírito daria continuidade ao ministério que ele começara.

No entanto, há uma diferença importante entre o mundo do advogado atual e o da época de Jesus. Hoje, se uma pessoa precisa de conselhos legais, vai a um escritório na cidade cuja placa de entrada tem geralmente dois ou mais nomes. Ela já sabe que até os advogados menos experientes são ensinados a cobrar por atendimentos de uma hora ou mesmo de cinco minutos, de forma espera ter de fazer um bom desembolso! A lei é uma profissão: tem suas regras, padrões e tabela de preços, tudo escrito em algum lugar.

Quando lemos referências a “advogados” nos Evangelhos, podemos confundi-los com seus equivalentes do primeiro século. Mas o verdadeiro significado de “advogado” nos Evangelhos é “estudante da lei”, e não “advogado no tribunal”. É por isso que os advogados citados nos Evangelhos gostavam de discutir o significado das leis de Moisés e de fazer a Jesus perguntas de interpretação como: “Se eu tenho de amar meu próximo, qual é a definição de ‘próximo’?” ou “Qual é o maior mandamento?”

Portanto, os advogados eram intérpretes da lei, e não homens que o defenderiam quando você

estivesse com problemas. Um advogado não era um *paraklētos*. Se você precisasse de alguém que falasse em seu favor diante de um juiz — isto é, se precisasse de um *paraklētos* —, você falaria com um amigo próximo, cujo testemunho seria confiável, pois ele o conheceria intimamente. Você poderia pedir a seu amigo de longa data: “Você poderia me ajudar sendo meu paráclito? Poderia ser meu conselheiro? Estou com problemas e preciso que você fale em meu favor e me defenda”. Esse amigo poderia falar em seu favor na corte, afirmando: “Deixe-me dizer a verdade: meu amigo é inocente. Ninguém o conhece tão bem quanto eu. Conheço-o desde que era criança. Acredite, pode confiar em mim!”

O mesmo vale para o “Espírito da verdade” (Jo 14.17) — primeiro, em seu relacionamento com Jesus; depois, com seus discípulos. Ele realmente era o “amigo” mais antigo e mais próximo de Jesus.

Pense nisso. O Espírito estava ativamente presente quando o Senhor Jesus foi concebido no ventre da Virgem Maria (Mt 1.20; Lc 1.35). Ele o capacitou a crescer em sabedoria e favor diante de Deus em seus primeiros anos de vida (Lc 2.52; ver Is 11.2-3). Estava presente em seu batismo e tentações (Lc 3.22; 4.1). Deu-lhe poder ao longo de todo o seu ministério (Lc 4.14, 18), como quando ele expulsava demônios (Mt 12.28). Foi através dele que Jesus se ofereceu ao Pai (Hb 9.14), e foi mediante seu poder que ele foi ressurreto dentre os mortos (Rm 1.4). O Espírito acompanhou Jesus do ventre ao sepulcro.

Ele era seu Conselheiro. Deu testemunho dele. Estava com ele a cada passo de sua vida; conhecia-o melhor do que ninguém. De fato, podemos dizer que ele era o “Melhor Amigo” de nosso Senhor.

É por isso que o ministério do Espírito Santo a nós é tão importante. Ele é quem melhor conhece Jesus e quem melhor nos conhece também. Ele sabe como nos ensinar sobre Jesus e sabe de quais recursos de Jesus nós precisamos. Ele é como uma luz resplandecente iluminando este ou aquele aspecto do caráter e ministério de Jesus, mostrando-nos que ele é exatamente o Salvador de que precisamos.

Que grande vantagem! “Estou deixando vocês”, disse Jesus, “mas vou enviar outro Conselheiro, o Espírito da verdade”. E, porque é o Espírito da verdade, podemos depender dele totalmente.

É por isso que queremos amar e honrar a Jesus. Imagine o advogado virando-se para seu cliente e dando-lhe conselhos. O conselho do Espírito para nós é o seguinte: “Mantenha seus olhos fixos em Cristo. Veja o quanto ele é maravilhoso. Confie nele. Viva para ele. Não o desaponte. Siga-o. Sirva-o por toda a sua vida”. E, graças a seu ministério, nós respondemos: “Sim, é o que quero fazer. Dê-me poder para isso!” E, assim, por meio de seu contínuo conselho, mantemos nosso olhar em Cristo, amando-o e servindo-o.

Mas aqui há outra figura que Jesus usa para descrever o ministério do Espírito. Pode parecer menos familiar e estar expressa em termos menos teológicos, mas não é menos importante.

Preparador do lar

Jesus foi o Conselheiro dos discípulos. Agora o Espírito assumiria esse papel. E João registra que, mais cedo naquela mesma noite, Jesus também disse ser aquele que prepararia um lar para os discípulos.

Quando uma esposa e mãe de tempo integral (que não trabalha fora de casa) preenche um formulário com o campo “ocupação”, ela pode escrever “dona de casa” ou “do lar”. “Do lar” é uma descrição muito mais alegre do que dona de casa, termo que descreve um local (“casa”) e

uma função (“dona”), mas não diz exatamente o que a pessoa faz, qual é a sua ocupação. “Do lar”, sim. Esse termo descreve alguém que, de mil maneiras, está ocupada transformando uma casa em um lar e criando a atmosfera familiar.

Imagine, agora, que, depois de um culto na igreja, uma mãe diga ao resto da família: “Vamos ter visita; estou indo para casa, antes de vocês, para deixar tudo pronto para eles”.

É esse o papel que Jesus diz que fará pelos discípulos! Ele é seu Preparador do Lar: “Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar” (Jo 14.2).

Os discípulos acharam que Jesus estava indo embora cedo demais. Mas Jesus lhes diz o motivo de sua partida: ele lhes preparará o lar no céu.

Seria fácil concordar com os discípulos se eles dissessem: “Isso é ótimo para o futuro, mas e o presente? Como fica?” Porém, Jesus lhes dá boas notícias: o Espírito viria preparar o lar deles no presente, a fim de estarem prontos para o futuro!

Veja o significado disso para eles (e para nós): “Não vos deixarei órfãos, voltarei para vós outros” (Jo 14.18). Era inevitável que eles sentissem que ficariam órfãos, já que aquele que cuidava de seu lar estava indo embora. Mas não, o Espírito viria. Se é assim, como a vinda do Espírito aliviaria os discípulos da terrível sensação de terem ficado órfãos? Fazendo com que, apesar de suas falhas, eles verdadeiramente amassem Jesus, concretizando sua promessa a eles: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos [o Pai e o Filho]³² para ele e faremos nele morada” (Jo 14.23).

Essa é uma das ilustrações mais comoventes da Escritura acerca do ministério do Espírito. Jesus o enviaria aos discípulos a fim de que eles se tornassem pessoas em cujas vidas o Pai e o Filho se sentissem em casa!

É a simples figura de um lar. Costumamos dizer que “não há lugar como o lar”; mas, às vezes, vivemos em lares onde predomina uma atmosfera fria e desconfortável, de maneira que não nos sentimos realmente em casa. Ficamos aliviados ao sairmos dali. Outros lares, porém, estão repletos de uma atmosfera de amor, e suas boas-vindas sinceras nos acolhem, como quem diz: “Sinta-se em casa”. E realmente nos sentimos. Ficamos tão à vontade, que mal notamos o tempo passar.

Esse é o ministério do Espírito. Ele não só nos faz sentir em casa com Deus (e, assim, não nos sentimos órfãos), como também nos transforma em homens e mulheres de quem o Pai pode dizer ao Filho: “Sinto-me em casa aqui, e você?”

No entanto, também há um desafio aqui: é o fato de isso não acontecer automaticamente. É o que Jesus explica ao responder à pergunta de Judas sobre o porquê de ele se manifestar aos discípulos, mas não ao mundo.³³ Junto com o Pai, Jesus vem e passa a viver no lar apenas dos que confiam, amam e obedecem a ele (14.21, 23). É o seu caso?

Essa figura do ministério do Espírito como Preparador de um Lar traz mais duas reflexões.

Primeiro, ela ajuda a explicar por que a vida do cristão é tão cheia de desafios. É porque o Espírito está nos transformando num lar onde o Pai e o Filho podem viver confortavelmente! Há uma grande reconstrução por fazer, além de constantes e completas limpezas. É como ilustra C. S. Lewis:

Imagine-se como uma casa, uma casa viva. Deus chega para reformar e reconstruir essa casa. No começo, talvez você consiga entender o que ele está fazendo. Ele desentope os ralos, conserta as goteiras do telhado etc.: você sabia que esses consertos eram necessários e por isso não se surpreende. Mas de repente ele começa a derrubar as paredes da casa; isso lhe causa uma dor terrível e aparentemente não tem sentido. O que ele pretende fazer? A explicação é que ele está construindo uma casa muito diferente da que você queria ser — está construindo uma nova ala aqui, acrescentando um novo pavimento ali, erguendo torres, abrindo pátios. Você pensava que seria transformado num simpático chalezinho, mas ele está construindo um palácio no qual pretende habitar em pessoa.³⁴

Porém, em segundo lugar, há uma conveniência em pensar no Espírito Santo como Preparador de Lar.

No mundo ocidental, se uma mulher que não trabalha fora responde à pergunta: “O que você faz?” dizendo: “Sou do lar”, ela costuma se sentir diminuída pela reação dos outros. Ela ouve coisas como: “Ah, então, você não faz nada” ou: “Você não faz mais nada?”, como se ela não valesse muito fazendo apenas isso.

Então, três vivas para Jesus por usar essa figura para descrever seu “Melhor Amigo”! Como Preparador do Lar, o Espírito não chama atenção para si mesmo. Sua paixão não é glorificar a si mesmo, e sim a Jesus (16.14); sua paixão é transformar vidas para que o Pai e o Filho habitem nelas confortavelmente. Em toda família amorosa, a preparadora do lar é bem conhecida e muito amada, pois é dela que depende a felicidade do lar. De fato, o Espírito não glorifica a si mesmo, e sim a Jesus. E esse é outro motivo para honrá-lo por seu ministério. Não me surpreende que os pais da igreja que compuseram o Credo Niceno em 325 d.C. confessaram que “com o Pai e o Filho [o Espírito] é [e deve ser] adorado e glorificado”!

Assim, o Espírito daria continuidade ao ministério de Cristo como Advogado e Preparador do Lar, bem como a uma terceira e importante dimensão da obra do Mestre.

Professor

O próprio Jesus foi Professor dos discípulos. Mesmo ali no cenáculo, ele os estava ensinando. Com paciência, Jesus respondeu a suas perguntas, ajudando-os a entender as coisas que ele dizia. Eles o chamavam de Mestre, e ele aceitava esse título (Jo 13.13).

No entanto, agora eles estavam prestes a perder seu professor. Então, novamente Jesus os tranquiliza, dizendo que continuariam a ser ensinados, uma vez que ainda tinham muito que aprender (13.7; 16.12). Quando o Paráclito viesse, ele também seria seu professor: “Isto vos tenho dito, estando ainda convosco; mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.25-26).

Mas como?

O próprio João viveu o cumprimento dessa promessa, e seu Evangelho é fruto disso. Afinal, esse Evangelho não apenas registra o que o Espírito fez João “lembrar” daquilo que Jesus “disse”, mas também contém algumas de “todas as coisas” que o Espírito o ensinou a ver e entender sobre seu Mestre.

Então, o que os discípulos aprenderiam?

Paulo nos diz que o Espírito de Deus perscruta “as profundezas de Deus” e as torna conhecidas a nós (1Co 2.10-13). Não há nada sobre Deus, a Trindade eterna, ou o ministério do

Senhor Jesus que esteja oculto ao Espírito. É por isso que Jesus disse que, quando o Espírito viesse, “[n]aquele dia [ou seja, no Pentecostes], vós conhecereis que eu estou em meu Pai...” (Jo 14.20).

Em outras palavras, quando o Espírito viesse, os discípulos passariam a ter um entendimento ainda mais profundo sobre o relacionamento de Jesus com o Pai e sobre a intimidade dessa comunhão: “Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai”.

O que quer dizer a preposição “em”?

Quando Agostinho foi questionado sobre o significado de “tempo”, ele respondeu que achava saber, até o dia em que lhe perguntaram isso!³⁵ Preposições às vezes são assim. Usamos a preposição *em* o tempo todo, sabemos perfeitamente o que ela significa. Contudo, se alguém nos perguntar: “O que Jesus quis dizer com o Pai estar ‘no’ Filho?”, veremos que não sabemos bem o que essa preposição significa.

Muitos anos depois, talvez lembrando que, naquela noite, à mesa, ele esteve “aconchegado [*en tō kolpō*] a Jesus”, João escreveu as primeiras palavras de seu Evangelho: “o Verbo estava com Deus [*pros ton theon* — junto, face a face com Deus]... no seio do Pai [*eis ton kolpon*]...” (1.1, 18). Será que, em sua comunhão com Jesus e no fato de saber que era um discípulo “a quem ele amava”, ele viu um reflexo do relacionamento de Jesus com o Pai como “o Filho a quem o Pai amava”?

Ao longo de seu Evangelho, João cita as formas como viu isso: a glória do Filho em seu relacionamento com o Pai, as formas como o Pai mostrou seu amor pelo Filho e como o Filho correspondeu a esse amor (3.35; 10.17). Os olhos dos discípulos ainda não tinham sido abertos para tudo isso, mas Jesus estava lhes dando uma ideia dos privilégios que teriam quando o Espírito viesse.

O Espírito lhes ensinaria coisas profundas sobre o relacionamento de Jesus com o Pai, mas também lhes ensinaria coisas profundas sobre seu relacionamento com eles: “Naquele dia, vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós, em mim, e eu, em vós”. Há um paralelo entre o relacionamento que nosso Senhor tem com seu Pai e o relacionamento que os discípulos teriam com ele quando o Paráclito viesse.

É como se Jesus dissesse: “Durante todo o meu ministério, estive com vocês, mas sempre fora de vocês. Vocês me veem, me ouvem e podem me tocar. Porém, quando o Espírito Santo vier — e ele é como eu —, Aquele que habita em mim habitará em vocês. Ele viverá em vocês, além de transformá-los e capacitá-los a partir de seu interior”.

Enquanto estivesse fisicamente presente com eles, Jesus não poderia habitar também dentro deles. Para isso, precisava partir.

Essa é uma promessa incrível. Os discípulos tinham medo de que, se Jesus os deixasse, seu relacionamento com ele acabaria. Mas o que aconteceria seria o contrário. Quando Jesus partisse, e o Espírito viesse, os discípulos e seu Mestre habitariam um no outro.

A união que o Espírito traz entre o Senhor Jesus e seu povo é um dos grandes mistérios do Evangelho, mas está no centro da vida cristã, como Paulo destaca:

Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse

mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita. (Rm 8.9-11)

Ser habitado pelo Espírito é ter o próprio Cristo vivendo em nós e experimentar o que Paulo descreve como “Cristo em vós, a esperança da glória” (Cl 1.27). Isso ajuda a explicar a declaração enigmática de Jesus acerca do Espírito: “Vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós” (Jo 14.17).

Preposições

O Espírito “habita convosco e estará em vós”. As palavras de Jesus costumam ser interpretadas como sua forma de descrever a diferença entre os crentes do tempo da Antiga e da Nova Aliança. Na Antiga Aliança, o Espírito estava (somente) *com* os crentes, ao passo que agora, na Nova Aliança, está *dentro* deles.

Isso, porém, parece inadequado. Afinal, sugere que a obra do Espírito na Antiga Aliança fosse apenas externa. É verdade que o Espírito age externamente para cumprir os propósitos de Deus, e é verdade também que ele é a fonte de toda boa dádiva. Mas os escritos apostólicos nos ensinam que o fruto produzido pela habitação do Espírito nos crentes da Nova Aliança já estava presente na vida dos crentes da Antiga Aliança. Pense na frequência com que o Novo Testamento ilustra a graça do Evangelho e seu fruto citando pessoas que viveram na Antiga Aliança. De fato, seria estranho se aquilo que foi feito na Nova Aliança somente porque o Espírito estava “dentro” dos crentes fosse perfeitamente capaz de ser feito na Antiga Aliança, mesmo ele estando simplesmente “com” eles. Sim, é verdade que há plenitude do ministério do Espírito quando ele vem como Espírito de Cristo, mas certamente há continuidade na forma como ele se relaciona com os crentes.

Então, o que Jesus quis dizer? É mais provável que tenha sido algo assim: “Vocês já conhecem o Auxiliador, o Espírito da verdade, porque ele tem estado presente com vocês, habitando em mim. Contudo, quando eu o enviar do Pai, ele, o mesmo Espírito, estará presente habitando dentro de vocês. Sim, o mesmo Espírito que esteve presente em minha vida durante estes 33 anos — com todos os recursos de sua presença em minha vida, santidade e amor — habitará em vocês”.

Aquele mesmo Espírito que ungiu Jesus habita em todos os cristãos!

Pense assim: o Espírito Santo habita em Jesus; agora, o Espírito Santo habita em seus discípulos. São quantos Espíritos Santos? Dois? O Espírito que habita em Jesus e o Espírito que habita nos crentes? Não, é apenas um.

Pergunte de outra forma: já que o Espírito Santo habita em cada cristão, quantos Espíritos Santos existem? Centenas, milhares, milhões? Um Espírito Santo para cada crente? Não, é apenas um.

Há um único Espírito Santo, um único Paráclito. Todos os cristãos são habitados pelo mesmo Espírito — o mesmo que esteve presente na vida encarnada do Filho de Deus.

É fácil articular essa teologia, mas quem é capaz de entender suas implicações? Se há apenas um Espírito, o Espírito que o Senhor Jesus prometeu enviar aos discípulos deve ter sido o mesmo que habitou nele. O Espírito que Jesus enviou à igreja após sua ascensão é o Espírito que esteve presente em sua vida por 33 anos. Se ele habita em nós, é impossível haver maior intimidade de comunhão com Jesus — e uns com os outros. Partilhamos o mesmo Espírito não só com Cristo,

mas também uns com os outros!

Essa é a promessa que Jesus está dando a seus discípulos. Eles estão “perdendo” seu Mestre para “ganhá-lo” de uma forma nova.

Mais adiante, veremos mais sobre como o Espírito é nosso Professor. Por enquanto, devemos notar que, habitando em nós, ele pode fazer aquilo que todos os professores gostariam de fazer por seus alunos: entrar dentro deles e ensiná-los não só de fora (“revelação”), mas também de dentro (“iluminação”). O Paráclito-Professor enviado por Jesus faria exatamente isso. Ele é quem dá a revelação do Novo Testamento, bem como a iluminação. Assim, ele nos capacita a entender a revelação e aquece nosso coração para recebê-la. Nesse sentido, o Espírito continua o ministério de Jesus no caminho de Emaús: ilumina nosso entendimento e “curiosamente aquece” nosso coração (veja Lc 24.13-35). Dessa forma, o próprio Jesus viria aos discípulos obedientes e se manifestaria a eles (Jo 14.21).

A próxima etapa

Ao encerrar essa seção de seu ensino, Jesus diz aos discípulos: “Levantai-vos, vamo-nos daqui” (Jo 14.31). Nesse ponto, muitos estudiosos defendem que eles devem ter saído do cenáculo e talvez ido para o jardim do Getsêmani, passando pelo templo. Mas João não dá indícios disso; pelo contrário, sugere que só saíram de lá mais tarde (em 18.1). Assim, essas palavras parecem um pouco confusas.

Pode ser que a conversa simplesmente tenha continuado, como às vezes acontece quando dizemos que estamos indo embora de algum lugar. Mas há outra possibilidade. Jesus estava falando sobre o iminente ataque do diabo. Ele disse: “Aí vem o príncipe do mundo”. Ainda assim, embora Satanás seja o “príncipe do mundo”, ele não tem autoridade sobre o Senhor Jesus: “Ele nada tem em mim, contudo assim procedo para que o mundo saiba que eu amo o Pai e que faço como o Pai me ordenou. Levantai-vos, vamo-nos [*agōmen*] daqui” (14.30-31).

Às vezes, o verbo que João usa aqui (*agōmen*) era usado no contexto militar de tropas avançando para ir de encontro ao inimigo (“Atrás deles!”). Se for isso que João tinha em mente, Jesus não estava afirmando que eles sairiam dali fisicamente, e sim que haveria um conflito iminente; o movimento não era geográfico, mas espiritual: “O inimigo está vindo; vamos atrás dele”.

João sabia que “o mundo inteiro jaz no Maligno” (1Jo 5.19). Os discípulos estavam prestes a adentrar a “noite” em que ele reinava. Jesus, no entanto, era Senhor tanto nas trevas da noite de Jerusalém como na luz do cenáculo. E, embora houvesse dias sombrios no futuro dos discípulos, ele prometeu enviar-lhes “outro Auxiliador”, que estaria para sempre com eles. A última batalha começou, mas eles seriam protegidos.

Capítulo 7 - A videira verdadeira

João 15.1-17

Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o agricultor. Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta; e todo o que dá fruto limpa, para que produza mais fruto ainda. Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado; permaneci em mim, e eu permanecerei em vós. Como não pode o ramo produzir fruto de si mesmo, se não permanecer na videira, assim, nem vós o podeis dar, se não permanecerdes em mim. Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em mim, e eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam. Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito. Nisto é glorificado meu Pai, em que deis muito fruto; e assim vos tornareis meus discípulos. Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permaneceréis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo.

O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei. Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria vida em favor dos seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que eu vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de meu Pai vos tenho dado a conhecer. Não fostes vós que me escolhestes a mim; pelo contrário, eu vos escolhi a vós outros e vos designei para que vades e deis fruto, e o vosso fruto permaneça; a fim de que tudo quanto pedirdes ao Pai em meu nome, ele vo-lo conceda. Isto vos mando: que vos ameis uns aos outros.

A videira e os ramos. Essa é uma passagem muito conhecida e querida. Há livros inteiros sobre ela. Teologias inteiras da vida cristã têm sido construídas em cima desses temas — especialmente em cima da ideia de “estar em Cristo”.

Jesus já havia falado sobre o novo relacionamento que seus discípulos teriam com ele por meio da habitação do Espírito (“Vós, em mim, e eu, em vós”, Jo 14.20). Agora, ele o descreve através de uma longa metáfora que todos poderiam entender: ele é a videira; eles, os ramos. Seu Pai é o agricultor, cujo objetivo é que eles deem “muito fruto”. E, para que isso aconteça, duas coisas são essenciais: a união vital deles com Cristo, e sua poda feita pelo Pai.

Talvez uma boa forma de ressaltar a ênfase no ensino de Jesus a partir de João 14.15 seja fazendo a seguinte pergunta: qual é a forma mais comum de o Novo Testamento descrever os cristãos? Curiosamente, não é como “cristão”. Se você correr os olhos pelas páginas do Novo Testamento, logo perceberá que a palavra “cristão” raramente aparece — apenas três vezes, para ser exato:

Atos 11.26: “Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos”.

Atos 26.28: “Então, Agripa se dirigiu a Paulo e disse: ‘Por pouco me persuades a me fazer cristão’”.

1 Pedro 4.16: “Mas, se sofrer como cristão, não se envergonhe disso; antes, glorifique a Deus com esse nome”.

Em pelo menos dois (e talvez em todos os três) casos, “cristão” parece ser um insulto, talvez com a mesma conotação que a palavra “puritano” tinha no século XVII e que “fundamentalista” costuma ter hoje. Aqueles que confiavam em Cristo eram chamados de “cristãos”, isto é, aqueles que eram de Cristo. Eles mesmos pareciam preferir chamar-se de outros nomes, como “santos”, “discípulos” e “crentes”.

Mas nenhum desses termos é sua descrição mais comum no Novo Testamento. Essa honra pertence à expressão “em Cristo”. Ela (e seus equivalentes, como “nele”) ocorrem cerca de duzentas vezes.

Nossa união com Cristo é o pulso da vida cristã. E aqui, em João 15, Jesus está ajudando seus discípulos a entender o que isso significa. Ele já havia dado início a essa instrução ao explicar que, quando seu Espírito viesse habitar neles, experimentariam um relacionamento ainda mais íntimo com ele: estariam unidos a Cristo por uma mútua habitação (“vós, em mim, e eu, em vós”, Jo 14.20).

Ademais, isso só aconteceria se ele os deixasse, voltasse para o Pai e, então, enviasse o Espírito para habitar neles também — seu próprio Espírito, que esteve em sua vida desde o ventre de sua mãe Maria até sua ressurreição do sepulcro e ascensão para o Pai.

Ter o Espírito Santo habitando em nós é o mesmo que ter o próprio Jesus habitando em nós.

Tudo isso deve realmente ter parecido muito estranho para os discípulos. É então que, como seu Professor, Jesus os ajuda a entender o que isso significa e quais são as consequências.

Quem sou eu?

O que você pensa de si mesmo? Ou, usando a expressão atual, qual é a sua autoimagem? Você pensa em si mesmo como alguém que está “em Cristo”, unido a ele, alguém em quem o Senhor da glória habita por meio de seu Espírito Santo?

Quando nos tornamos cristãos, geralmente é porque vimos nossa necessidade de perdão e de uma nova vida e entendemos que Cristo é a resposta de Deus para essa necessidade. Mas seria um erro pensar que, no momento em que viemos à fé, passamos a saber tudo sobre ser um cristão! Isso envolve não só perdão e renovação, mas também uma nova identidade. Isso

transforma quem somos e o que pensamos de nós mesmos. Ainda precisamos descobrir que, “se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Co 5.17).

Para ajudar seus discípulos a entender isso, Jesus emprega uma ilustração familiar: uma videira cujos ramos davam grandes cachos de uvas. Desde a época em que o povo de Deus se estabeleceu na Terra Prometida (Js 24.13), as videiras eram algo comum para eles. Na verdade, eles mesmos foram descritos como uma videira:

Trouxeste uma videira do Egito,
expulsaste as nações e a plantaste.
Dispuseste-lhe o terreno,
ela deitou profundas raízes e encheu a terra.
Com a sombra dela os montes se cobriram,
e, com os seus sarmentos, os cedros de Deus.
Estendeu ela a sua ramagem até ao mar
e os seus rebentos, até ao rio. (Sl 80.8-11)

Os comentaristas que acreditam que as palavras de João 14.31 (“Levantai-vos, vamo-nos daqui”) indicam que Jesus e os discípulos deixaram o cenáculo e foram para Jerusalém se perguntam se aquilo que o moveu a essas palavras foi o fato de ele ter visto a videira do templo. O tratado judeu *Middoth* diz: “Na entrada do Santuário, havia uma videira de ouro, suspensa no topo das colunas. Todos os que faziam votos de uma folha, um fruto ou um cacho os traziam e penduravam ali”.³⁶

Contudo, o local onde os discípulos estavam é secundário para esse ensino. O importante é o significado disso. Jesus está usando a figura da videira para lhes ensinar a nova realidade criada pelo Espírito: “Eu sou a videira, vocês são os ramos. Vocês são nutridos pela união que têm comigo através do Espírito. Eu estou em vocês e lhes dou vida. Vocês estão em mim e recebem meus recursos para dar fruto para a glória de meu Pai. Nesse relacionamento, o Pai celestial é como um agricultor que cuida da videira. Por isso, vejam os acontecimentos e circunstâncias de suas vidas como parte da viticultura realizada por ele — incluindo seu uso da faca de podar —, pois ele quer ver vocês se tornarem cada vez mais frutíferos!”

Há vários princípios importantes nessa figura.

A fonte da produtividade

O primeiro princípio é que a produtividade — nosso crescimento na vida cristã — depende de nossa união com o Senhor Jesus. Os ramos dependem da videira para produzir boas uvas.

Paulo aprendeu isso. Ele escreveu: “Tudo posso naquele *[en tō]* que me fortalece” (Fp 4.13). Ele não quis dizer que podia fazer tudo o que quisesse, e sim que, por sua vida estar “oculta juntamente com Cristo, em Deus” (Cl 3.3), havia recursos para lidar com qualquer situação. Dessa forma, ele sabia como lidar com riqueza e pobreza, bem como com exaltação e humilhação, porque estava “em Cristo”. Consequentemente, sua vida causou impacto na vida de outros, “frutificando” em sua influência sobre eles, apontando-lhes o Senhor.

No entanto, não há produtividade se os ramos ficam doentes. Somente ramos limpos e saudáveis podem dar bons frutos. O mesmo acontece com os discípulos. Eles já tinham sido

limpos pela palavra de Jesus e seriam ainda mais limpos por meio da poda. A menos que continuassem a depender dos recursos de Jesus, não podiam fazer bem algum: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Logo, era preciso “permanecer” nele.

Mas o que significa “permanecer em Cristo”? Seria preciso um livro inteiro para explicá-lo bem. Contudo, no contexto de João 15, significa viver sabendo que o Filho de Deus nos ama e se entregou por nós, que ele habita em nós através de seu Espírito Santo e que nossa vida agora pertence a ele, e não a nós mesmos. cremos *dentro* de Cristo (Paulo usa essa preposição para descrever a união). Todos os recursos presentes nele agora são nossos, de sorte que devemos depender deles.

Valorizar isso transforma não apenas a maneira como pensamos em nós mesmos, mas também a maneira como pensamos uns nos outros e nos tratamos mutuamente na igreja. Se, ao ver o outro, nós pensássemos: “Ela é alguém em quem o Senhor da glória não tem vergonha de morar!”, será que isso não mudaria a forma como nos tratamos? “Cristo deu tanto valor a ele; então, eu deveria valorizá-lo também!” Assim, nossa família da fé teria a mesma produtividade da igreja primitiva, e as pessoas seriam atraídas a Cristo pela simples atmosfera de nossa comunhão.

A poda do Pai

Agricultores podam suas videiras. Parte da genialidade dessa ilustração de nosso Senhor é o fato de ela ser multiforme. Videiras crescem por influência do solo, do sol e da chuva. Todavia, crescem também pelo uso da faca de poda: “Todo ramo... que dá fruto [ele] limpa, para que produza mais fruto ainda” (Jo 15.2).

Certa vez, um amigo da Califórnia me levou para conhecer suas vinhas. O chão estava coberto de pequenos ramos, cortados pelas facas de seus trabalhadores — incontáveis sinais de que era época de poda. Contudo, as facas não foram usadas para destruir, e sim para favorecer a frutificação.

Se não soubéssemos nada sobre horticultura e jardinagem, ver alguém cortar pedaços de videiras ou arbustos pareceria uma destruição irracional. Mas isso é necessário para o crescimento saudável, a fim de se gere uma planta forte, com frutos melhores.

Os ramos de uma videira não sentem dor. Nós, sim, ao contrário deles. Entretanto, como eles, não entendemos o que o Agricultor está fazendo. Assim, quando somos podados, perguntamos: “Por que Deus está fazendo isso? Será que ele não se importa comigo?” Nossa reação natural à poda é dizer: “Por favor, pare! Não está vendo que isso está me ferindo?”

Mas aqui Jesus nos ajuda. É verdade que entender que o Pai é um Agricultor usando a faca de poda não alivia nossa dor nem dá resposta a todos os mistérios da vida. Nossas mentes são finitas demais para compreender plenamente o que o infinito Senhor de todos está fazendo. Porém, se nos apegarmos ao ensino de Jesus sobre nossa união com ele, perceberemos que aquilo que aos nossos olhos parece doloroso (e até mesmo um desperdício) é essencial para nosso crescimento e utilidade espiritual. É assim que Deus cultiva em nós o fruto do Espírito (Gl 5.22-23).

O bispo Westcott bem o expressou: “Tira-se do ramo tudo o que tende a desviar o poder vital da produção de fruto”.³⁷ Ao cortar fora tudo o que atrapalha nosso crescimento, ele nos faz mais parecidos com Cristo e mais úteis em seu serviço.

Essa é uma lição que Amy Carmichael (1867-1951) teve de aprender por si mesma, a qual ela

costumava ensinar a outros. Missionária na Índia por mais de cinquenta anos, ela viu e experimentou muito sofrimento. Contudo, refletindo sobre tal passagem, ela escreveu estas sábias palavras:

Que desperdício incrível parece ser ver espalhadas no chão as folhas verdes brilhantes, com o tronco nu, sangrando em mil lugares por causa da faca afiada. Mas, no que diz respeito a um lavrador experiente e confiável, não há sequer um golpe aleatório; nada foi cortado que não teria sido uma perda manter e um ganho perder.³⁸

E ela orava: “Tira de mim, bom Senhor, toda distração”.

Quando o Agricultor usa sua faca de poda, os efeitos podem ser dolorosos, e seu propósito maior, desconhecido. Mas ele nunca comete erros. Nenhum corte é à toa. Jesus poderia ter repetido aqui o que disse a Pedro: “O que eu faço não o sabes agora; compreendê-lo-ás depois” (Jo 13.7).

Isso se aplicava a lavar os pés de Pedro e se aplica a todo corte da divina faca de poda.

O alimento da Palavra

Jesus acrescenta um terceiro e importante princípio: sua Palavra é o que nutre a união com ele. “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (Jo 15.3).

Ele havia tranquilizado seus discípulos dizendo que estavam “limpos”. Mas, se o canal de sua união com Cristo devia permanecer limpo, a fim de que seus pedidos de oração correspondessem à vontade de Deus, os discípulos precisariam continuar dando espaço para a Palavra de Cristo agir neles: “Se permanecerdes em mim, e as minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito” (v. 7). Essas palavras são importantes, pois indicam o que envolve permanecer em Cristo.

A essa altura, porém, a interpretação das palavras de Jesus pode tomar um rumo indesejado. Precisamos resistir à tentação de ver a palavra “permanecer” e tirar os olhos da página. Talvez você já tenha participado de um grupo de estudo bíblico em que a discussão saiu totalmente de foco, porque alguém disse: “Gosto de pensar que ‘permanecer em Cristo’ é...” O que “gostamos de pensar” não importa! Em vez disso, precisamos perguntar ao texto: “O que você pensa?” Quando nos mantemos focados na passagem, é comum os detalhes ficarem claros. É o que acontece aqui, pois o próprio Jesus nos diz como “permanecer” nele: permanecemos nele ao permitir que sua Palavra habite em nós.

Aqui temos um padrão que aparece em outras partes do Novo Testamento. Paulo escreve sobre a união com Cristo nestes termos: “Ora, como recebestes Cristo Jesus, o Senhor, assim andai nele” (Cl 2.6). Mas como fazemos isso? A resposta aparece no capítulo seguinte: “Habite, ricamente, em vós a palavra de Cristo...” (Cl 3.16).

Logo, se você quer habitar em Cristo, permita que a Palavra de Cristo habite ricamente em você. Não deixe nenhum quarto de sua vida fechado para ela, nem mesmo um armário. Permita que ela traga luz à sua mente, que ela aqueça seu amor por Cristo, que ela submeta sua vontade à dele. A Palavra de Cristo é o instrumento de Cristo, usado pelo Espírito de Cristo para fomentar a união com Cristo e nos transformar à imagem de Cristo. É assim que “todos nós, com o rosto

desvendado, contemplando, como por espelho, a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, o Espírito” (2Co 3.18).

Antes de concluir esse princípio, há mais um aspecto que devemos notar.

Às vezes, uma doença invisível adentra a corrente sanguínea do cristão. Ele é levado a pensar desta forma: “Meu estudo bíblico (seja na forma de pregação, seja de pequenos grupos ou de estudo individual) me ensina o que devo fazer. Daí vou e faço”.

É claro que há mandamentos na Escritura. O próprio Jesus já nos disse: “Ora, se sabeis estas coisas, bem-aventurados sois se as praticardes” (Jo 13.17). Obediência é essencial.

Porém, nunca devemos perder de vista o fato de que é a própria Palavra que age em nós. Foi o que Jesus disse: “Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado” (15.3). Mais adiante, sua oração segue a mesma linha: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (17.17).

Qual é a lição principal? É que o crescimento em santidade envolve fazermos o que a Palavra de Deus nos diz. Contudo, mais importante que fazermos o que a Palavra de Deus nos diz é o que a Palavra de Deus está fazendo em nós! Sim, somos chamados a ser ativos para ele. Mas isso só é possível quando deixamos a Palavra de Deus fazer sua obra em nós.

Paulo expressa esse mesmo princípio aos tessalonicenses. Paulo se alegrou com o fato de que eles aceitaram a Palavra de Deus “não como palavra de homens, e sim como, em verdade é, a palavra de Deus, a qual, com efeito, está operando eficazmente em vós, os que credes” (1Ts 2.13).

É por isso que é tão importante para nós nos sentarmos aos pés de um ministro fiel da Palavra de Deus, encorajando aqueles que pregam, a fim de que nos alimentem bem, e orando para que Deus abençoe suas exposições. Qualquer pregador que se preze tem prazer em ter ouvintes dispostos, como se dissessem: “Alimente-me mais! Quero que a Palavra de Cristo habite ricamente em mim, a fim de que minha comunhão e união com Cristo deem mais frutos”.

Sem essa disposição, tornamo-nos anêmicos. Mas pode ser que não notemos nossa fraqueza por um tempo. Acabamos nos ajustando à dieta espiritual que recebemos e nos acostumamos com ela como se fosse normal, de forma que tendemos a achar que estamos vivendo vidas cristãs normais. É só quando nos vemos numa situação em que a Palavra de Deus é bem exposta que finalmente acordamos para o fato de que estávamos à beira da inanição. Não deixe que isso aconteça com você!

Vimos três importantes princípios: primeiro, que nossa união com Cristo é a fonte de nossa produtividade; segundo, que essa união envolve ser podado pelo Pai; terceiro, que essa união precisa ser nutrida pela Palavra. Agora há um último princípio.

A prioridade do amor

O fruto fundamental que cresce no solo de nossa união com o Senhor Jesus é o amor.

Você deve estar cansado de ouvir: “Devemos amar uns aos outros”. Parece tão vago. E, às vezes, chega a significar: “Se me amasse, você me deixaria em paz, para eu fazer o que quiser. Com certeza, não diria que meu comportamento está errado”.

Mas ouça o que Jesus disse: “Como o Pai me amou, também eu vos amei; permaneci no meu amor. Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.9-10).

De acordo com Jesus, o verdadeiro amor por ele nos leva a guardar seus mandamentos, assim como seu amor pelo Pai celestial o levou a obedecer a seus mandamentos. O próprio Jesus amou e obedeceu aos Dez Mandamentos!

A exortação de nosso Senhor a amar não diminui suas exigências para conosco. Pelo contrário, o novo parâmetro para medir nosso amor é este: “que vos ameis uns aos outros, assim como eu vos amei” (15.12). E como ele amou? “Amou-os até ao fim” (13.1). Ele estava prestes a “dar... a própria vida em favor dos seus amigos” (15.13).

Entretanto, note que seus mandamentos são cheios de graça. Ele os deu a seus amigos. Eles eram seus discípulos e servos. Não tinham direito de conhecer as intenções de seu Mestre. Mas agora ele estava compartilhando seus planos com eles. Agora eles eram “amigos”. Ele os escolheu e os chamou para serem seus amigos. Isso é graça. Isso deveria nos levar à obediência.

Além disso, ele lhes apresentou seu próprio “melhor amigo”, o Espírito Santo, o qual enviaria a eles. Seria dentro dessa comunhão que sua Palavra limparia e santificaria os discípulos.

“Sim”, disse Jesus, “eu sei que, por si mesmos, vocês não são capazes de produzir esse precioso fruto do amor; tampouco conseguem render suas vidas ao Pai celestial, a fim de que suas orações correspondam à vontade dele. Mas, unidos a mim e habitados pelo Espírito, não mais sendo órfãos, mas amigos, tudo isso será possível. Então, meus amigos, eu lhes digo que amem uns aos outros” (veja 15.17).

Jesus prometeu que o fruto deles permaneceria. De fato, ele permaneceu, pois somos parte desse fruto!

Todavia, bem antes desse fruto, outro fruto do Espírito seria produzido nos discípulos: a alegria. Afinal, estar unido a ele pela graça, permanecendo nele pela fé e deixando sua palavra habitar neles em obediência, levava à alegria: “Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (15.11, ARC).

Jesus quis dizer que afirmou tais coisas para que seus discípulos fossem a fonte de sua alegria? Ou quis dizer que ele é que seria a fonte da alegria deles? Tenho quase certeza de que é a última opção. Mas, na verdade, ambas são verdadeiras. De qualquer forma, a alegria deles seria completa.

Capítulo 8 - Odiados, mas ajudados

João 15.18-27

Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia. Lembrai-vos da palavra que eu vos disse: não é o servo maior do que seu senhor. Se me perseguiram a mim, também perseguirão a vós outros; se guardaram a minha palavra, também guardarão a vossa. Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou. Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado. Quem me odeia odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai. Isto, porém, é para que se cumpra a palavra escrita na sua lei: Odiaram-me sem motivo.

Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio.

Em sua palestra no *Gifford Lectures*,³⁹ na Escócia, em 1927-1928, o matemático e filósofo Alfred North Whitehead apresentou sua visão de que “a descrição geral mais confiável da tradição filosófica europeia é uma série de notas de rodapé a Platão”.⁴⁰ Ele quis dizer que os temas centrais dos escritos de Platão têm ditado o rumo da discussão há séculos.

Podemos fazer um paralelo e dizer que “a descrição geral mais confiável da narrativa bíblica é uma série de notas de rodapé a Gênesis 3.15”. Nessa passagem, Deus disse àquela serpente que levava Adão e Eva a pecar: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar”.

Esse conflito entre as duas descendências (ou sementes) é a espinha dorsal do Antigo Testamento, cuja história é de muitos conflitos: Caim buscando destruir Abel, a esposa de Potifar buscando destruir José, Faraó buscando destruir Moisés, Golias buscando destruir Davi, e a Babilônia buscando destruir Jerusalém.

O Novo Testamento começa com a continuação desse conflito: Herodes buscando destruir Cristo. O conflito culmina com a grande vitória sobre “o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás” (Ap 20.2). Esses conflitos não são eventos isolados, mas sim uma série de episódios do dramático desenrolar do conflito inicial entre a Semente da mulher e a semente da serpente.

A conclusão do drama aguarda o retorno de Cristo; porém, já no cenáculo, ele estava em desenlace. Jesus sabia que o Pai pusera tudo em suas mãos e que a vitória sobre os poderes das trevas era certa. No entanto, também sabia que, nesse embate da batalha, um de seus próprios discípulos o trairia. Será que ele, ao dar o pedaço de pão a Judas, percebeu um olhar da serpente? Afinal, “entrou nele Satanás” (Jo 13.27).

Jesus já sabia, havia muito, que esses eventos aconteceriam. No início de seu ministério, ele disse que “a minha hora” (ou “o meu tempo”) “ainda não chegou” (2.4; 7.6, 8). No entanto, quando, quase no final do Livro dos Sinais, alguns gregos pediram para “ver Jesus”, isso lhe sinalizou a chegada do tempo, há muito prometido, em que o Evangelho se espalharia pelo mundo gentio. Ele respondeu: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso. E eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”. João acrescenta: “Isto dizia, significando de que gênero de morte estava para morrer” (12.31-33). As trevas estavam chegando.

Isso torna ainda mais sugestiva a possibilidade de que as palavras de João 14.31, “Levantai-vos, vamo-nos daqui”, tenham uma conotação militar: “Avante, atrás do inimigo!”

Os discípulos inevitavelmente seriam pegos no meio desse conflito. Eles estavam unidos a Cristo. É bem provável que alguns deles já tivessem percebido. Agora, porém, Jesus o estava dizendo com todas as letras. Tudo o que imaginavam se tornou realidade: eles seriam pegos no meio do conflito cujo epicentro era Cristo. Por serem de Cristo, seriam odiados. Contudo, por serem dele, também seriam ajudados.

Esse é o simples tema dessa seção. Por estarem unidos a Cristo como ramos à videira, eles, de alguma forma, partilhariam a experiência dele. Porém, assim como o Pai cuidava de Cristo, a Videira, também cuidaria deles. Assim como seu Senhor sentiu a presença do Espírito Santo como seu Auxiliador, eles também sentiriam. No entanto, assim como ele experimentou oposição, eles também experimentariam.

Logo, temos aqui um princípio fundamental do discipulado: o cristão que não espera oposição ainda não entendeu a natureza da vida cristã.

Temos de ser muito honestos para admitir que, às vezes, experimentamos oposição e crítica não por sermos como Cristo, e sim por não sermos. Nós, cristãos, somos teimosos, ásperos e, às vezes, infelizmente, muito parecidos com o mundo que se opõe ao Evangelho. Nesse caso, a crítica e oposição podem surgir porque nos comportamos de forma tola, incoerente e não cristã.

Mas aqui Jesus está chamando a atenção para a oposição que os discípulos deveriam esperar por pertencerem a ele e por estarem se tornando parecidos com ele.

“Se o mundo vos odeia” é uma expressão que os estudiosos de gramática chamariam de “condicional de primeira classe”. O termo “se” não significa: “Talvez vocês sejam odiados, talvez não”, mas: “Vocês serão odiados; portanto...” É inevitável que o amargo ódio da serpente pela Semente respingue em seus discípulos.

João viu uma dramática representação disso em sua visão na ilha de Patmos. Nela, a serpente de Gênesis 3 se transformou num grande dragão vermelho:

Viu-se grande sinal no céu, a saber, uma mulher vestida do sol com a lua

debaixo dos pés e uma coroa de doze estrelas na cabeça, que, achando-se grávida, grita com as dores de parto, sofrendo tormentos para dar à luz. Viu-se, também, outro sinal no céu, e eis um dragão, grande, vermelho, com sete cabeças, dez chifres e, nas cabeças, sete diademas. A sua cauda arrastava a terça parte das estrelas do céu, as quais lançou para a terra; e o dragão se deteve em frente da mulher que estava para dar à luz, a fim de lhe devorar o filho quando nascesse. Nasceu-lhe, pois, um filho varão, que há de reger todas as nações com cetro de ferro. E o seu filho foi arrebatado para Deus até ao seu trono. A mulher, porém, fugiu para o deserto, onde lhe havia Deus preparado lugar para que nele a sustentem durante mil duzentos e sessenta dias.

Houve peleja no céu. Miguel e os seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram; nem mais se achou no céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a terra, e, com ele, os seus anjos. Então, ouvi grande voz do céu, proclamando: “Agora, veio a salvação, o poder, o reino do nosso Deus e a autoridade do seu Cristo, pois foi expulso o acusador de nossos irmãos, o mesmo que os acusa de dia e de noite, diante do nosso Deus. Eles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e por causa da palavra do testemunho que deram e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida. Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da terra e do mar, pois o diabo desceu até vós, cheio de grande cólera, sabendo que pouco tempo lhe resta”.

Quando, pois, o dragão se viu atirado para a terra, perseguiu a mulher que dera à luz o filho varão; e foram dadas à mulher as duas asas da grande águia, para que voasse até ao deserto, ao seu lugar, aí onde é sustentada durante um tempo, tempos e metade de um tempo, fora da vista da serpente. Então, a serpente arrojou da sua boca, atrás da mulher, água como um rio, a fim de fazer com que ela fosse arrebatada pelo rio. A terra, porém, socorreu a mulher; e a terra abriu a boca e engoliu o rio que o dragão tinha arrojado de sua boca. Irou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus; e se pôs em pé sobre a areia do mar. (Ap 12.1-17)

Nos tempos bíblicos, as pessoas não imaginavam os dragões como monstros cuspidores de fogo, como aquele que São Jorge (santo padroeiro da Inglaterra) matou. Elas imaginavam cobras

gigantes — parecidas com os mortíferos dragões-de-komodo da Indonésia.

João descreve que, quando o dragão (“a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás”, 12.9) não conseguiu destruir a Semente da mulher, “[i]rou-se o dragão contra a mulher e foi pelejar com os restantes da sua descendência, os que guardam os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus” (v. 17).

João estava vendo a “versão cinematográfica” das palavras de Jesus no cenáculo. Apesar de Cristo ter vencido o diabo e este ser um inimigo derrotado, ele continua a lutar e o fará até o dia em que será lançado no “lago de fogo e enxofre” (20.10), quando o Éden será restaurado e glorificado (cap. 21-22). Por ora, embora a serpente seja incapaz de destruir a Cristo, ela tentará destruir seus amigos, sua igreja.

Às vezes, parecemos ter uma compreensão muito inadequada disso. Ficamos surpresos com a oposição. Quando nos deparamos com conflitos internos e discórdia na igreja, dizemos: “Esse tipo de coisa não acontece em igrejas [evangélicas!] como a nossa!” Nossa análise da situação é totalmente horizontal, culpando pessoas. É claro que temos boa parcela da culpa. Mas também precisamos ver que nossa união com Cristo e fidelidade a ele atrairão fogo inimigo. E, como o inimigo tem muita experiência em ser “mais sagaz que todos os animais selváticos”, ele também poderá usar “fogo amigo”.

Para nossa infelicidade, Satanás constantemente usa engano e mentiras. Assim como seu nome, *diabolos* (aquele que lança coisas, o acusador), ele costuma ficar escondido, para que não vejamos sua mão nas circunstâncias ao nosso redor. Tendemos a analisar conflitos, dificuldades e oposição de maneira exclusivamente horizontal. Daí passamos a “lutar e a fazer guerras” (Tg 4.2), assim como o mundo, e entramos em um jogo de culpa, em vez de discernir a mão do inimigo buscando destruir nossa família da fé.

Essa sutileza é ilustrada nos seguintes comentários de um *site* de significados de nomes de bebê. No verbete do nome Diabolos — nome que ainda é usado, mesmo que raramente, tanto para meninos como para meninas —, o *site* aponta seu significado de maneira precisa e ainda o esclarece com mais comentários:

O nome Diabolos

Diabolos é uma forma de Diabo. Ver Diabo para mais detalhes.

Escolhido por muitos pais, o nome Diabolos é carinhoso e alegre.

Doce, mas fascinante, o nome é uma grande mistura de personalidade e talento.

Embora singular, seu pequeno e elegante Diabolos certamente fará dele um nome memorável.^{[41](#)}

“Carinhoso e alegre. Doce, mas fascinante... elegante Diabolos.” De fato, o diabo costuma aparecer como anjo de luz (2Co 11.14)! Logo, precisamos estar alertas e vigilantes, sempre discernindo. Agora, Jesus explica por quê.

Explicação

Era importante que o coração dos discípulos não ficasse “perturbado”. Ao mesmo tempo, porém, eles precisavam aceitar e levar a sério a lógica das palavras de Jesus: “Se o mundo vos odeia, sabeis que, primeiro do que a vós outros, me odiou a mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; como, todavia, não sois do mundo, pelo contrário, dele vos escolhi, por isso, o mundo vos odeia” (Jo 15.18-19).

Esses homens experimentaram isso logo nos primeiros dias da comunidade da Nova Aliança. É verdade que a promessa de Jesus de enviar o Espírito (Jo 14.16) se cumpriu (At 2.33). Aliás, três mil pessoas se converteram (At 2.41), e a igreja se tornou uma jovem comunidade vibrante, experimentando um derramamento de amor e crescendo diariamente (At 2.42-47). Mas essas palavras do cenáculo também se cumpriram. Via de regra, a vida da igreja primitiva era uma vida de surras e bênçãos. Quando o Evangelho dá frutos, sempre há oposição à sua produtividade.

Os primeiros dias da igreja em Jerusalém ilustram três táticas fundamentais que o diabo parece usar constantemente.

A primeira é a intimidação, na forma de perseguição (At 3-4).

Quando a igreja corajosamente permanece firme, ele passa para a segunda estratégia: a ambição da reputação — como foi o caso de Ananias e Safira, que tentaram usar de engano para conseguir o favor de outros (At 5.1-11).

Por fim, quando a igreja está comprometida com a integridade e essa tática falha, a serpente tenta injetar divisão no ministério de misericórdia da igreja (At 6.1-7) — ao que a igreja responde com sabedoria. Falhando nos três ataques, o diabo simplesmente volta para o primeiro e tenta de novo, mas logo descobre que “destruir” Estêvão só acaba levando à conversão de Saulo de Tarso (At 7-9).

Não podemos nos deixar enganar por Satanás. O princípio aqui é “melhor prevenir do que remediar”. Lendo esses capítulos de Atos, não acontecerá que “Satanás... alcance vantagem sobre nós, pois não lhe ignoramos os desígnios” (2Co 2.11). Não esperamos que nossas vidas cristãs individuais e comunitárias sejam imunes à oposição e ao antagonismo enquanto estivermos neste mundo.

E por que não? Porque “não sois do mundo” (Jo 15.19).

É um exagero de piedade? Não, são palavras de Jesus. Não pertencemos a este mundo, e sim à nova criação em Cristo, a outro tipo de realidade (2Co 5.17). Jesus nos chama a simplesmente reconhecermos quem nós somos, entendendo nossa nova identidade.

Quanto mais parecidos com o mundo nós e nossa igreja formos, mais seremos amados pelo mundo — ou, no mínimo, tolerados como menos perigosos. No entanto, teremos perdido nossa verdadeira identidade e causaremos pouco impacto no mundo.

Jesus está dizendo a seus discípulos que eles — e nós — não devemos esperar ser amados pelo mundo. Na antiguidade, os cristãos eram perseguidos como se pertencessem a uma “nova raça”, uma “terceira raça”,⁴² que não era acolhida nem por judeus nem por gentios. Aqueles que são diferentes do mundo serão condenados por ele, mas será através deles que o mundo será virado “de cabeça para baixo” (At 17.6, NBV-P), ou melhor, de cabeça para cima.

Você já parou para pensar que talvez o ponto mais difícil de aceitar no Evangelho seja o fato de seguirmos um Salvador crucificado? Foi isso que ele quis dizer quando afirmou que, se não tomarmos a cruz e o seguirmos, não poderemos ser seus discípulos. Aqui Jesus está enfatizando o motivo: eles o crucificaram. Em parte, eles o fizeram porque se sentiam condenados pela vida e palavras de Jesus. Sua hostilidade era movida pela culpa (e geralmente é), como Jesus sugere: “Se eu não viera, nem lhes houvera falado, pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado” (Jo 15.22). Eles se sentiram condenados por sua presença.

No entanto, foi por meio da perseguição deles a Jesus que a Semente deu fruto (12.24). Se isso foi regra para o Mestre, também seria regra para seus discípulos (15.20).

Pense nas partes do mundo em que, quando você se torna cristão, é imediatamente reconhecido como não pertencente a “este mundo”, passando a sofrer perseguição por causa disso (mesmo que você seja tipicamente contado entre os melhores cidadãos). Todavia,

geralmente é em lugares assim que o Evangelho tem dado frutos preciosos. Por quê? Em boa parte, porque há evidências de que os discípulos de Cristo se tornaram como seu Mestre.

O mesmo acontecia na igreja primitiva quando os discípulos que carregavam suas cruzes se alegravam por terem sido considerados “dignos” de sofrer pelo nome de Jesus (At 5.41). Os homens que estiveram no cenáculo devem ter olhado para trás com gratidão, por terem ouvido Jesus alertar: “Lembra-vos da palavra que eu vos disse: ‘Não é o servo maior do que o seu Senhor’” (Jo 15.20).

Por esse motivo, precisamos refletir profundamente no silogismo de Jesus:

Já que O servo não é maior do que o seu Senhor
E Eu sou seu Senhor
E Eles me perseguiram
Então Eles também perseguirão vocês

É por isso que os discípulos enfrentavam oposição. Mas, então, como eles seriam ajudados?

Desmascarados

Agora Jesus faz uma importante jogada. Ele desmascara a oposição.

Geralmente, a oposição à nossa fé parece grande demais, forte demais, determinada demais e insuperável demais. O objetivo disso é nos fazer sentir pequenos, fracos e intimidados. A intimidação é uma das principais armas que Satanás utiliza para fazer calar o testemunho cristão. A maioria de nós se encolhe por dentro.

Mas Jesus está dizendo: “Quero que vejam que esta não é a realidade da situação. Vocês precisam de novas lentes para ver quão grande é o Reino de Deus, a fim de que vejam que ele triunfará”.

Você se lembra da oração de Eliseu? Certa manhã, seu servo saiu de casa e descobriu que Dotã, a cidade onde se encontravam, estava cercada por um exército sírio:

...então, o seu moço lhe disse: Ai! Meu senhor! Que faremos? Ele respondeu: Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. Orou Eliseu e disse: Senhor, peço-te que lhe abras os olhos para que veja. O Senhor abriu os olhos do moço, e ele viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu. (2Rs 6.15-17)

Jesus abriu os olhos dos discípulos. Ele os ajudou a enxergar com mais clareza. No fundo, ele estava dizendo: “Olhem para essas pessoas! Basta olhar para elas. Vocês precisam pensar claramente em quem elas são. Precisam vê-las à luz da grandeza de Deus, do poder da minha ressurreição, da certeza do avanço do Reino e do fato de que eu usarei para edificar a minha igreja tudo aquilo que elas fizerem para prejudicá-la e destruí-la. Se vocês virem isso, elas começarão a encolher diante de seus olhos!”

Princípios centrais

Precisamos aprender a pensar em nossas vidas por meio de princípios centrais. Jesus chama a

atenção dos discípulos para três deles.

Princípio central 1: a paternidade de Deus

Primeiramente, Jesus diz a seus discípulos que aqueles que os perseguem não conhecem o Pai, mas eles, sim: “Tudo isto, porém, vos farão por causa do meu nome, porquanto não conhecem aquele que me enviou” (Jo 15.21). Que diferença isso faz?

A oposição e intimidação fazem com que eu me sinta pequeno, excluído e solitário. Porém, tenho um grande privilégio: sou filho do Pai celestial. Pardais são vendidos por quase nada, mas Deus não se esquece de nenhum deles. E sou mais valioso para ele do que muitos pardais (Lc 12.6-7)! Não preciso ter medo. Ele cuida de mim com ternura e me protege.

Como afirma o Catecismo de Heidelberg, este é o meu “consolo na vida e na morte”:

Que não pertenço a mim mesmo, mas pertenco
de corpo e alma, tanto na vida quanto na morte,
ao meu fiel Salvador Jesus Cristo.
Ele pagou completamente todos os meus pecados com o seu sangue
precioso
e libertou-me de todo o domínio do diabo.
Ele também me guarda
de tal maneira que, sem a vontade do meu Pai celeste,
nem um fio de cabelo pode cair da minha cabeça;
na verdade, todas as coisas cooperam para a minha salvação.
Por isso, pelo seu Espírito Santo,
ele também me assegura a vida eterna
e faz-me disposto e pronto de coração
para viver para ele
de agora em diante (Pergunta e Resposta 1).

Eu não poderia estar mais seguro!

Agora, vejo aqueles que se opõem à minha fé não mais como gigantes, mas como pessoas dignas de compaixão, pois não conhecem a graça de Deus no Evangelho. Comparadas a meu Pai celestial, elas são pequenas e insignificantes, incapazes de me fazer qualquer coisa que ele não possa usar para o meu bem.

Nesse contexto, uma memória de infância me vem à mente. Quando eu era menino, costumava brincar de futebol na rua. O pai de um de meus amigos havia sido jogador profissional num time de futebol escocês. Às vezes, ele voltava cedo do trabalho, enquanto ainda estávamos jogando, e entrava para o time que estava perdendo! Quando ele entrava no seu time, não importava quantos gols atrás estivesse, você tinha certeza de que ganharia o jogo! Nenhum time conseguia resistir ao pai de meu amigo!

O mesmo acontece com os amigos de Jesus Cristo, Filho do “Pai de infinita majestade”.⁴³ Ele é nosso Pai e somos seus filhos agora — não fomos deixados órfãos! Isso nos traz paz e tranquilidade. Aqueles que querem destruir a fé e os frutos de seus filhos não percebem que todo o mal que fizerem será transformado pelo Pai celestial num instrumento para o bem:

Toda arma forjada contra ti não prosperará;
toda língua que ousar contra ti em juízo, tu a condenarás;

esta é a herança dos servos do Senhor
e o seu direito que de mim procede, diz o Senhor. (Is 54.17)

Princípio central 2: o juízo de Deus

Jesus acrescenta: “Se eu não viera, nem lhes houvera falado [a seus oponentes], pecado não teriam; mas, agora, não têm desculpa do seu pecado. Quem me odeia odeia também a meu Pai. Se eu não tivesse feito entre eles tais obras, quais nenhum outro fez, pecado não teriam; mas, agora, não somente têm eles visto, mas também odiado, tanto a mim como a meu Pai” (Jo 15.22-24).

Todos os “gigantes” intimidantes enfrentarão o justo juízo do Deus do céu. As provas contra eles serão trazidas ao tribunal, inclusive a maneira como responderam às palavras e obras do Senhor Jesus e aos discípulos dele.

O que Jesus tinha em mente ao dizer que, se ele não tivesse falado e agido, essas pessoas “pecado não teriam” (v. 22, 24)? Jesus está usando uma linguagem legal. No caso deles, a autorrevelação dele, somada à rejeição deles, torna certo o veredicto de “culpado”. A manifestação de graça em Cristo expôs-lhes o crime.

A luz do sol faz as flores se abrirem e liberarem os mais doces aromas. Mas a mesma luz do sol também pode secar a água poluída, liberando um mau cheiro tóxico. A luz de Cristo, o Sol da Justiça, tem esse mesmo efeito, só que espiritualmente: os discípulos produzem o bom fruto do Espírito, mas o coração dos demais fica endurecido, e sua hostilidade a Deus fica evidente.

Paulo faz lembrar isso ao dizer que a oposição ao Evangelho é “sinal evidente do reto juízo de Deus” (2Ts 1.5) e que a tranquilidade dos cristãos em resposta a seus perseguidores é “prova evidente de perdição” (Fp 1.28) para eles.

“Importa que todos nós compareçamos perante o tribunal de Cristo” (2Co 5.10). Os discípulos devem aprender a ver suas experiências do presente à luz do futuro. Isso diminui as coisas que parecem grandes, fere o orgulho humano e nos faz ver a perseguição sob um novo ângulo: “Por isso, não desanimamos... Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação, não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (4.16-18).

Essa visão trouxe estabilidade ao mártir Estêvão, mesmo diante da esmagadora oposição que se levantou contra seu testemunho: “Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, em pé à destra de Deus” (At 7.56).

Logo, sempre que um “gigante” intimidante nos ameaçar, precisamos aprender a olhar para além dele e ver que ali, atrás dele, está a sombra do trono do juízo de Cristo. Diante desse trono, o gigante se torna um anão, e o caminho que ele trilha leva a uma eternidade de perdição.

Isso nos leva a um terceiro “princípio central” que nos tranquiliza diante da oposição.

Princípio central 3: não estamos surpresos

O princípio central 1 é que conhecemos o Pai, mas os que perseguem a igreja, não; o princípio central 2 é que os inimigos de Cristo serão julgados; e o princípio central 3 é que, ao se depararem com a oposição, os discípulos podem dizer: “Não estou surpreso; já estava à sua espera”.

Nunca fique surpreso com a oposição. Sim, é possível que ela venha de lugares inesperados e surpreendentes. Mas, a despeito da origem humana, não devemos ficar surpresos com a oposição em si. Por que não? Jesus explica: se ele sofreu oposição, é inevitável que haja oposição àqueles

que confiam nele e o seguem.

Há grande poder em aprender esse princípio. Ele faz toda a diferença ao enfrentarmos as tentações de Satanás, sofrermos oposição de não cristãos ou encontrarmos na igreja pessoas egocêntricas, cujo comportamento ameaça a comunhão. Somos capazes de dizer: “Eu não sabia de que lado a oposição viria nem tinha como prever que forma ela assumiria. Mas eu sabia que ela viria. Já estava esperando. Não fui pego de surpresa. Estou pronto”.

Quando isso acontece, a oposição não nos faz entrar em pânico nem levar as mãos à cabeça e dizer: “O que deu errado? Tenho certeza de que esse tipo de coisa não devia estar acontecendo comigo e com nossa igreja!” Não somos tão ingênuos a ponto de pensar: “Por que eles estão se opondo a alguém como eu? Só estou tentando viver uma vida cristã normal. Nunca lhes fiz mal algum!” Não. Já esperávamos. Não estamos surpresos. Não entramos em pânico, pois sabemos que o Senhor Jesus não está em pânico com essa oposição a ele (e, consequentemente, a nós também). Enquanto nos lembrarmos de que a oposição, em última análise, não é contra nós, e sim contra Cristo, tudo ficará bem. Conseguiremos dizer: “Senhor, tudo diz respeito a ti, e sei que tu podes lidar com isso”.

Quando isso acontece, os oponentes de Cristo é que são pegos de surpresa! Naturalmente, eles presumem que, por costumarem ser intimidadores, seremos vencidos e facilmente derrubados. Eles se acham mais espertos, mais poderosos em debates, mais “modernos” e “civilizados” do que os cristãos. Por óbvio, eles geralmente são bons em nos fazer parecer pequenos e em nos fazer ter a sensação de que somos pequenos de fato. Porém, por não crerem em Cristo, não contam com o poder do Evangelho nem com a presença do Auxiliador. Eles não sabem de onde vem a força dos cristãos nem conhecem o princípio articulado por John Bunyan (que sabia tudo sobre menosprezo e oposição):

Quem está embaixo não teme a queda
Despreza o orgulho quem é singelo;
E o humilde, aquele que se apieda,
Tem a Deus por guia, o céu por elo.⁴⁴

Somos filhos do Pai celestial. Temos um grande Deus que nos protege. O Senhor Jesus nos ensinou a esperar oposição. Sabemos que, no fim das contas, a oposição é contra ele, não contra nós. E, então, assim como Estêvão, ao sermos atacados, estamos tão livres da intimidação, que podemos orar: “Senhor, não lhes imputes este pecado!” (At 7.60).

Resta uma última ênfase nesta seção.

Testemunho

À primeira vista, as palavras finais de João 15 podem parecer meio fora de lugar, pois Jesus volta a falar sobre o Espírito Santo (que, até então, não havia sido mencionado). Anteriormente, Jesus disse que o Espírito era o *paraklētos* ou “Auxiliador” (14.16, 26) dos discípulos. Agora, ele volta a esse tema e o aprofunda: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis, porque estais comigo desde o princípio” (Jo 15.26-27).

O que ele quis dizer? Os pontos principais estão bem claros: o Auxiliador viria e daria testemunho de Cristo. Os discípulos também dariam testemunho de Cristo.

Tal como o ensino que Jesus deu sobre o Espírito, essas palavras são, ao mesmo tempo, uma promessa e uma profecia. Elas se cumpriram pela primeira vez no dia do Pentecostes. Os

apóstolos testemunharam de Cristo (At 2.4), especialmente Pedro, que o fez de forma mais longa (v. 14-36).

Mas o que tornou o testemunho deles tão eficaz, a ponto de três mil pessoas terem professado fé naquele dia? Não foi a teologia bíblica de Pedro (embora ele certamente tivesse aprendido bastante com os ensinamentos de Jesus depois de sua ressurreição; At 1.3) nem foi sua eloquência (embora, mesmo sendo alguém “iletrado e inculto” [At 4.13], houvesse verdadeira eloquência do Evangelho em sua pregação). Foi a vinda do Espírito Santo. Este deu seu testemunho de Jesus através do testemunho dos apóstolos.

Perceba como Jesus faz um paralelismo em suas palavras:

1. Os discípulos testemunhariam. O que deu autoridade a seu testemunho? O fato de estarem com ele “desde o princípio”. Realmente, eles eram os “amigos” mais próximos de Jesus (Jo 15.15). Portanto, todos eles estavam qualificados para serem *paraklētos* de Jesus!
2. Mas eles não eram os únicos que haviam estado com Jesus desde o princípio. O Espírito Santo “dará testemunho de mim” (15.26). O que deu autoridade a seu testemunho? O fato de ele também ter estado com Jesus “desde o princípio”. Realmente, ele era o “amigo” mais próximo de Jesus. Portanto, ele estava qualificado para ser *paraklētos* de Jesus.

Na verdade, o Espírito estava com o Senhor Jesus havia mais tempo do que os discípulos. No caso dele, “desde o princípio” era bem antes do “princípio” em que eles conheceram Jesus. O Espírito esteve com ele desde o ventre de sua mãe. Mas há um “princípio” ainda antes de sua concepção no ventre de Maria. Afinal, o Espírito que Jesus enviaria “da parte do Pai” é a Testemunha que “dele procede” (15.26), e isso desde a eternidade!

Perceba a diferença nos tempos dos verbos “enviarei” e “procede”. “Enviarei” está no futuro (no dia de Pentecostes). “Procede” está no presente.

Ao longo da história, os melhores expositores da Escritura consideraram que essa procedência não se refere simplesmente à relação *econômica* entre o Espírito e o Pai — sua vinda na história —, mas à relação *ontológica* e eterna entre eles: por toda a eternidade, o Espírito sempre *procedeu* do Pai.

Jesus está mostrando aos discípulos um “tempo em que o tempo não existia”. Nessa noite de crise, ele estava abrindo as cortinas do mistério da Trindade. Estava lhes dizendo que, nele, eles foram levados a conhecer o Pai, com quem o Filho sempre vive face a face e de quem o Espírito sempre procede. Mais ainda, estava anunciando que ele próprio lhes enviaria esse mesmo Espírito da parte do Pai. Ele só tinha autoridade para fazê-lo porque era Filho de Deus. Um simples homem não teria autoridade para enviar a Deus!

Você ainda está acompanhando o raciocínio de Jesus?

Se há um versículo da Bíblia capaz de nos convencer da importância da doutrina da Trindade, com certeza é esse. Costuma-se pensar que essa é a doutrina mais especulativa e menos prática de todas as doutrinas cristãs, mas é o contrário. Se não fosse assim, por que Jesus ensinaria esse tipo de coisa num momento de crise? De fato, se entendermos a importância dessa doutrina, a Trindade deve ser a mais fundamental e prática de todas as verdades bíblicas.

Aqui, nessa hora sombria, Jesus está ancorando seus discípulos no próprio coração do ser de Deus. É como se estivesse dizendo: “Meus amigos, eu sei que a oposição será feroz. Mas não deixem que seus corações se turvem. Confiem em mim. E, seja o que for, testemunhem de mim. Estejam alertas e prontos para receber ódio e perseguição. Porém, não pensem que os recursos de seus adversários são maiores do que os seus. Continuem a ser minhas testemunhas. Vocês não

estão sozinhos. O Auxiliador está com vocês. Ele virá habitar em vocês. E lembrem-se disto: assim como vocês, ele esteve comigo desde o princípio de meu ministério. Mas, diferentemente de vocês, ele esteve comigo ainda antes desse princípio — quando eu, a Palavra, me tornei carne. De fato, ele esteve comigo ainda antes desse princípio — num princípio em que não havia princípio, ‘no princípio’ em que eu estava ‘no seio do Pai’ (Jo 1.1, 18), quando tudo o que existia estava ‘no princípio, Deus’ (Gn 1.1)”.

Emprestando uma expressão usada por C. S. Lewis, podemos dizer que os discípulos receberam acesso à “magia profunda na aurora do tempo”.⁴⁵ Quando o Auxiliador viesse para eles, receberiam recursos do céu e estariam ancorados em Deus, a Trindade. Diante dele, toda oposição humana fica pequena.

E, então, em vez de ficarem intimidados e esmagados, esses jovens seriam encorajados. Eles seriam enviados para “todas as nações” como testemunhas (Lc 24.47-48). O restante do Novo Testamento nos diz que eles, de fato, foram a todas as nações, e as tradições da igreja nos contam que estiveram dispostos a dar suas vidas pelo Salvador.

Não demoraria muito para verem a promessa de Jesus se cumprir em alguém que não estava com eles no cenáculo: seu colega Estêvão, que foi martirizado. Essa aparente derrota se tornou o meio pelo qual outro jovem, a cujos pés os assassinos lançaram suas vestes, se tornou testemunha de Cristo às nações.

Assim, na conversão de Saulo de Tarso, surgiu uma nova etapa de testemunho — e ficou claro que a promessa feita por Jesus no cenáculo continuaria a se cumprir até o fim dos tempos. Antes de prosseguirmos, devemos parar para refletir e agradecer por esse privilégio que, até então, não tínhamos percebido. Ao ler esses capítulos do Evangelho de João, sentimos o efeito da promessa de Jesus de que “o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis...”.

Além de tudo isso, essa foi uma promessa feita aos apóstolos de que eles seriam capacitados pelo Espírito a dar seu maior testemunho de Cristo para a igreja de todos os tempos: o Novo Testamento. Aqui está, de forma suprema, o testemunho conjunto dos apóstolos e do Espírito Santo. E, como estavam com Cristo desde o princípio — de seu ministério (no caso dos apóstolos) e de sua vida (no caso do Espírito Santo) —, podemos confiar em suas palavras.

Ao voltarmos nosso olhar para João 13–15, ficamos, de fato, gratos pelo ensino de Jesus até aqui. E ainda há mais adiante.

Mas por que Jesus só ensinou tais coisas aos apóstolos naquele momento, no cenáculo? O próximo capítulo começa com a resposta a essa pergunta.

Capítulo 9 - Por quê? Por quê? Por quê?

João 16.1-16

Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis. Eles vos expulsarão das sinagogas; mas vem a hora em que todo o que vos matar julgará com isso tributar culto a Deus. Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim. Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse.

Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco. Mas, agora, vou para junto daquele que me enviou, e nenhum de vós me pergunta: Para onde vais? Pelo contrário, porque vos tenho dito estas coisas, a tristeza encheu o vosso coração. Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador [Auxiliador] não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado.

Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.

Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis.

Talvez tenha parecido que o tempo parou no cenáculo. Com certeza, o tempo deve ter entrado em câmera lenta para os discípulos quando viram Jesus lavar seus pés. Exceto pela empolgação de Pedro no começo, o silêncio constrangedor no cenáculo provavelmente era ensurdecedor.

Quantas vezes Jesus precisou ir buscar água limpa para encher a bacia? Será que ele disse algo além do que falou para Pedro? Judas disse alguma coisa? João deixa todos esses detalhes a cargo de nossa imaginação. No entanto, por mais interessantes que sejam, não nos importa saber

tais detalhes. Só duas coisas importam: o que Jesus fez — lavou os pés dos discípulos, deu um pedaço de pão para Judas e o dispensou — e o que Jesus disse.

Assim como o lava-pés, o ensino do Mestre foi pessoal, íntimo e cheio de graça. Foi toda uma tarde de limpeza. Ele limpou os pés de seus discípulos derramando água neles e limpou suas vidas derramando sua palavra neles (Jo 15.3).

Acabamos de refletir sobre um aspecto profundo da palavra “limpeza”. Por incrível que pareça, Jesus escolheu esse momento para falar sobre a Trindade. Só isso já deve ter feito parecer inacreditável o que ele diria para os discípulos: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora” (Jo 16.12).

Sério? Ele tinha acabado de lhes falar acerca do que os teólogos chamam de Trindade ontológica e econômica! O que mais ele poderia dizer? Você com certeza teria se identificado com o discípulo que exclamasse: “Senhor, não aguento mais!”

Jesus não terminara de ensiná-los, mas já os levava ao limite do que podiam entender no momento (“agora”). Mais tarde, quando o Espírito assumisse seu papel de ensino, haveria mais para aprender: “Compreendê-lo-ás depois” (13.7).

Jesus era um Professor sábio e disciplinado, e há muito para aprendermos com ele aqui. Algumas pessoas amam ensinar. Algumas pessoas amam estudar para poder ensinar. Contudo, essas duas coisas em si não nos qualificam a ensinar na igreja. Algo mais é necessário: amar as pessoas e, conseqüentemente, querer servi-las usando o dom do ensino. Afinal, Cristo não nos deu esse dom por nossa causa, e sim por causa delas.

Sem isso, nosso ensino pode facilmente se transformar num meio de autogratificação disfarçado de ministério. Ele pode informar e instruir — muito bem até —, mas algo faltará: o alimento espiritual, que caracterizava o ensino de Jesus e dos apóstolos. Esse alimento surge quando o professor está de joelhos, assim como Jesus, e quando a disposição que ele mostra diz: “O Senhor o ama. Ele me deu algo para dar a você, porque eu também o amo e quero servi-lo”.

O apóstolo Paulo percebeu e considerou isso em três comentários reveladores: “Porque não nos pregamos a nós mesmos, mas a Cristo Jesus como Senhor e a nós mesmos como vossos servos, por amor de Jesus” (2Co 4.5). “Assim, querendo-vos muito, estávamos prontos a oferecer-vos não somente o evangelho de Deus, mas, igualmente, a própria vida; por isso que vos tornastes muito amados de nós” (1Ts 2.8). “O intuito da presente admoestação visa ao amor” (1Tm 1.5).

O modelo original desse espírito é visto na mistura de amor e paciência expressa nas palavras de Jesus: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora” (Jo 16.12). É nesse contexto que Jesus agora parece responder a perguntas que os discípulos não fizeram, como se soubesse no que eles estavam pensando. Ele o fez porque tinha perfeito discernimento.

O discernimento é um importante elemento ao dar conselhos espirituais. Significa não apenas entender o que as pessoas estão dizendo e as perguntas que elas estão fazendo, mas também compreender as próprias pessoas e “a pergunta por trás das perguntas”. Jesus não só deu resposta às perguntas, mas também àqueles que as fizeram. Como disse João, “ele mesmo sabia o que era a natureza humana” (2.25).

Quanto mais entendimento das Escrituras, experiência nos caminhos de Deus e sensibilidade espiritual uma pessoa tem, mais isso será real na vida dela. Na humanidade perfeita de Jesus, encontramos esse conhecimento, entendimento e sensibilidade em perfeito equilíbrio. De forma paciente, cuidadosa e amorosa, ele responde a perguntas que os discípulos, quem sabe, estivessem constrangidos demais para fazer ou sequer conseguissem colocar em palavras.

Isso era compreensível. Jesus estava forçando seus limites (afinal, ele acabara de forçar o

limite de nosso entendimento ao falar sobre os relacionamentos dentro da Trindade). Então, ele responde a três perguntas:

Jesus, por que você está nos dizendo isso?

Jesus, por que você está nos dizendo isso agora?

Jesus, por que você está nos dizendo que nos deixará?

Por que está nos dizendo isso?

A primeira pergunta é respondida imediatamente: “Tenho-vos dito estas coisas para que não vos escandalizeis” (Jo 16.1).

Nosso Senhor tinha vários objetivos em seus ensinamentos, e, por isso, seu ministério da Palavra de Deus funciona em diferentes níveis e tem uma variedade de efeitos.

Anteriormente, vimos que um desses efeitos é a alegria: “Tenho-vos dito isso para que a minha alegria permaneça em vós, e a vossa alegria seja completa” (15.11, ARC). Agora ele equilibra isso, enfatizando por que seu ensino sobre o sofrimento vindouro e a ajuda do Espírito é particularmente importante: porque protegeria os discípulos de “se escandalizarem” e o abandonarem, como Judas havia feito. Isso os alertaria do perigo e os capacitaria a enfrentá-lo, uma vez que, muito em breve, eles se veriam diante de hostilidades nas sinagogas — alguns se sentiriam justificados por persegui-los e até mesmo por matá-los, perversamente acreditando estarem servindo a Deus (16.1-2).

Perceba o que ele diz: Jesus dá uma explicação. Os discípulos precisam crescer em discernimento. Uma coisa é o que eles veriam e sentiriam, mas eles precisavam conseguir ir além das aparências: “Isto farão porque não conhecem o Pai, nem a mim” (16.3).

Essa é uma lição importante para aprender. Jesus está dizendo: “A perseguição será contra vocês, mas no fundo não tem a ver com vocês!” Quando entendemos isso, mesmo que a dor da perseguição persista, o veneno do ferrão já foi retirado. Já podemos dizer: “Senhor, de fato, isso tem a ver contigo, não comigo. Por isso, entrego este fardo a ti. Tu consegues carregá-lo, assim como a mim!” E é isso que produz tranquilidade.

Jesus dá mais um aviso: “Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar [isto é, a hora do reino das trevas], vos recordeis de que eu vo-las disse” (16.4).

Já ouvimos essa lição antes: é melhor prevenir do que remediar. A oposição surgirá, mas não ficamos prostrados por causa dela, pois não nos pegou de surpresa. Podemos dizer: “Mesmo sem saber de que lado você viria, eu sabia que viria”. Não estamos alienados. Somos protegidos pelas palavras de advertência de Jesus e, assim, protegidos de nos escandalizarmos.

Mas o que são “estas coisas” que Jesus disse para tranquilizá-los?

Primeiro: “não se turbe o vosso coração” (14.1, 27). Vocês têm bons motivos para não se perturbarem. “Credes em Deus [confiais nele], crede também em mim [confiai também em mim]” (v. 1).

Segundo: “E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco” (v. 16); ele será seu Conselheiro, dando-lhes sabedoria, e estará com vocês, a fim de que nunca sejam silenciados: “Esse dará testemunho de mim; e vós também testemunhareis” (15.26-27).

É bom parar para destacar novamente o princípio aqui ilustrado. A palavra de Jesus causaria nos discípulos a própria transformação para a qual aponta. Mais uma vez, vemos a palavra de Cristo em ação. Ela cumpre seus propósitos. Nosso trabalho é dar espaço a ela. Afinal, se ela habitar em nós, teremos recursos para nos sustentar. Dentro de nós, será criado um baluarte

capaz de resistir à oposição. Cresceremos no discernimento que nos capacita a ver o que está por trás dela e receberemos a sabedoria de que precisamos para lidar com ela.

É por isso que Jesus está derramando sua palavra na mente e coração dos discípulos. Ele está lhes dando os recursos que os impedirão de se escandalizarem.

Mas por que Jesus está dizendo essas coisas agora?

Por que está nos dizendo isso agora?

Você pode imaginar os discípulos pensando: “Por que não nos disse isso antes, Jesus?”

Jesus responde: “Ora, estas coisas vos tenho dito para que, quando a hora chegar, vos recordeis de que eu vo-las disse. Não vo-las disse desde o princípio, porque eu estava convosco” (Jo 16.4).

Talvez você já tenha tido a experiência de dar más notícias a alguém que você ama. Seu coração fica arrasado por essa pessoa. Você quer protegê-la. Você sente o peso da tristeza. Se pudesse, carregaria você mesmo esse fardo. Mas sabe que precisa dar as más notícias.

Jesus carregou o próprio fardo pesado por anos, mas agora a cruz era uma realidade iminente. Várias vezes ele contou aos discípulos o que o aguardava — e também a eles —, mas, em grande medida, ele os protegeu. Jesus sabia melhor do que eles o quão frágeis eram. Eles não teriam sido capazes de suportar a pressão.

É por isso que ele adiou revelar tudo até agora — não por sua própria causa, mas por causa deles. Queria protegê-los, e podia fazer isso porque estava pessoalmente com eles (16.4b). Mas agora os estava deixando, e eles precisavam ouvir mais.

Teria sido uma ilusão para os discípulos pensar que, se tivessem conhecido o futuro, teriam vivido de maneira diferente. Eles já sabiam o suficiente — e, agora, sabiam mais —, mas isso fez pouca diferença no final. Provavelmente, eles não perceberam o quanto Jesus os protegera nem mesmo que haviam precisado de sua proteção (às vezes, Pedro parecia achar que conseguia proteger Jesus!).

Por certo, enche-nos de admiração vermos a maneira como Jesus suportou sozinho a pressão do que o aguardava no final de seu ministério e como, ainda por cima, protegeu seus discípulos de um fardo que eles não seriam capazes de suportar. Como Isaías disse, “[c]omo pastor, apascentará o seu rebanho; entre os seus braços recolherá os cordeirinhos e os levará no seio” (Is 40.11).

Quando nossos filhos eram pequenos, nós os carregávamos. Porém, chegou o tempo em que eles precisavam aprender a andar. Alguns se assustavam e continuavam querendo ser carregados. Mas precisavam aprender. Aqui é a mesma coisa. Os discípulos precisavam aprender a andar por um caminho perigoso sem a presença física de Jesus para guiá-los e guardá-los. Ele estaria com eles na pessoa de seu Espírito. Todavia, eles precisariam confiar nele. Haveria graça suficiente para eles em suas horas de necessidade, mas a graça de amanhã não é dada hoje.

Essa é a resposta para a pergunta: “Por que você não nos disse isso tudo antes?” Assim como basta a cada dia o seu próprio mal, basta a cada dia a graça concedida ao longo dele. Eis a vida da fé.

Por que ir embora agora?

Surge uma terceira pergunta: “Se é isso o que vai acontecer conosco, por que está nos deixando agora, Jesus?”

Então, ele lhes diz ainda mais incisivamente o que já lhes ensinara, mas eles não haviam entendido direito: “Eu afirmo que é para o bem de vocês que eu vou. Seu eu não for, o Conselheiro não virá para vocês; mas, se eu for, eu o enviarei” (Jo 16.7, NVI)

Essas palavras devem ter soado como um contrassenso! Como ele podia lhes dizer que estavam entrando nesse período de crise ao mesmo tempo que os deixava? Como isso poderia ser para o bem deles?

Como já vimos, a resposta é que, somente quando terminasse sua obra e subisse ao trono dos céus, Jesus lhes enviaria seu Espírito. Talvez possamos pensar desta forma: somente quando se tornasse o Salvador “completo” de que precisamos é que Jesus teria como prover para o Espírito os recursos necessários para transformar seus seguidores plenamente à sua semelhança.

Contudo, há um sentido ainda mais direto no qual a vinda do Espírito seria para o bem dos discípulos: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (16.8-11).

Espírito de convencimento

Costumamos pensar nessas palavras como uma promessa geral e imediatamente aplicável ao tempo presente. Certamente elas têm uma aplicação nos dias de hoje; porém, mais uma vez, precisamos refrear o instinto de pular duzentos séculos e chegar à nossa época. Isso porque, em primeira instância, as palavras de Jesus constituem uma profecia específica. Em questão de semanas, os discípulos testemunhariam seu cumprimento no dia de Pentecostes, como resultado do sermão de Pedro.

Na verdade, o que aconteceu no dia de Pentecostes foi praticamente um cumprimento da profecia de Jesus frase por frase:

1. No dia de Pentecostes, o Espírito convenceu “o mundo” (Jo 16.8). No vocabulário de João, “o mundo” significa “não apenas os judeus, mas também as pessoas do mundo gentio” — como os que estavam reunidos em Jerusalém: “homens... vindos de todas as nações debaixo do céu”, que ouviriam o Evangelho que lhes era pregado na língua materna dos “partos, medos, elamitas e os naturais da Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, da Frígia, da Panfília, do Egito e das regiões da Líbia, nas imediações de Cirene, e romanos que aqui residem... cretenses e arábios” (At 2.5-11).

2. No dia de Pentecostes, o Espírito convenceu o mundo “do pecado, porque não creem em mim” (Jo 16.9). Jesus não está dizendo que as pessoas só se tornam pecadoras por não crerem nele, e sim que, no dia de Pentecostes, a culpa delas por não crerem nele ficaria ainda mais evidente. O Espírito agiria como advogado de defesa de Jesus e como advogado de acusação dos pecadores, a fim de lhes mostrar essa verdade.

A pregação de Pedro no dia de Pentecostes foi corajosa e direta. Ele acusou seus ouvintes, dizendo: “Este [Jesus]... vós o matastes, crucificando-o...” (At 2.23). Eles se recusaram a crer nele, condenaram-no, trataram-no como um criminoso culpado e o crucificaram. Mas Deus deu o veredicto final, pois o “ressuscitou, rompendo os grilhões da morte” (v. 24). Agora, a pecaminosidade deles estava exposta. Eles eram pecadores; rejeitaram o Messias de Deus. Convencidos de seu pecado de incredulidade, “compunhiu-se-lhes o coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: ‘Que faremos, irmãos?’ Respondeu-lhes Pedro: Arrependei-vos...” (v. 37-38). Já era de esperar.

3. No dia de Pentecostes, o Espírito convenceu o mundo “da justiça, porque vou para o Pai, e

não me vereis mais” (Jo 16.10). Por que a ascensão de Jesus ao Pai foi o motivo de o Espírito convencer o mundo acerca da justiça? Seria um convencimento de sua falta de justiça? Talvez em parte, mas há mais coisas envolvidas aqui. O Espírito traz convicção porque algo é verdade acerca de Jesus: sua “ida para o Pai”, isto é, sua morte, sepultamento, ressurreição e ascensão (veja 14.12, 28; repetido em 16.28).

Ao longo de todo o Evangelho de João, Jesus foi observado e julgado diante do mundo. João trouxe várias testemunhas de defesa: a mulher do poço (cap. 4), o paralítico do tanque de Betesda (cap. 5), o homem nascido cego (cap. 9), Lázaro (cap. 11) e outros. De diferentes maneiras, todos eles deram testemunho acerca da verdadeira identidade de Jesus e do fato de que ele era justo. Conforme seu “julgamento” avançava para o veredicto, mesmo diante dessas evidências, foi declarado “culpado” aquele que foi entregue por Judas, Anás, Caifás, Herodes, a guarnição romana, a multidão revoltada e Pôncio Pilatos.

No entanto, agora o próprio Espírito está testemunhando. A ressurreição e ascensão de Jesus são sua defesa feita pelo Espírito (como Paulo registra em Rm 1.4 e 1Tm 3.16), demonstrando que Cristo era justo. Em sua ressurreição e, agora, com o derramamento do Espírito, Deus declarou que Jesus é que era o Justo! Aqueles que o crucificaram estavam errados. Assim, com essa demonstração da justiça de Cristo, o Espírito os convenceu de sua injustiça.

4. No dia de Pentecostes, o Espírito convenceu o mundo “do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado” (Jo 16.11). Muitos dos que estavam reunidos em Jerusalém haviam desprezado a alegação de Jesus de que Deus colocara todo julgamento em suas mãos (5.22). Na cruz, porém, o “príncipe deste mundo” foi julgado, tal como Jesus prometera: “Chegou o momento de ser julgado este mundo, e agora o seu príncipe será expulso” (12.31; veja Cl 2.15-16). Aquele que orquestrou a condenação de Jesus agora estava sendo, ele mesmo, julgado e condenado. Consequentemente, o mesmo destino aguardava aqueles que se colocaram ao lado dele contra o Salvador! A situação deles era terrível!

Será que havia esperança para aqueles que agora estavam convencidos e condenados? Sim, porque o Espírito convence a fim de converter. Se aqueles que estavam condenados se arrependessem e cressem em Cristo, poderiam receber o batismo, o sinal da purificação de seus pecados e de seu recebimento na família de Cristo. Poderiam ter perdão e uma nova vida!

De fato, tudo isso seria para “o bem” dos discípulos no dia de Pentecostes. Da noite para o dia, o número deles aumentou de 120 (At 1.15) para 3.120 discípulos (2.41)! Isso correspondia aproximadamente ao aumento de “trinta vezes” que Jesus prometera na parábola do semeador — e o aumento de “sessenta” e “cem vezes” ainda estava por vir (Mt 13.8; veja At 2.41, 47; 5.14; 6.1, 7).

Mas a vinda do Espírito traria um bem ainda maior para os discípulos.

Espírito de iluminação

Mesmo sendo apóstolos, esses homens ainda tinham muito para aprender, e Jesus ainda tinha muito para lhes ensinar (Jo 16.12).

Jesus pode ter em mente seus ensinamentos pós-ressurreição durante os quarenta dias entre a Páscoa e o Pentecostes, quando lhes ensinou mais coisas “concernentes ao reino de Deus” (At 1.3). No entanto, exceto pelas referências à aparição de Jesus no Domingo de Páscoa e à restauração de Pedro (Jo 20–21), o Evangelho de João não faz referência a tais ensinamentos.

Logo, parece provável que Jesus tivesse algo mais em mente, e ele o confirma nas palavras a seguir: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade” (Jo 16.13).

Aqui, mais uma vez, temos de ter cuidado para não pular do cenáculo direto para nossas salas de estar! Jesus não estava falando conosco, e sim com os apóstolos. Para entender essas palavras, primeiro precisamos perguntar: “Como essa promessa se cumpriu para eles?” Somente então, devemos indagar quais seriam as implicações disso para nós.

Os apóstolos que ouviram Jesus naquela noite receberam um papel único na igreja, um papel que não se repetiria.⁴⁶ Não havia “plano de sucessão” para eles.

Essas considerações nos ajudam a entender que o que Jesus disse a esses homens como apóstolos tem implicações para nós, mas suas palavras não foram ditas a nós. Assim, quando ele disse: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade”, não devemos cometer o erro de pensar que estamos incluídos no “vós” a quem ele se dirigia diretamente. Não devemos esperar revelações diretas do Espírito Santo. Em vez disso, deveríamos perguntar: “De que forma o Espírito cumpriu essa promessa aos apóstolos? E o que isso tem a ver com a igreja hoje, se é que tem?”

Várias pistas nos indicam a resposta. Jesus disse que o Espírito viria para glorificá-lo (Jo 16.14). E como ele faria isso?

1. O Espírito glorificaria a Cristo recebendo o que era dele e declarando-o aos apóstolos (16.14).

Será que ainda conseguimos identificar o que o Espírito declarou a eles? Pense na cena anterior do capítulo 14. Lembre-se de quanto Jesus enfatizou a importância de suas palavras (14.10, 21, 23-26). Ele também tranquilizou os apóstolos, dizendo que o Espírito lhes ensinaria “todas as coisas”, lembrando-os de “tudo o que vos tenho dito” (v. 26).

Está ficando mais evidente onde temos acesso a esse ensino? Sim, é claro! As palavras de Jesus são praticamente uma profecia sobre a maneira como o Espírito capacitaria os apóstolos a se lembrar do que ele dissera e a preservar isso nos quatro Evangelhos.

2. O Espírito também glorificaria a Cristo na medida em que guiasse os apóstolos “a toda a verdade” (16.13).

Temos acesso a essa verdade? Mais uma vez, sim. Mas onde? Pense novamente nas palavras de Jesus. Elas são quase que uma profecia dos eventos descritos em Atos dos Apóstolos e no conteúdo das cartas do Novo Testamento. De fato, Paulo fala sobre os efésios: “Aprendestes a Cristo, se é que, de fato, o tendes ouvido e nele fostes instruídos, segundo é a verdade em Jesus” (Ef 4.20-21).

3. O Espírito glorificaria a Cristo ainda mais, mostrando aos apóstolos “as coisas que hão de vir” (Jo 16.13).

Temos acesso a isso também? Novamente, sim! Mas onde? Nas profecias registradas em vários livros do Novo Testamento, especialmente no livro de Apocalipse. Suas primeiras palavras são quase que um eco das palavras de Jesus no cenáculo: “Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer...” (Ap 1.1).

Combinando essas pistas, o que encontramos? Evangelhos, Atos, Cartas e Apocalipse — o Novo Testamento!

Talvez essa fosse uma das coisas que eles não seriam capazes de “suportar” se ele lhes dissesse diretamente; contudo, dentro do ensino que Jesus estava dando aos discípulos, estava o fato de que grande parte de sua comissão era, por intermédio do ministério do Espírito a eles e neles, escrever o Novo Testamento. Eles testemunhariam dele, e, ao mesmo tempo, o Espírito também testemunharia. Por meio daquilo que o Espírito os capacitou a escrever, ele continuaria a iluminar mentes obscurecidas para reconhecerem a face de Cristo revelada em sua Palavra escrita, capacitando ouvidos surdos a ouvirem sua voz e passarem a confiar nele.

Assim, Jesus não estava falando conosco, e sim com os apóstolos.

Não obstante, embora essas palavras não tenham sido ditas a nós, elas têm aplicações para nós. Afinal, também precisamos ser conduzidos à verdade, também precisamos saber o que nosso Salvador disse, também precisamos saber como viver à luz do que está por vir. E, agora que temos o Novo Testamento, somos capazes de tudo isso!

Então, se queremos ver o Cristo glorificado pelo Espírito, o que devemos fazer? Exatamente o que estamos fazendo ao ler o Evangelho de João: meditar nas Escrituras e deixar a Palavra de Cristo habitar ricamente em nós (Cl 3.16). Dessa forma, o Espírito age internamente em nossas mentes, a fim de iluminar nosso entendimento de quem Jesus é e do que ele nos ensina, a fim de aprendermos como, em resposta, podemos honrar e glorificar a ele!

Para o bem de vocês

Temos aqui outra dimensão do “bem” que seria para os discípulos o fato de Jesus deixá-los e enviar o Espírito em seu lugar. De certa forma, o próprio Jesus lhes ensinou “externamente”. Eles eram “nécios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram” (Lc 24.25). E nós também. Mas o Senhor enviou seu Espírito a nós. Ele não apenas revelou Cristo nas páginas da Palavra de Deus escrita no Novo Testamento, como também continua a habitar os crentes, a fim de iluminar seu entendimento “internamente”.

Os discípulos estavam cheios de inquietação. Um de seus temores era que, se Jesus os deixasse, eles se sentiriam distantes dele, suas memórias dele desapareceriam aos poucos, e seu conhecimento dele diminuiria. Jesus, no entanto, estava prometendo o contrário. Ele estaria mais perto deles do que nunca; seu Espírito lhes traria à memória tudo o que lhes ensinara e os capacitaria a entender; eles o conheceriam ainda melhor. E, graças a isso, um deles seria capaz de escrever para encorajar todos os futuros discípulos: “Mesmo não o tendo visto, vocês o amam; e, apesar de não o verem agora, creem nele e exultam com alegria indizível e gloriosa” (1Pe 1.8, NVI).

Realmente, o fato de Jesus os deixar era para seu “bem”. E, até que o vejamos face a face pela primeira vez, é para nosso bem também.

Cristo ainda tem muitas coisas a nos dizer também, mas não fechemos os olhos para a maneira como ele as dirá. Que essa Palavra de Cristo, que nos foi dada nas páginas do Novo Testamento, habite ricamente em nós!

Capítulo 10 - Confusão antes de clareza

João 16.17-33

Então, alguns dos seus discípulos disseram uns aos outros: Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai? Diziam, pois: Que vem a ser esse — um pouco? Não compreendemos o que quer dizer. Percebendo Jesus que desejavam interrogá-lo, perguntou-lhes: Indagais entre vós a respeito disto que vos disse: Um pouco, e não me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis? Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis, e o mundo se alegrará; vós ficareis tristes, mas a vossa tristeza se converterá em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, tem tristeza, porque a sua hora é chegada; mas, depois de nascido o menino, já não se lembra da aflição, pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem. Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar. Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome. Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa.

Estas coisas vos tenho dito por meio de figuras; vem a hora em que não vos falarei por meio de comparações, mas vos falarei claramente a respeito do Pai. Naquele dia, pedireis em meu nome; e não vos digo que rogarei ao Pai por vós. Porque o próprio Pai vos ama, visto que me tendes amado e tendes crido que eu vim da parte de Deus. Vim do Pai e entrei no mundo; todavia, deixo o mundo e vou para o Pai.

Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte; por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus. Respondeu-lhes Jesus: Credes agora? Eis que vem a hora e já é chegada, em que sereis dispersos, cada um para sua casa, e me deixareis só; contudo, não estou só, porque o Pai está comigo. Estas coisas vos tenho

dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo.

No seminário, professores de pregação e comunicação enfatizam o quão importante é fazer-se entender. Às vezes, diz-se aos pregadores: “Para que todos possam entender, você precisa pregar de um jeito mais simples, do jeito que Jesus pregava!” Mas você já imaginou como Jesus teria se saído na disciplina de pregação? Seus discípulos mais fiéis já o ouviam havia três anos. Ele não usava palavras difíceis. Mesmo assim, de forma alguma eles entendiam claramente tudo o que ele dizia. O problema não era falta de inteligência. No entanto, até ali, no cenáculo, eles tinham de lhe perguntar o que ele queria dizer — e, ainda assim, achavam confuso. Como se não bastasse, ele disse que havia coisas que eles precisavam saber, mas que ainda não eram capazes de suportar (Jo 16.12).

Será que Jesus era um mau comunicador? Longe disso. Lemos que “a grande multidão o ouvia com prazer” (Mc 12.37). Porém, isso não significa que eles o entendiam. Ouvir e entender não são a mesma coisa.

O problema dos discípulos não era intelectual. Tampouco se tratava de vocabulário incompreensível ou falta de clareza. O problema deles era espiritual. Eles não tinham visão, entendimento espiritual e discernimento para entender o que Jesus estava falando acerca do reino de Deus. Eles precisavam de iluminação. Só então chegariam à verdade. Só então conseguiriam dizer: “Agora eu vejo!”

Os discípulos ainda não tinham chegado a esse ponto. Eles ainda estavam confusos. O que será que Jesus tinha em mente ao dizer que os estava deixando para ir ao Pai, mas que voltaria para eles? O que era toda aquela conversa sobre “um pouco”? Nada parecia ter sentido; Jesus estava falando em enigmas! No entanto, algo encorajador estava começando a acontecer. Em sua confusão, eles começaram a dizer entre si: “O que ele quis dizer? Não estou entendendo, e você?”. “Eu também não. Estou confuso”.

Talvez você já tenha tido a experiência de arrumar um quarto, mas, ao fazê-lo, se deu conta de que fez uma bagunça ainda maior antes de conseguir organizar. Às vezes, a confusão é um passo necessário em direção à clareza. Talvez estejamos sendo libertos de pensamentos errados, com os quais nos sentíamos seguros. Mas isso pode gerar certa confusão mental e até mesmo pânico.

O problema é que juntamos mal as peças do quebra-cabeça e acabamos montando a figura errada, de forma que ela precisa ser desconstruída. Agora, porém, as peças estão uma bagunça. Ficamos confusos — até que nos vem uma luz e as peças começam a se encaixar adequadamente. Só então conseguimos ver a figura com clareza. Olhando para trás, vemos que a confusão era um passo necessário para a clareza.

Assim, Jesus interrompe a conversa confusa dos discípulos a fim de ajudá-los — tal como faria dali a alguns dias com dois discípulos no caminho de Jerusalém para Emaús (Lc 24.13-35).

João nos deixa escutar a conversa. Os discípulos perguntam: “Que vem a ser isto que nos diz: Um pouco, e não mais me vereis, e outra vez um pouco, e ver-me-eis; e: Vou para o Pai?” (Jo 16.17).

Sabemos que “vou para o Pai” é a abreviação de Jesus para sua paixão, morte, sepultamento, ressurreição e, por fim, ascensão à destra de Deus. Dentro de poucas horas, ele estaria morto e sepultado, de sorte que, por “um pouco”, eles não o veriam — na verdade, eles achariam que nunca mais o veriam. Contudo, depois de “um pouco”, eles o veriam novamente quando ele ressuscitasse.

Certo mês de dezembro, pediram a um grande economista britânico que desse sua previsão

acerca da economia. O economista fez o maravilhoso comentário de que “a importância do Natal não fica clara até a Páscoa”. Naturalmente, ele quis dizer que os economistas levariam tempo para avaliar quão lucrativa foi a época do Natal (e qual foi o impacto dos empréstimos para o Natal!). Provavelmente, só na época da Páscoa, o quadro ficasse claro. No entanto, assim como Caifás antes dele (Jo 11.49-52), o economista acabou afirmando uma verdade mais profunda do que pretendia. É exatamente isso que Jesus estava dizendo a seus discípulos — o significado de sua encarnação só ficaria claro em sua ressurreição. O Natal precisa da Páscoa para fazer sentido. Sem a ressurreição, toda a história acabaria em confusão.

O mesmo acontece aqui: o motivo pelo qual os discípulos estavam confusos é porque tentavam entender Jesus sem levar em conta sua morte e ressurreição. Sem a ressurreição, a morte de Jesus não faria sentido para eles. Um evangelho sem ressurreição não é Evangelho, como Paulo destacou (1Co 15.12-19). Os medos que surgiam por Jesus estar partindo só poderiam ser resolvidos com a ciência de que ele voltaria ao ressuscitar.

Jesus tira uma lição importante e realista desse princípio — como indica sua típica ênfase (“em verdade, em verdade”). Ele pinta um quadro com palavras:

Em verdade, em verdade eu vos digo que chorareis e vos lamentareis,
e o mundo se alegrará;
vós ficareis tristes,
mas a vossa tristeza se converterá em alegria.
A mulher, quando está para dar à luz,
tem tristeza, porque a sua hora é chegada;
mas, depois de nascido o menino,
já não se lembra da aflição,
pelo prazer que tem de ter nascido ao mundo um homem.
Assim também agora vós tendes tristeza;
mas outra vez vos verei;
o vosso coração se alegrará,
e a vossa alegria ninguém poderá tirar.
(Jo 16.20-22)

Que alegria quando as dores de parto acabam e a criança nasce! Da mesma forma, haveria alegria depois da tristeza dos discípulos.

A ilustração de Jesus tem o objetivo de ensinar uma verdade ainda mais profunda, um princípio que rege todo discipulado. As dores de parto não são apenas *aquilo que vem antes* da alegria de uma criança nascer, mas também *o próprio meio que leva* à alegria de uma criança nascer. De fato, a relação entre a dor dos discípulos e sua alegria vindoura seria cronológica, mas também seria de causa e consequência. A dor produz a alegria. Na vida do discipulado, há uma “alegia que me busca em meio à dor”.⁴⁷

Esse é o constante ensino do Novo Testamento acerca da relação entre a tribulação e a alegria, entre o sofrimento e a glória. É verdade que há sofrimento agora e glória depois. Contudo, mais do que isso, a glória é produzida a partir da matéria-prima do sofrimento, assim como a alegria de uma nova vida é produzida a partir das dores de parto. Para o cristão, há propósito (e, consequentemente, significado) até mesmo nas trevas. Podemos não entender os detalhes dos caminhos de Deus, mas William Cowper (que sabia muito sobre as trevas) tinha razão:

Está no oculto a trabalhar
Mui hábil, sem falhar
Os seus desígnios faz valer
Quão grande é seu poder

Oh, crentes que temeis a Deus,
Só nele confiai
Por trás das nuvens negras vem
O amor do vosso Pai⁴⁸

“Caminha sobre o temporal, o vento e o mar são seus”², Cowper escreve, relembrando o salmo de Asafe:

Pelo mar foi o teu caminho;
as tuas veredas, pelas grandes águas;
e não se descobrem os teus vestígios. (Sl 77.19)

Assim como Cowper, Asafe parece ter um tido uma personalidade um tanto melancólica. Ele faz perguntas difíceis acerca da presença de Deus em meio às trevas. Como podemos ver seu caminho “sobre o temporal” se suas pegadas desaparecem no mesmo instante?

Seríamos cristãos ingênuos se achássemos que sempre podemos entender o que Deus está fazendo e para onde ele está indo. Contudo, temos um Pai que está fazendo todas as coisas cooperarem para o bem de seus filhos. Jesus está ensinando a seus discípulos que, nas mãos do Pai, o sofrimento se transforma na matéria-prima com a qual ele pretende criar glória. A tristeza levará à alegria.

Deus é o oleiro; nós somos seu barro vivo. Às vezes, sua ação de moldar e trabalhar nossas vidas é algo que dói, mas visa à nossa transformação à imagem de Cristo. Ele está nos transformando “de glória em glória” (2Co 3.18). Ele está criando algo de beleza duradoura. “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação.” Todavia, para o enxergarmos, precisamos olhar na direção certa: “Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas” (4.17-18).

Em nossa vida, o intervalo de tempo entre sofrimento e glória pode ser longo. No entanto, nessa ocasião, Jesus tranquiliza os discípulos dizendo que eles experimentariam tal padrão divino por “um pouco”, por apenas alguns dias — de uma tarde de sexta-feira até a manhã de domingo. Poderia parecer uma eternidade, mas seria apenas “um pouco”, até que seu tempo de tribulação desse lugar a um dia de alegria e de glória: “Assim também agora vós tendes tristeza; mas outra vez vos verei; o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém poderá tirar” (Jo 16.22).

A realidade de Jesus — “o qual, em troca da alegria que lhe estava proposta, suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12.2) — também seria realidade dos discípulos. E esses poucos dias seriam o paradigma de toda a vida deles, assim como da nossa também. Essa compreensão sustenta discípulos em meio ao sofrimento.

Recuamos diante do sofrimento. Nós, cristãos, não somos masoquistas. Tensões podem facilmente nos causar desespero e nos fazer afundar. Mas vemos aquilo que é invisível, isto é, que o Pai sempre está trabalhando para cumprir seus planos para nós, em nós, através de nós e para além de nós. Ele está formando em nós reflexos individualizados de sua glória. Assim, podemos ser encorajados a nos render a seu molde, aprendendo a orar: “Pai, isso dói, mas, por favor, use-o para produzir glória em mim”.

Esse paradigma é basicamente a primeira lição que Jesus ensinou a seus discípulos depois de sua ressurreição. Lembra-se do que ele afirmou aos dois discípulos no caminho de Emaús? “Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória?” (Lc 24.26).

Se isso aconteceu com o Mestre, também acontecerá com seus discípulos — pelo menos, em menor escala.

Mas Jesus ainda tinha mais a lhes ensinar sobre esse caminho. Mais uma vez, essa é uma lição importante o bastante para receber seu típico prefácio “em verdade, em verdade”: “Naquele dia, nada me perguntareis. Em verdade, em verdade vos digo: se pedirdes alguma coisa ao Pai, ele vo-la concederá em meu nome. Até agora nada tendes pedido em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja completa” (Jo 16.23-24).

Estava chegando o tempo em que eles não mais o veriam. Contudo, seria um tempo curto, porque logo o veriam de novo. Ainda assim, depois disso, viria um dia em que eles nunca mais o veriam neste mundo. E então? O que eles fariam quando não pudessem mais pedir-lhe conselhos, sabedoria, direção e conforto?

Jesus responde mostrando com todas as letras para os discípulos o maravilhoso privilégio que ele estava lhes dando: eles poderiam ir a seu Pai! E, quando fossem ao Pai, poderiam usar o nome de Jesus!

Os discípulos nunca haviam orado: “Pai nosso... pedimos em nome de Jesus”. Na verdade, ninguém nunca havia orado dessa forma antes. Esse privilégio, porém, é parte da herança que Jesus lhes estava deixando. Eles não precisavam duvidar de que receberiam toda a ajuda de que necessitassem quando entrassem na presença do Pai e orassem em nome de seu Filho!

Ao explicar isso, Jesus diz aos discípulos que não mais usará “figuras de linguagem”: “Eu vos falarei claramente a respeito do Pai” (Jo 16.25).

Ao longo de todo o seu ministério, Jesus usara figuras de linguagem — ele deu água viva; ele era o Pão da Vida e a Luz do Mundo. Ao falar da união dos discípulos consigo, empregou a longa metáfora da videira e seus ramos. Ao falar sobre o sofrimento deles, Jesus usou a metáfora de uma mãe em trabalho de parto. Mas chegou a hora de falar sem metáforas. Agora, ao lhes falar sobre o Pai, ele estava falando “claramente”.

O Pai

Há um Pai no céu. No centro do ministério de Jesus, estava o propósito de levar seus discípulos, seus “amigos”, a conhecer seu Pai como Pai deles também.

Os crentes da Antiga Aliança não chamavam Deus de “nosso Pai”, exceto no sentido de que ele era o Criador do mundo e também da nação de Israel. Mas, agora, chegou uma nova fase na revelação divina. Agora que o Filho veio, o Pai podia ser conhecido.

O Deus do Antigo Testamento é o mesmo Deus do Novo Testamento. Ele não muda. Contudo, sua revelação de si mesmo é progressiva. No prólogo de seu Evangelho, João já havia explicado que foi somente na vinda do Filho de Deus que o pudemos ver claramente:

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai... Porque todos nós temos recebido da sua plenitude e graça sobre graça. Porque a lei foi dada por intermédio de Moisés; a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do

Pai, é quem o revelou. (Jo 1.14, 16-18)

Só agora que o Filho foi revelado é que ficou claro que existe um “Pai”.
B. B. Warfield usa esta útil ilustração:

O Antigo Testamento pode ser comparado a uma câmara ricamente mobiliada, mas pouco iluminada. A entrada da luz não acrescenta nada de novo que já não estivesse ali, mas deixa mais visível muito do que estava ali, só que apenas de forma obscura ou sequer percebida antes... Da mesma forma, a revelação de Deus no Antigo Testamento não foi corrigida pela revelação completa que veio depois, mas apenas aperfeiçoada, ampliada e aumentada.⁴⁹

Há poucos pontos do Antigo Testamento em que Deus Pai “quase é visto”. A passagem do Salmo 103.13 é um exemplo: “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem”. Porém, quase que no mesmo instante em que virarmos a página em branco entre o Antigo e o Novo Testamento, deparamos com uma explosão de referências.

Folheie o Novo Testamento desde o começo. Quando chegar à página 5 ou 6, você estará lendo o Sermão do Monte, com suas constantes referências a “vosso Pai”.⁵⁰ Há muito mais referências ao Pai nesse sermão do que em todo o Antigo Testamento! Deus é eternamente Pai, Filho e Espírito Santo. Mas isso só fica claro quando o Filho vem à terra. Ao olhar para trás, os apóstolos veriam que, por mais incrível que fosse, o conhecimento de Deus possuído pelos santos da Antiga Aliança parecia a experiência de ser levado para o ensino fundamental por um aio comparada com ser um adulto capaz de desfrutar de sua herança!⁵¹

Agora os discípulos chamavam Deus de “Aba, Pai” (Rm 8.15; Gl 4.6).

Na igreja cristã, chamar Deus de “Pai” é algo comum. Mas vale a pena fazer uma pausa aqui para pensar em dois aspectos importantes disso. O primeiro está relacionado à nossa apologética,⁵² enquanto o segundo, à nossa saúde espiritual.

Pensamento apologético

Ao falar do “Pai”, Jesus não está empregando uma metáfora. “Pai” não é um antropomorfismo (falar sobre Deus usando termos que pertencem apropriadamente aos seres humanos). Na verdade, de certa forma, somos nós que estamos usando linguagem metafórica ao empregar a palavra *pai* para nos referirmos a nossos pais humanos. Nossa paternidade não é modelo para a de Deus Pai, e sim o contrário: sua paternidade é que é o modelo para a nossa. Ele é o original; nós somos a cópia. Nesse sentido, quando dizemos “pai”, estamos usando um teomorfismo (falar sobre seres humanos com termos que pertencem originalmente a Deus).

Esse é um princípio importante a compreender, visto que esclarece nosso pensamento diante de um dos “rebaixamentos” mais comuns da fé cristã: o “projecionismo”, a ideia de que a fé em Deus Pai é uma mera projeção de nossas necessidades.

As origens dessa crítica à fé cristã são complexas, mas, na cultura popular, podemos remontá-la a pensadores como Karl Marx (1818-1883) e o psiquiatra austríaco Sigmund Freud (1856-

1939), que alegam que Deus Pai é apenas uma forma de realizar desejos.⁵³

No entanto, esse projecionismo tem origens mais profundas, remontando à filosofia de Ludwig Feuerbach (1804-1872).

Para além disso, está a teologia europeia, praticamente construída em cima das visões destes grandes pensadores. Por detrás disso, está a obra do teólogo Friedrich Schleiermacher (1768-1834), que ensinava que a essência da verdadeira religião está em um senso último de dependência.

Schleiermacher estava reagindo ao Iluminismo europeu, especialmente à filosofia que negava a possibilidade de um conhecimento real e objetivo de Deus — expressa, por exemplo, no pensamento de Immanuel Kant (1724-1804). Schleiermacher pensava estar salvando o cristianismo de intelectuais que ele descrevia como “eruditos menosprezadores de religião”.⁵⁴ Basicamente, ele argumentou que eles erraram por não entender que a verdadeira essência da religião está na consciência do indivíduo. Assim, aqueles que negavam a possibilidade de um conhecimento objetivo de Deus estavam errados!

Ao pensar que poderia salvar o conteúdo de seu pensamento teológico, Schleiermacher correu o perigo de comprometê-lo. Afinal, se a teologia é baseada em nossa consciência subjetiva, estamos a apenas um passo de dizer que ela é uma projeção de nossas necessidades. Nosso senso de dependência de Deus como Pai celestial, em vez de indicar a existência desse Ser, indicaria apenas um senso de necessidade que cria uma projeção de sua existência. Daí a projetar a ideia de Deus é um curto passo, de sorte que isso não fica muito longe da conclusão de que “a religião é o ópio do povo” — metáfora popularizada por Karl Marx, mas amplamente utilizada no mundo do ópio do século XIX.

Visto ser esse o contexto em que estamos inseridos como cristãos hoje, é importante não interpretarmos a linguagem bíblica acerca de Deus como Pai através das lentes da cosmovisão contemporânea, pois a teologia bíblica sempre anda na direção oposta: ela começa com Deus. Ele é que se “projeta” no homem que criou: “Também disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança...’ Criou Deus, pois, o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou” (Gn 1.26-27).

Deus é um Pai para seus filhos; consequentemente, eles foram criados para desejá-lo e para precisar dele como Pai. Ele nos ajuda a entender isso por meio da própria forma como nos criou. Não moldamos sua paternidade com base na nossa nem projetamos nossas necessidades. Pelo contrário, essas “necessidades” são a consequência inevitável de termos sido criados à sua imagem. “Necessitamos” dele pelo mesmo motivo que um peixe necessita de água: porque é assim que fomos criados.

Portanto, a paternidade de Deus é o arquétipo (o original), ao passo que a nossa é o éctipo (a cópia). Em outras palavras, nós somos a projeção!

Assim, aquilo que Jesus disse no cenáculo esclarece nosso pensamento de forma maravilhosa. Ele nos diz que podemos ir até o Pai. Ele não está usando metáforas, símiles nem outras figuras de linguagem. Existe um Pai. E ele deve saber disso — afinal, ele é o Filho!

Mas essa revelação de Deus como Pai também é importante do ponto de vista pastoral.

Um poderoso remédio pastoral

A ênfase de nosso Senhor em conhecermos a Deus como nosso Pai reaparece em sua primeira conversa após a ressurreição, quando destacou a importância disso ao dizer a Maria: “Vai ter com os meus irmãos e dize-lhes: ‘Subo para meu Pai e vosso Pai, para meu Deus e vosso Deus’”

(Jo 20.17).

O Senhor Jesus estava apenas confirmando e aplicando a verdade que ensinara no cenáculo. Os discípulos conheceram e amaram o Filho de Deus como seu Salvador e Senhor. Por isso, podiam ficar tranquilos, sabendo que “o próprio Pai vos ama” (16.27). Assim como Jesus, agora eles também podiam chamá-lo de “Aba, Pai”.

Nenhum deles aprendera com seus pais a orar: “Pai nosso que está nos céus...”. Porém, agora que o Filho o revelara, eles podiam ir direta e pessoalmente até o Pai. Tudo o que tinham de fazer era usar o nome de Jesus, de maneira que logo descobririam, como ele disse, que o “o próprio Pai vos ama” (16.27).

Se você estivesse à procura do que escrever em um cartão para um amigo cristão — independentemente da situação —, haveria melhores palavras do que essas? Elas contêm um poderoso remédio pastoral.

Ao longo dos séculos, os grandes mestres da vida espiritual observaram que muitos cristãos sofrem de uma síndrome sinistra — uma profunda e perigosa desconfiança de Deus Pai. Essa desconfiança pode se esconder no fundo de nossa mente. É, pois, importante aprender a reconhecer seus sintomas e tratá-la com o remédio do Evangelho.

Ela se manifesta de várias formas. Você pode, por exemplo, ter certeza de que o Filho o ama, mas, de uma forma ou de outra, não ter tanta certeza de que o Pai também o ama. Ou — e talvez isso seja o mais comum — você pode achar que o Pai só o ama porque Jesus morreu por você. Às vezes, a forma como o Evangelho é pregado sutilmente nos transmite essa última mensagem, infelizmente. Por exemplo, um pregador pode dizer: “Você é pecador, mas aqui estão as boas novas do Evangelho: Deus o ama porque Cristo morreu por você”.

Precisamos refletir bem nas consequências dessa afirmação, porque, na prática, ela vira o Evangelho do avesso.

Isso fica claro ao meditarmos nas palavras de João 3.16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. A sintaxe de João deixa claro que, ao falar de “Deus”, ele tem em mente o Pai, já que foi ele quem “deu o seu Filho unigênito”. Logo, João está dizendo praticamente o oposto de: “Deus (Pai) o ama porque Cristo morreu por você”. Ele está dizendo que a verdade é esta: “Porque Deus (Pai) o ama, o Filho morreu por você”.

Seria algo meramente técnico da teologia? Dificilmente, já que pregar o Evangelho de forma errada nunca é algo meramente técnico. Nesse caso, a consequência lógica de apresentar o Evangelho dessa forma é que “o Filho convenceu o Pai a nos amar”. Isso, por sua vez, injeta em nós este profundo sentimento (que talvez nunca reconheçamos ou consigamos colocar em palavras): “Podemos confiar totalmente no amor do Senhor Jesus, mas não podemos ter tanta certeza assim sobre o amor do Pai. E como poderíamos, já que ele só nos ama porque Jesus fez algo para convencê-lo?”

Enquanto pensarmos assim, essa terrível síndrome continuará presente. Mesmo que fique dormente ou tenha períodos de remissão, ela sempre estará lá, pronta para vir à tona com seus perigosos sintomas: dúvida, ansiedade, fé enfraquecida e falta de confiança e alegria.

Mas eis aqui o remédio que a cura: Jesus disse: “Eu e o Pai somos um” (10.30); “[q]uem me vê a mim vê o Pai” (14.9). Tomado diariamente, este é o xarope teológico que a cura: “O próprio Pai vos ama” (16.27). Ao ver o amor de Jesus por nós, vemos o amor do Pai. Vemos tudo o que há para ver!

Um dos mestres espirituais do passado, John Owen, expressou-o da seguinte forma, usando palavras que, embora proferidas há séculos, são dignas de serem lidas lenta e refletidamente:

Então, como receber esse amor do Pai de modo a mantermos comunhão com ele? Eu respondo: pela fé. Receber esse amor é crer nele. Deus revelou seu amor de forma tão plena e evidente, a fim de que ele pudesse ser recebido pela fé...

É verdade que não há um ato direto de fé no Pai, e sim no Filho...

No que diz respeito ao amor do Pai, Jesus Cristo é apenas o brilho, a corrente das águas; mas é por meio dele que somos levados a toda a nossa luz e refrigério, à fonte, ao próprio sol do amor eterno. Se os crentes se exercitassem nisso daqui em diante, eles teriam grande melhora espiritual em sua caminhada com Deus.

Esse é o objetivo. Muitos pensamentos sombrios e perturbadores podem sobrevir com essa situação. Poucos conseguem conduzir seu coração e mente até aqui pela fé, a fim de descansar sua alma no amor do Pai; eles acabam vivendo abaixo do amor divino, na problemática região das esperanças e medos, das tempestades e nuvens.

Aqui tudo está sereno e tranquilo. Mas eles não sabem como chegar a esse patamar. Esta é a vontade de Deus: que ele seja sempre visto como benigno, bondoso, terno, amoroso e imutável; especialmente como Pai, como a grande nascente e fonte de toda fala graciosa e frutos de amor.

É isto que Cristo veio revelar: Deus como Pai.⁵⁵

Pecamos e nos cobrimos de problemas ao esquecer de nossas misericórdias e privilégios... Isso nos faz andar com pesar quando poderíamos nos regozijar, e sermos fracos quando poderíamos ser fortes no Senhor. Quão poucos santos conhecem por experiência própria esse privilégio de ter íntima comunhão com o Pai em amor! Eles o contemplam com pensamentos tão ansiosos e tão duvidosos! Quantos medos e questionamentos de sua boa vontade e bondade! Na melhor das hipóteses, muitos pensam que não há doçura alguma nele para conosco, exceto a que foi comprada pelo alto preço do sangue de Jesus. De fato, o sangue de Jesus é a única forma de comunicação, mas a fonte de todo bem está no coração do Pai.⁵⁶

Se isso toca num ponto delicado nosso, precisamos fixar nossa mente nestas palavras de Jesus e deixar que elas inundem nosso coração: o próprio Pai nos ama.

Isso é algo para dizermos a nós mesmos todos os dias. São palavras simples, mas que nos transformam, tranquilizam e enchem de paz. Se a vinda do Espírito convenceria os discípulos disso, então seria um holofote a esclarecer por que Jesus os estava deixando e indo para o Pai (16.28). Mas já faz alguns minutos que estamos conversando fora do cenáculo. Precisamos voltar.

Talvez agora, sabendo tudo o que o Espírito faria quando viesse, os discípulos percebessem que era para o seu “bem” que Jesus os estava deixando. Ele estava indo ao Pai a fim de pedir que cumprisse as promessas que lhe havia feito. Então, enviaria seu próprio Espírito aos discípulos. Quando o Espírito chegasse, eles seriam capazes de dizer — como Paulo diria mais tarde — que “o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado” (Rm 5.5). Eles saberiam que o Pai os amava. E ficariam tranquilos.

A reação dos discípulos parece animadora: “Disseram os seus discípulos: Agora é que falas claramente e não empregas nenhuma figura. Agora, vemos que sabes todas as coisas e não precisas de que alguém te pergunte; por isso, cremos que, de fato, vieste de Deus” (Jo 16.29-30).

O ânimo deles mudou! Havia uma nova confiança. Essa, contudo, não era a primeira vez que Jesus testemunhava uma reação de: “Agora entendemos. Não vamos nos esquecer”. Por isso, ele os recorda mais uma vez de que ainda viriam provas: “Credes agora?... sereis dispersos...” (Jo 16.31-32).

Ainda assim, a provação deles seria pequena comparada à dele: “Sereis dispersos, cada um para sua casa” (v. 32). Jesus, por sua vez, passaria por sua provação “só” (v. 32). Entretanto, ele não estaria totalmente “só”. O Pai, que os amava, também o amava e estaria com ele.

E aqui Jesus dá uma explicação final do motivo de ter passado esse tempo com eles. Vimos que as palavras que ele dissera os tinham lavado; o objetivo delas, além disso, era trazer alegria. Agora, ele acrescenta: “Estas coisas vos tenho dito para que tenhais paz em mim. No mundo, passais por aflições; mas tende bom ânimo; eu venci o mundo” (v. 33).

Ao concluir seu ensino direto, Jesus promete duas coisas aos discípulos. A primeira é paz (do hebraico, *shalom*). Em Cristo há *shalom*. Através de sua obra, haveria paz com Deus; através do ministério do Espírito, haveria restauração. A segunda é vitória. “Eu venci o mundo.” Em Cristo, há triunfo; por meio dele, eles se tornariam mais que vencedores (Rm 8.37).

Chegamos ao fim de quatro capítulos em que ouvimos o Salvador falar com seus discípulos e lhes mostrar o quanto os amava “até o fim” (Jo 13.1). Agora, no último capítulo, nós o ouviremos orar — o Filho eterno falando com seu Pai. Esse é um dos momentos mais sagrados registrados em toda a Escritura. Ao segui-lo nesse Santo dos Santos, os discípulos se lembrariam de suas palavras: “Quando confiarem em mim, vocês terão paz em meio à inquietação deste mundo e terão vitória sobre todos os inimigos do Evangelho”.

É um privilégio para nós acompanhá-los.

Capítulo 11 - Cristo abre o coração

João 17.1-5

Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo.

Como conhecer bem uma pessoa? Falando com ela cara a cara. Contudo, às vezes, nós a conhecemos ainda melhor quando a ouvimos falar cara a cara com a pessoa a quem mais ama. A leveza da relação, a liberdade de falar o que realmente pensa, a convicção de que não há perigo de ser mal-entendido, a ausência de medo de contar segredos — tudo isso gera uma liberdade de expressão sem reserva alguma.

O mesmo vale para nosso conhecimento do Senhor Jesus Cristo. Nos capítulos anteriores, pudemos conhecê-lo melhor enquanto o ouvíamos falar com seus “amigos”. Porém, neste capítulo, podemos conhecê-lo ainda melhor, pois o ouvimos falar com seu Pai celestial. João sabia disso e, por essa razão, nessa seção de seu Evangelho, incluiu não somente as ações, conversas e ensinamentos de Jesus (caps. 13–16), mas também sua oração (cap. 17).

Esse é o verdadeiro “Pai Nosso”. É a oração mais longa do Novo Testamento.

Antes, os discípulos estavam cheios de perguntas. Simão Pedro, João, Tomé, Filipe e Judas — quase metade deles lhe haviam feito perguntas. Agora, no entanto, todos estavam em silêncio (16.5), e só se ouvia a voz de Jesus. Agora ele não estava mais falando com eles, e sim permitindo que o ouvissem falar com seu Pai celestial.

De certa forma, os capítulos 13–17 são um Evangelho dentro do Evangelho; são um reflexo do todo, na verdade.

O Evangelho de João começa com um prólogo e termina com um epílogo. Entre eles, temos dois volumes: o Livro dos Sinais e o Livro da Glória. Da mesma forma, esses capítulos começam com um prólogo — Jesus lavando os pés dos discípulos. No meio, temos duas seções. Nos capítulos 13 e 14, Jesus fala com os discípulos sobre sua partida e promete enviar o Espírito para estar com eles. Em seguida, nos capítulos 15 e 16, ele os insta a permanecer nele e promete que os guardará em meio às futuras tribulações. A seção termina com um epílogo — Jesus ora por si mesmo e, depois, por seus discípulos.

Desde o tempo da Reforma, esse capítulo tem sido conhecido como a “Oração Sumo Sacerdotal” de Cristo. Aqui João não descreve Jesus especificamente como um sumo sacerdote.

De fato, alguns estudiosos evitam usar tal descrição. Não obstante, essa oração segue um padrão que regia o ministério do sumo sacerdote no anual Dia da Expição.

O Dia da Expição

Na Antiga Aliança, ofereciam-se sacrifícios todos os dias — primeiro, no tabernáculo e, depois, no templo de Jerusalém. Equipes de sacerdotes se revezavam no serviço ao longo do ano.

O tabernáculo e o templo tinham em comum uma planta simples. Havia um pátio e, depois dele, duas salas: o Lugar Santo e o Lugar Santíssimo (ou Santo dos Santos, isto é, a sala mais santa).

No Lugar Santo, ofereciam-se sacrifícios todos os dias. Porém, uma vez no ano, no décimo dia de Tishri, o sétimo mês do calendário judaico (que corresponde a setembro ou outubro), o sumo sacerdote entrava no Santo dos Santos. Era ali que ficava guardada a arca da aliança. Considerado a sala do trono de Deus na Terra, aquele era o espaço sagrado em que o sumo sacerdote entrava para apresentar o sacrifício anual pelos pecados do povo e orar pelos israelitas.

Tratava-se de uma ocasião santa. Ninguém mais em Israel tinha permissão para entrar no Lugar Santíssimo. O próprio sumo sacerdote só tinha permissão para entrar ali uma vez no ano.

As leis referentes ao Dia da Expição estão descritas em Levítico 16.1-34. O sumo sacerdote sacrificava um novilho por seus próprios pecados e pelos dos sacerdotes, aspergindo o sangue do animal sobre o propiciatório da arca e sobre o chão à frente dela.

Além disso, ele tomava dois bodes e lançava sortes entre eles para determinar as funções de cada um. Matava o primeiro e aspergia seu sangue sobre o propiciatório como oferta pelo pecado. Em seguida, tomava o segundo, colocava as mãos sobre sua cabeça e confessava os pecados do povo. Então, esse bode era levado para o deserto e solto, simbolicamente carregando para o deserto os pecados de todo o Israel. O primeiro bode era “para o Senhor” e, simbolicamente, dizia respeito à culpa do povo. Já o segundo bode era “para Azazel” (Lv 16.8-10, NVI), sendo conhecido pela tradução ARA como “o bode emissário”. Uma expressão correlata e muito usual é “bode expiatório”, que usamos em referência a alguém que fica com a culpa que pertence a outros.⁵⁷

Na época de Jesus, a preparação do sumo sacerdote para seu ministério no Dia da Expição era cuidadosamente estruturada. Ele se purificava com a lavagem cerimonial e passava a noite em vigília. Vários homens eram designados para ajudar a mantê-lo acordado durante essas horas de oração. É difícil não pensar na autoconsagração de Jesus (Jo 17.19) e em suas palavras aos discípulos no jardim do Getsêmani: “Tu dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora? Vigiai e orai” (Mc 14.37-38; o verbo “vigiar” significa “ficar acordado”).

A intercessão do sumo sacerdote era composta de três círculos concêntricos: primeiro, ele orava por si mesmo e pelo ministério que estava prestes a exercer; em seguida, fazia intercessão pelos demais que, como ele, foram consagrados ao serviço do Senhor; e, por fim, orava por todo o povo de Deus.

Esse simbolismo estava agora se cumprindo no Senhor Jesus, o Sumo Sacerdote da Nova Aliança. O último e verdadeiro Dia da Expição estava chegando. Em breve, as sombras da Antiga Aliança dariam lugar à realidade, mas não pela oferta do sangue de um novilho e de um bode, tampouco pelo envio de um bode portador do pecado para o deserto. Esses sacrifícios precisavam ser repetidos ano após ano. Como o Novo Testamento deixa claro, os crentes da Antiga Aliança devem ter percebido que tal repetição significava que esses sacrifícios não tinham poder para tirar sua culpa de forma permanente nem para libertá-los de sua escravidão

espiritual de forma eficaz. Não, Deus estava apenas “cobrindo” os pecados até o tempo em que um único sacrifício seria feito para removê-los de forma permanente. Paulo registra: “Deus, na sua tolerância, [havia] deixado impunes os pecados anteriormente cometidos” (Rm 3.25). Mas, agora, como último e verdadeiro Sumo Sacerdote, Jesus estava prestes a oferecer um sacrifício que removeria o pecado e traria libertação da escravidão de uma vez por todas: ele ofereceria a si mesmo e a seu próprio sangue, levaria nossa culpa para longe, de forma completa, e venceria o maligno.

Nesse contexto, Jesus seguiu o padrão sumo sacerdotal:

17.1-5: Ele ora por si mesmo e por seu ministério.

17.6-19: Ele ora por seus discípulos, os homens que seu Pai lhe dera para conviver durante seu ministério público.

17.20-26: Ele ora por todos que se tornariam cristãos (“Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra”, v. 20).

Isso inclui a nós. Seja qual for o meio pelo qual tenha chegado a nós, foi através da palavra dos apóstolos, hoje inscrita nas páginas do Novo Testamento, que viemos a crer em Cristo.

O alcance da oração de nosso Senhor é surpreendente! Ela inclui seu ministério nas horas seguintes, bem como o ministério dos apóstolos na próxima geração. Por fim, sua intercessão avança até alcançar a igreja de hoje, conforme ele nos envolve em sua oração e nos leva a seu Pai.

Portanto, esse é um momento sagrado no Evangelho de João. De certa forma, ele nos faz voltar às palavras iniciais do livro, pois aqui Jesus está *pros ton theon* (face a face com Deus) e *eis ton kolpon* (ao lado do Pai; cf. 1.1, 18). Esse capítulo inteiro é como um estetoscópio com o qual podemos ouvir as batidas do coração do Salvador.

É um momento de profunda emoção. Este é o único lugar em que Jesus se dirige ao Pai como “Pai Santo” e “Pai Justo”. Depois que “a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo”, ele agora precisava ser “obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.7-8).

Jesus ora por si mesmo

Finalmente era “chegada a hora” (Jo 17.1). Por duas vezes — no contexto de uma refeição (o casamento em Caná) e de uma festa (a Festa dos Tabernáculos) —, Jesus dissera que seu tempo e sua hora ainda não eram chegados (2.4; 7.6). Mas, agora, nesta última ceia, Jesus sabia que a hora havia chegado. Os gregos que haviam pedido para vê-lo no começo da semana foram um sinal para ele (12.20-21). Aqui no cenáculo, ele sentiu que o diabo estava preparando seu ataque final (Jo 13.2, 27). Todos os jogadores estavam posicionados. As Escrituras estavam prestes a se cumprir — inclusive a promessa de que, conforme o livro de Salmos, um de seus próprios companheiros o trairia. Porém a mais antiga de todas as promessas estava à beira do cumprimento. Chegara a hora em que seu calcanhar seria ferido, mas, nessa mesma hora, ele estaria prestes a ferir a cabeça da serpente.

Então, como Jesus orou por si mesmo e o que ele pediu? Será que ele orou para que houvesse outra maneira? Não, ainda não — apesar de que, em cerca de uma hora, o iminente abandono divino na cruz o faria desejar que houvesse uma alternativa (“Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!”, Mt 26.39).

Será que ele orou pedindo forças? De fato, ele precisava disso e logo oraria “com forte clamor e lágrimas, orações e súplicas a quem o podia livrar da morte” (Hb 5.7). Ele seria ouvido, e um anjo viria fortalecê-lo (Lc 22.43). Todavia, essa oração se daria dali a uma ou duas horas. Sua preocupação atual era outra: “Tendo Jesus falado estas coisas, levantou os olhos ao céu e disse: Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti” (Jo 17.1).

“Pai... glorifica a teu Filho.” Não há outra oração como essa na história. É verdade que, de certa forma, é legítimo que todo crente se espelhe nas palavras de Paulo e ore: “Pai, tu prometeste me transformar ‘de glória em glória’ (veja 2Co 3.18). Por favor, produza essa glória em mim”. Mas isso é diferente, porque a glória que temos aqui no Evangelho de João é “a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (Jo 17.5). Não se trata de uma “glória refletida”; Jesus a chama de “minha glória” (v. 24).

Vários pontos dessa petição se destacam.

A divindade do Filho

As palavras de Jesus são uma poderosa expressão de seu autoconhecimento, da consciência que tinha de sua identidade eterna. Ele sabe quem é — o Filho de Deus —, e, portanto, a glória é sua por direito. Ele é aquele que estava ao lado de Deus e face a face com ele por toda a eternidade (Jo 1.1, 18). Ele sabia que tinha vindo de Deus, que estava voltando para Deus e que o Pai colocara todas as coisas em suas mãos (13.3). Esse não é o jeito de falar de um homem comum.

Nosso Senhor tinha profunda familiaridade com as Escrituras do Antigo Testamento. Ele conhecia as palavras de Yahweh: “A minha glória, não a dou a outrem” (Is 48.11). Sim, pouco depois, naquela mesma tarde, ele prefaciaria sua oração de uma forma diferente: “Pai, se possível, passe de mim este cálice...”, mas não aqui. Ele não ora: “Pai, se possível, poderia me glorificar?” Pelo contrário, pede diretamente aquilo a que, como Filho de Deus, tem direito e que, aliás, Deus prometera dar-lhe.

Jesus é o Filho do Pai. Portanto, ele sempre, no tempo e na eternidade, cumpriu o mandamento: “honra a teu pai”. Em sua humanidade, nosso Senhor expressou essa honra ao Pai por meio de sua obediência. Ele é o *pais* (“filho” ou “servo”; At 3.13, 26) do Pai Eterno.⁵⁸ Ele é um Filho indo a seu Pai e dizendo: “Pai, tu fizeste a promessa; por favor, podes cumpri-la agora?”

Mas Jesus também é o Filho eterno, “de mesma substância, poder e eternidade” que o Pai. A glória de Deus (“a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo”) é sua por direito e por promessa.⁵⁹

Mas o que é essa “glória”?

Glória

Na Escritura, a glória de Deus é a expressão ou manifestação externa de seu ser, de seus atributos e perfeições invisíveis. Ela é revelada nos lampejos caleidoscópicos da eterna magnificência do ser e caráter de Deus, expressos na ordem criada (Sl 19.1-6; 29.1-11; Rm 1.19-

23). É como se, por meio dessa glória, Deus “falasse”: “Você não pode me ver, pois sou o Deus invisível. Mas eu me visto desses trajes magníficos, a fim de lhe dar uma noção de quão majestoso e glorioso eu sou de verdade”.

O Salmo 29 ilustra isso de forma vívida. Ele descreve o povo de Deus — aparentemente reunido para um culto de adoração — assistindo a uma tempestade: relâmpagos cruzam o céu, trovões explodem no ar; é um espetáculo sobrenatural de fogos de artifício, mostrando a majestade e o poder de Deus. O povo de Deus reage instintivamente: “No seu templo tudo diz: Glória!” (Sl 29.9).

João já tinha visto a glória de Cristo no casamento em Caná (Jo 2.11). Os Evangelhos Sinópticos nos contam que ele a viu novamente no Monte da Transfiguração (Lc 9.32) e na ilha de Patmos, em uma visão. Contudo, na encarnação, o Filho não somente se “esvaziou”, como também “colocou um véu” sobre sua glória. Porém, agora sua “hora” era chegada. Era a “hora” de sua vergonha, mas também era a hora de ele voltar para seu Pai. Seu desejo mais profundo era que o véu fosse removido, a fim de ficar evidente que ele era “o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser, sustentando todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3).

Diante da pergunta: “O Novo Testamento ensina que Jesus era Deus?”, costumamos citar textos como João 1.1 e Romanos 9.5. Mas, aqui em João 17, vemos Jesus expressando seu próprio senso de divindade. A glória era sua, bem como a “autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste” (v. 2). Somente o próprio Deus poderia reivindicar glória para si, pois ninguém além de Deus tem autoridade para dar vida eterna a pecadores!

Esta consciência de sua divindade é ainda mais ressaltada pela definição de Jesus acerca da vida eterna que somente ele tem autoridade para dar: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (v. 3). Se o Filho não fosse “Deus com Deus”, não teria o direito de colocar “conhecer a ele” e “conhecer a Deus” na mesma frase!⁶⁰

No entanto, as palavras de Jesus também destacam que o fato de ele ser glorificado e o fato de nós sermos abençoados andam juntos. O fato de irmos a conhecê-lo com seu Pai e experimentarmos a vida eterna é uma das formas como o Pai glorificaria a seu Filho!

Glória para ele, bênção para nós

É comum as pessoas pensarem que a glória de Deus seja o oposto de bênçãos para nós. Talvez elas até mesmo pensem que se trata de um plano de Deus para negá-las a nós. É como se elas acreditassem — e, de fato, acreditam — que cada grama de glória que Deus recebe diminui proporcionalmente nossa felicidade e prazer. Nessas circunstâncias, quem, em sã consciência, desejaria glorificar a Deus?

Esse é o problema. Quando se trata de realidades espirituais, a Escritura nos diz que, por natureza, não estamos em sã consciência: “Tornaram-se nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível” (Rm 1.21-23).

O resultado disso é que até mesmo crianças sabiam, em regiões remotas da Escócia do século XVIII e em muitos locais no início da formação dos Estados Unidos, que “o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.⁶¹ Hoje, porém, isso é um completo mistério para a maioria dos descrentes sofisticados e academicamente qualificados.

A glória de Deus e a nossa felicidade andam lado a lado! Contudo, em forte contraste, “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Quebramos a lei de Deus, e nisso está nossa rebeldia. Mas o que as palavras de Paulo destacam é a tragédia de nossa situação — ficamos sem a glória de Deus. Perdemos-nos e deixamos de lado o destino para o qual fomos criados. Isso, por sua vez, significa que também perdemos o prazer em Deus. Se não há prazer, não há glória.

O caminho para a restauração

A oração de Jesus explica como somos restaurados a esse prazer em Deus. Era “chegada a hora” de ele completar a obra da restauração. Ele veio ao mundo a fim de glorificar o Pai. Para que pudesse fazer isso, o Pai precisava glorificá-lo. Como acontece essa dupla glorificação? A resposta ficará mais clara se seguirmos a lógica de Jesus nessa passagem.

É importante entender que a lógica de seu pensamento não segue a ordem de sua fala. Essa troca de ordem acontece muito nas conversas em geral. Na Escritura, não é diferente. Talvez a melhor forma de entendermos a lógica de Jesus seja por meio de um breve catecismo baseado em João 17.1-5.

Pergunta 1: *Quando Cristo orou?*

Resposta: Quando era “chegada a hora” de o Pai glorificar o Filho, para que o Filho pudesse glorificar o Pai (v. 1).

P2: *Como o Senhor Jesus glorificou seu Pai?*

R: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (v. 4).

P3: *Que “obra” era essa?*

R: Conceder “a vida eterna a todos os que lhe deste” (v. 2).

P4: *O que era essa “vida eterna”?*

R: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (v. 3).

P6: *De que maneira o Senhor Jesus completou essa obra?*

R: O Pai lhe conferiu “autoridade sobre toda a carne” (v. 2).

P7: *Quando Jesus iria completar essa obra?*

R: “Eu te glorifiquei na terra, [já] consumando a obra que me confiaste para fazer” (v. 4).

P8: *Como o Pai glorificaria o Filho?*

R: “...contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo” (v. 5).

Anteriormente, afirmamos que o padrão do prólogo do Evangelho de João fica mais vívido no prólogo desta seção: o Verbo, o Filho, pertence ao mundo da glória, mas entra num mundo de vergonha para nos levar à glória para a qual ele retorna. Vemos o mesmo padrão aqui no “prólogo” da oração de nosso Senhor: ele veio da glória que teve com o Pai antes da criação, com o fim de resgatar seu povo da morte eterna e dar-lhe vida eterna. Depois, ele voltaria para o Pai e partilharia com ele a glória do céu.

Já que esse é o clímax da promessa que Deus fez em Gênesis 3.15, devemos fazer uma pausa para observar que o contexto é o próprio início da história da Bíblia.

Deus criou o homem à sua imagem para refletir sua glória. Além disso, fez um jardim, a fim de que Adão e Eva cuidassem dele (Gn 2.8, 15). Esse jardim expressava a glória de Deus (e é por isso que há traços desse jardim no tabernáculo e na nova Jerusalém; Ap 21–22). Contudo, embora toda a criação fosse “muito boa” (Gn 1.31), nem tudo era um jardim. Adão — e, provavelmente, sua linhagem — deveria ampliar e povoar esse jardim até que ele chegasse “aos confins da terra”. Para completar essa tarefa, ele e sua família receberam “autoridade sobre toda a carne” (Jo 17.2; veja Gn 1.28). A Escritura sugere que, quando isso acontecesse, Adão e sua família devolveriam a Deus esse grande jardim como um presente amoroso de sua obediência, dizendo: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4).

Que chamado maravilhoso! Que destino glorioso! No entanto, Adão caiu e fracassou. Em vez de exercer autoridade sobre a terra da qual fora criado, ele se tornou parte dela na decomposição da morte — ele era pó e para o pó voltou (Gn 3.19). Adão perdeu para sempre a vida eterna para a qual fora criado — uma vida na presença de Deus, em comunhão com Deus, tendo prazer em Deus.

Quando vemos os gloriosos privilégios para os quais fomos criados, só então percebemos a tragédia de nossa atual condição: “Todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23).

Mas, agora, a sorte estava lançada para nossa restauração. O Senhor Jesus atingiu um ponto de seu ministério em que sua morte, ressurreição e ascensão já estavam definidas. Não havia como voltar atrás.

Então, qual era essa “obra” que o Pai lhe dera para fazer, a fim de nos dar vida eterna? Podemos responder melhor a essa pergunta se entendermos sua “obra” dentro do contexto histórico-redentor.

A “obra”

Jesus é o “último Adão”, o “segundo homem” (1Co 15.45, 47). Ele veio desfazer tudo o que Adão havia feito e fazer tudo o que Adão não havia feito. Dessa forma, ele se tornou o Sumo Sacerdote da criação — aquilo que Adão e seus descendentes foram chamados a ser, mas não conseguiram. Dentro de pouco tempo, ele teria feito todo o necessário para começar sua obra de restauração. A “autoridade na terra” perdida pelo primeiro homem (Adão) seria recuperada pelo segundo homem (Jesus Cristo, o último Adão; 1Co 15.22-28, 45-49).

É por isso que o Senhor Jesus agora poderia dizer o que Adão não pôde: “Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer” (Jo 17.4). Em menos de 24 horas, ele diria: “*Tetelestai* — está consumado”. Tendo completado a obra que Adão falhara em fazer, Jesus, então, fez o que Adão se recusara a fazer: inclinou a cabeça (19.30). Na “Sexta-Feira Santa”, ele recebeu o juízo que Adão merecia por seu pecado e esmagou a cabeça da serpente que se tornara o príncipe deste mundo.

Logo, a oração de Jesus está enraizada nos primeiros três capítulos de Gênesis, e isso nos faz imaginar se há algum significado especial na nota que João acrescenta a seu relato do encontro de Maria Madalena com o Cristo ressurreto no Sábado de Páscoa: “Supondo ser ele o jardineiro...” (Jo 20.15).

Sim, Maria devia estar confusa. Ela não reconheceu Jesus até o momento em que ele falou usando uma expressão familiar. Mesmo assim, talvez João veja ainda mais clareza do que confusão aqui, porque Jesus é o jardineiro que Adão não foi. E ele planejava estender aquele

jardim da ressurreição até os confins da terra por meio da pregação do Evangelho (Mt 28.18-20), alcançando a vida de todos os que o Pai lhe dera (Jo 17.2).

É dessa forma que o Pai glorificaria o Filho ao mesmo tempo que Filho iria glorificar o Pai.

A alegria do Filho

A oração de Jesus por sua glória é também uma oração por sua alegria. O autor de Hebreus nos diz que foi por causa da “alegria que lhe estava proposta” que ele “suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia” (Hb 12.2).

Isso não quer dizer que a peregrinação terrena de nosso Salvador tenha sido infeliz. Longe disso. Afinal, Lucas 10.21 diz especificamente que “exultou Jesus no Espírito Santo”. Contudo, num mundo inadequado para sua perfeita santidade, ele nunca se sentiria totalmente “em casa” e “à vontade”. Ele deve ter sentido que não pertencia a essa cultura pecaminosa, e sim ao ar santo da terra celestial. Talvez o mais perto que possamos chegar disso seja sentir saudades de casa. Aliás, é isso que saudade significa: “um profundo anseio por algo ou alguém ausente ou perdido; desejo, nostalgia”.⁶²

No entanto, estamos acostumados demais com o pecado para percebermos sua profunda perversidade. Respiramos sua atmosfera há tanto tempo, que perdemos a capacidade de sentir o cheiro e o gosto da poluição. Pensamos que é normal. Assim, raramente nos surpreendemos com a vontade do Filho de Deus em vir “em semelhança de homens” (Fp 2.7), a fim de respirar o mesmo ar que nós. Estamos tão acostumados com o pecado, que ficamos insensíveis para imaginar como deve ter sido para ele.

Talvez uma alegoria possa ajudar.

O Estrangeiro na Terra da Fumaça

O Estrangeiro morou a vida inteira nas Terras Altas. Lá havia rios de água cristalina. As flores e a mata eram exuberantes, e o ar da montanha era puro, sem contaminação alguma. Lá nunca ninguém havia morrido.

No entanto, o pai do Estrangeiro lhe contou de uma terra distante onde o ar era poluído e as pessoas morriam jovens. A poluição e a morte eram causadas por uma planta que os cidadãos enrolavam em cigarros, acendiam com fogo e colocavam na boca, inalando seus vapores — elas não sabiam que fazer isso era tóxico. Pelo contrário, achavam muito prazeroso; achavam que os mantinha saudáveis, que os protegia e era essencial para uma vida boa.

O parlamento do país nunca emitira uma lei sobre isso, mas todos achavam inaceitável que um cidadão não fumasse. A essa altura, eles estavam tão viciados em fumar a planta, que não conseguiam mais sentir o cheiro que ela deixava em seu corpo, cabelo e roupas. Eles pensavam que o efeito dela na pele e nos olhos os tornava mais atraentes.

O Estrangeiro e seu pai sentiam pena dessa terra. Eles decidiram que o Estrangeiro lhes faria uma visita, instruiria o povo e se ofereceria para limpar a terra da poluição, fazendo com eles um tratado para garantir ar puro, boa saúde e uma vida sem fim.

Assim, o Estrangeiro veio para a Terra da Fumaça.

Os cidadãos viram que o Estrangeiro nunca fumava. Isso os fez sentir-se desconfortáveis. Ele começou a lhes falar sobre uma terra onde ninguém fumava, onde o ar era fresco, os rios eram cristalinos e todos eram saudáveis. Contou que, nesse reino, nunca ninguém morreria. Também contou que seu pai, o rei daquela terra, o enviara à Terra da Fumaça para libertar seus cidadãos

do fumo, bem como a terra daquela atmosfera nociva. Ele prometeu que o ar ficaria puro, que eles respirariam bem, que suas roupas não ficariam mais impregnadas com o cheiro da planta — enfim, que eles se sentiriam novas pessoas!

Contudo, em vez de admirar sua saúde evidente e ouvir sua mensagem, os cidadãos da Terra da Fumaça ficaram irritados. Eles se recusavam a acreditar no Estrangeiro. Afirmaram que o que ele disse não podia ser verdade. Não concordavam que estavam doentes, gostavam do cheiro de suas roupas e rejeitaram sua mensagem.

Mesmo assim, apesar da crescente oposição, o Estrangeiro continuou falando. Ele suplicou que o ouvissem, mas isso só irritou ainda mais as pessoas. Agora, elas planejavam calá-lo.

Um dia, eles o cercaram e começaram a soprar sua fumaça nele, cantando: “Fume! Fume! Fume como nós!”

Ele se recusou. Eles insistiram. Vendo que ele não fumaria mesmo, cercaram-no com ainda mais gente. Apertaram-no, rindo dele e soprando a fumaça da planta em seu rosto e olhos. Tentaram colocar cigarros em sua boca. Porém, ele se recusava a inalar a fumaça. Eles insistiram. Agora, as roupas do Estrangeiro já fediam à fumaça contaminada deles, seu rosto estava cercado de suas baforadas, e ele todo estava coberto do cuspe dos habitantes locais. Seus olhos lacrimejavam, seu coração ansiava por alívio e pelo ar puro de casa. Mas ele se recusava a fumar.

Por fim, os cidadãos da Terra da Fumaça se enfureceram, formando uma multidão irada com a persistência do Estrangeiro. Alguns o agarraram, enquanto outros começaram a apagar seus cigarros no corpo dele, até que um deles derramou líquido inflamável na cabeça do Estrangeiro, e os demais lhe puseram fogo. Ele foi queimado até as cinzas diante deles... Suportou a fumaça intolerável até o fim, sem ceder aos fumantes. O que eles não sabiam é que, como uma fênix, ele reviveria das cinzas.

Essa alegoria mal precisa de interpretação. Por toda a eternidade, nosso Senhor era amado e glorificado pelos santos anjos e arcanjos, por querubins e serafins sagrados. Ele desfrutava do ar puro do amor mútuo do Pai e do Espírito. Assim, como deve ter sido para ele tornar-se o Estrangeiro, “[a]quele que suportou tamanha oposição dos pecadores contra si mesmo” (Hb 12.3)? Emocionalmente, como deve ter sido para sua alma sem pecado, tão sensível à poluição da atmosfera que o cercava, viver entre nós, sendo crucificado por nossa intolerância à sua santidade?

Se Ló foi “afligido pelo procedimento libertino daqueles insubordinados” e “atormetava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles” (2Pe 2.7-8), será que nosso Senhor não sentia uma profunda saudade de casa?

Jesus raramente demonstrava isso, mas houve um momento significativo em que, ao descer do Monte da Transfiguração (tendo, por um pouco, respirado a atmosfera pura do céu), ele exclamou: “Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei?” (Mt 17.17).

Provavelmente, houve momentos em que Jesus ansiou por estar em casa, na glória que ele teve junto do Pai antes que houvesse mundo. Essa expectativa o sustentou em meio à vergonha.

Então, observe-o orar, achegando-se ao Pai celestial: “Pai, tu sabes da minha saudade, sabes o quanto ansiei estar em casa nesses longos anos. Porém, em todos esses anos, eu te glorifiquei! E, agora, é chegada a hora das trevas. Mas, em meio a elas, achego-me a ti para dizer: glorifique-me em tua presença com a glória que eu tive junto de ti antes que houvesse mundo”.

É um privilégio indizível ter permissão de ouvir tais palavras. Talvez possamos imaginar o Pai pensando:

Meu Filho, eu te observei todos esses dias. Eu sei que a atmosfera para a qual o enviei tem sido quase que insuportável para tua alma santa. Mas tu tens sido fiel a teu chamado de ser ‘um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores’, de sorte que serás novamente ‘feito mais alto do que os céus’ (Hb 7.26).

Agora que lavaste os pés de teus discípulos e logo lavarás os pecados deles, derramando teu sangue, não demorará muito até que voltes a teu lugar de honra à minha destra.

Eu te exaltarei muitíssimo, como prometi, e te darei o nome que está acima de todo nome. Ao teu nome, meu Filho, todo joelho se dobrará — nos céus, na terra e debaixo da terra —, e toda língua confessará que tu és Senhor (Fp 2.9-11).

Tu serás glorificado com a glória que tinhas junto de mim antes que houvesse mundo.

Nesses poucos versículos, temos o privilégio de ouvir o Filho, a segunda pessoa da Trindade, dizer a seu Pai, a primeira pessoa da Trindade, aquilo que ele mais deseja no mundo inteiro e por toda a eternidade.

Sabemos que o Pai sempre o ouve (Jo 11.42). Agora, sua oração foi atendida. Ele está glorificado, incontáveis joelhos se dobram diante dele, e incontáveis línguas confessam que ele é Senhor.

Muitos anos atrás, no início de uma conferência em que eu estava palestrando, entrei no elevador de um hotel. O carregador de malas — só por isso, já dá para ver que era um ótimo hotel! — acenou com a cabeça em direção à mesa de recepção e me perguntou: “Aquele ali é o Dr. Everett Koop?” (ex-chefe do Departamento de Saúde dos Estados Unidos, conhecido por sua fé cristã).⁶³ Olhei ao redor para ver quem mais estava fazendo *check-in*. “Sim”, respondi, “ele deve ter vindo para a conferência.” Fiquei muito feliz em ver que ele estaria presente. Mas o carregador de malas disse outra coisa que me deixou muito feliz também. Ao fechar a porta do elevador, ele se virou para mim e disse: “Foi ele quem me salvou do cigarro!”

Foi um momento incrível, mas foi apenas uma amostra do dia em que incontáveis multidões olharão para Jesus Cristo e dirão: “Foi ele quem me salvou!”

Será que pensar em tudo o que Senhor Jesus suportou por você o faz amá-lo? Será que você se alegra com o fato de que o Pai o glorificou? Será que, já que o Pai o glorificou, você não deveria fazer o mesmo também?

Capítulo 12 - O presente do Pai

João 17.6-19

Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo. Eram teus, tu mos confiaste, e eles têm guardado a tua palavra. Agora, eles reconhecem que todas as coisas que me tens dado provêm de ti; porque eu lhes tenho transmitido as palavras que me deste, e eles as receberam, e verdadeiramente conheceram que saí de ti, e creram que tu me enviaste. É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste, porque são teus; ora, todas as minhas coisas são tuas, e as tuas coisas são minhas; e, neles, eu sou glorificado. Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós. Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura. Mas, agora, vou para junto de ti e isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos. Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou. Não peço que os tires do mundo, e sim que os guardes do mal. Eles não são do mundo, como também eu não sou. Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo. E a favor deles eu me santifico a mim mesmo, para que eles também sejam santificados na verdade.

O “discípulo que Jesus amava” sabia por que o clima no cenáculo mudou quando Judas saiu. Mas será que agora ele estava imaginando para onde Judas tinha ido e o que estava fazendo? Até ali, Jesus não “perdera” nenhum de seus discípulos além de Judas, “o filho da perdição” (Jo 17.12), mas o que aconteceria com os outros? O que Jesus tinha em mente ao dizer que todos os discípulos seriam dispersos?

E Pedro? Será que ele ficou constrangido com sua reação ao lava-pés? Se sim, isso nem se compara ao que deve ter sentido quando o Mestre lhe disse que ele o negaria três vezes antes que o dia amanhecesse (Jo 13.38). Será que Jesus se enganara?

Mas agora todos os discípulos estavam em silêncio, pois Jesus estava orando — e eles nunca o ouviram orar daquela forma.

As orações de Jesus registradas nos Evangelhos eram marcadas por grande simplicidade.

Contudo, essa oração era diferente. Nela Jesus estava orando por si mesmo, assim como o sumo sacerdote fazia no Dia da Expição. Sim, é verdade que a linguagem continuava simples — eles conseguiam acompanhar facilmente o que ele estava dizendo. No entanto, aquilo por que ele estava orando, isto é, a glória de Deus, estava fora do alcance da compreensão deles — ainda por cima, ele falou dessa glória como sendo sua glória! Aqui, todavia, as coisas mudam de figura; pois, depois de orar por si mesmo, Jesus agora ora por seus companheiros, isto é, pelos onze homens que estiveram com ele durante todo o seu ministério — assim como o sumo sacerdote fazia. Eles eram seus “amigos”, sua família espiritual.

Essa é a seção mais longa da oração, ocupando mais da metade do capítulo.

Jesus tinha muito que pedir por esses homens. Ainda assim, embora seu foco neles tenha começado em João 17.6, ele só começou a pedir de fato por eles a partir da metade do versículo 11. A primeira parte de sua oração foi uma descrição deles, não uma intercessão por eles!

O presente do Pai

Os discípulos eram o presente de amor do Pai para Seu Filho. Embora Jesus os descreva dessa forma em outras partes de sua oração (17.2, 24), aqui há uma certa intensidade, pois ele repete essa descrição várias vezes:

v. 6: “Manifestei o teu nome aos homens que me deste do mundo”

v. 6: “Eram teus, tu mos confiaste”

v. 9: “Não rogo pelo mundo, mas por aqueles que me deste”

v. 11: “Guarda-os em teu nome, que me deste”

Imagine que um jovem cristão se apaixonou por uma moça de sua escola. Ele começa a orar sobre seu relacionamento. Como ele fala com Deus sobre ela? Provavelmente, começa descrevendo a moça: “Senhor, ela é tão bonita, gosto de tudo nela; e ela te ama, Senhor... Foi tão incrível nos teres unido. Senhor, eu peço que...”

O rapaz não é ingênuo; ele sabe que Deus não precisa saber desses detalhes. Ele apenas está abrindo seu coração para Deus e dizendo-lhe por que essa jovem lhe é tão importante.

Há um profundo instinto no amor que faz com que incluamos descrições das pessoas que amamos nas orações que fazemos por elas. Assim, Jesus está dizendo a seu Pai por que esses discípulos são tão importantes para ele. Nesse momento de grande emoção, talvez ele também quisesse que eles ouvissem a maneira como falava ao orar por eles em secreto. Essa era sua maneira preferida de descrever aqueles onze homens — não como “discípulos”, “apóstolos” ou mesmo “amigos”. Sim, eles eram tudo isso, mas, acima de tudo, eram os homens que o Pai lhe dera (Jo 6.39).

Jesus amava os discípulos do jeito como eram, com seus pontos positivos e negativos — embora não fosse sua intenção manter os pontos negativos. Mas o que o movia de maneira mais profunda era o fato de que eles pertenciam a seu Pai e eram seu presente de amor a ele. O principal valor deles não estava neles mesmos, e sim no fato de que o Pai os amava. É como se o Pai estivesse dizendo: “Meu Filho, eu amo tanto esses homens, que os estou dando a ti para que os salves”.

Por óbvio, esse era o plano da Trindade. Com uma só mente e vontade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo planejaram a salvação desses homens.

Essa salvação requeria que eles fossem eleitos pelo Pai, visto que pessoas rebeldes contra Deus não escolhem confiar nele nem o amar. Essa salvação também requeria o sacrifício do

Filho encarnado, uma vez que pessoas culpadas não podem expiar seus próprios pecados. Além disso, essa salvação requeria a obra do Espírito Santo de efetuar neles o novo nascimento e a fé em Cristo, pois pessoas mortas não são capazes de se ressuscitar.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo — o Deus triúno — planejaram tudo isso na eternidade. E, agora que o plano estava sendo executado no tempo e na história, os discípulos estavam tendo o privilégio de ouvir o Filho encarnado falar com seu Pai acerca deles.

A descrição de Jesus não foi de tirar o fôlego? Será que, naquela hora ou depois, eles pensaram: “Esse sou eu de verdade? Foi isso o que ele quis dizer agora há pouco quando disse que ‘o próprio Pai vos ama’ (16.27)? Senhor, que amor incrível! Eu sou o presente de amor que o Pai te deu!”

Nesse ponto, Jesus estava orando apenas por seus discípulos mais próximos (17.9). Contudo, o Novo Testamento deixa claro que todo discípulo foi dado ao Filho pelo Pai (Ef 1.4, 1Pe 1.2). Temos valor eterno aos olhos do Senhor Jesus, não por possuímos valor em nós mesmos — pois não possuímos valor algum, agora que caímos —, mas sim porque somos o presente de amor do Pai para o Filho. Por meio desse presente, o Pai demonstra o quanto nos ama. Através dessa descrição, Jesus mostra o quanto ama seus discípulos. Por intermédio dessa oração, os discípulos descobriram que cada um deles poderia dizer que era “o discípulo a quem Jesus amava” (Jo 21.20).

Ao confiar em Jesus como esses homens, também podemos dizer: “Eu sou o discípulo a quem Jesus ama”. Afinal:

O amor de Jesus

Só seus amados sabem o que é. [64](#)

Cadeias de graça

Há várias cadeias ou elos que unem o Pai ao Filho, o Filho ao Pai, e os discípulos ao Pai e ao Filho. Por exemplo, o Pai ama o Filho, e o Filho ama os discípulos. O Pai envia o Filho, e o Filho envia os discípulos.

Mas há duas cadeias que se destacam na oração de Jesus.

A cadeia da glória

A primeira cadeia é a “cadeia da glória”. O Pai é o Pai de infinita glória. O Filho vem ao mundo a fim de glorificar seu Pai. Por sua vez, o Pai dá glória ao Filho (Jo 17.1-5), e o Filho é glorificado pelos discípulos (v. 10). De fato, a glória que o Pai deu ao Filho, ele a dá a todos os seus discípulos (v. 22). Seu maior desejo é que eles o vejam na glória que o Pai lhe deu antes da fundação do mundo (v. 24). Tudo isso é feito pelo Espírito Santo, o outro Auxiliador que Jesus lhes mandaria da parte do Pai: “Quando vier, porém, o Espírito da verdade... ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (16.13-15).

Mas como o Espírito “anuncia” o que é de Cristo? A resposta é a segunda cadeia — a cadeia da Palavra de Deus.

A cadeia da Palavra

Jesus afirmou que parte do papel dos apóstolos (capacitados pelo Espírito) seria dar à igreja aquilo que chamamos de Novo Testamento, o qual abrange o registro do ensino de Jesus, a

interpretação desse ensino e a importância de sua atividade futura. O Espírito os faria lembrar-se dos ensinamentos de Jesus e os ajudaria a entender suas implicações. Como resultado, eles seriam capacitados a escrever os Evangelhos e os demais livros do Novo Testamento (Jo 14.26). Ao longo dos anos descritos em Atos dos Apóstolos, o Espírito os guiaria à verdade acerca de Cristo, capacitando-os a expor “a verdade em Jesus” nas cartas (Jo 16.13; Ef 4.21). Ele também lhes mostraria o que ainda estava por vir (no livro de Apocalipse e em parte das Cartas).

Agora, em sua oração, Jesus coloca essas verdades num contexto maior:

Ele fala sobre: As palavras que o Pai deu ao Filho (17.8)

Estas são: As palavras que o Filho deu aos apóstolos (v. 8)

Estas são é: A palavra que os apóstolos receberam (v. 8)

E, por sua vez, esta é: A palavra que os apóstolos guardaram (v. 6)

Consequentemente, eles vieram a conhecer quem Cristo é, a crer nele como o Filho enviado pelo Pai (v. 8) e a ser odiados pelo mundo (v. 14).

Por isso, Jesus

ora para que: A palavra que eles receberam os santifique (v. 17)

e ora também sobre: A palavra que eles pregarem, a fim de que outros venham a crer (v. 20)

Há um paralelo marcante entre a “cadeia da glória” e a “cadeia da palavra”:

A glória pertence ao Pai;

A glória é dada ao Filho;

A glória é dada pelo Filho aos apóstolos;

A glória é vista através do ministério dos apóstolos por todos os discípulos.

E isso acontece porque:

A palavra pertence ao Pai;

A palavra é dada ao Filho;

A palavra é dada pelo Filho aos apóstolos;

A palavra é dada por meio dos apóstolos a todos os discípulos.

Ao discutirmos a autoridade do Novo Testamento, costumamos citar “textos famosos”, como 2 Timóteo 3.16-17. Contudo, de certa forma, o que Jesus diz aqui no cenáculo é ainda mais fundamental do que esses textos: a Palavra que recebemos dos apóstolos lhes foi dada pelo Filho por meio do ministério do Espírito Santo. Por sua vez, as palavras de Cristo vieram do Pai Todo-Poderoso!

É por isso que podemos confiar na Palavra pregada pelos apóstolos. É por meio dessas Escrituras inspiradas, iluminadas e aplicadas pelo Espírito que somos guardados, santificados e, um dia, seremos glorificados. Quando lemos essas Escrituras “com o rosto desvendado, contemplando... a glória do Senhor”, “somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem”. Embora o Senhor Jesus não mencione isso em sua oração, seu ensino nesses capítulos deixa claro que isso vem da parte do “Senhor, o Espírito” (2Co 3.18).

É para isso que o Novo Testamento serve e é esse o objetivo maior de nosso estudo de João 13–17: sermos transformados à imagem do Senhor. Então, mergulhemos em sua Palavra a fim de que, quando emergirmos, reflitamos, de forma mais clara e completa, a glória de Deus!

Preservação e santificação

O Evangelho de João registra a história em que o Filho de Deus vem da glória para que aqueles que carecem da glória de Deus a contemplem na face de Jesus Cristo e a reflitam em suas próprias vidas.

Agora, nesses momentos de “epílogo” no cenáculo, Jesus ora para que isso de fato aconteça com seus discípulos. No entanto, para isso, eles precisariam ser guardados e santificados. Então, ele ora: “guarda-os” e “santifica-os” (Jo 17.11, 17).

Preservação

Os discípulos só chegariam a seu destino se fossem guardados ao longo de todo o percurso da jornada. Como Pedro afirmou tempos mais tarde, era necessário não só que sua herança fosse guardada para eles, mas também que eles mesmos fossem guardados para sua herança (1Pe 1.4-5). Será que Pedro estava transformando a oração que ouvira no cenáculo em um ensinamento para cristãos que passavam por pressões como ele passou?

Até agora, Jesus estivera com eles. Ele os guardara e protegera pessoalmente (Jo 17.12). Como eles eram parecidos conosco, mal devem ter percebido que foram protegidos por Jesus. É verdade que eles precisaram de proteção durante a tempestade no Mar da Galileia e em algumas outras ocasiões. Mas, em sua imaginação, Simão Pedro às vezes invertia os papéis e pensava ser ele quem estava protegendo Jesus. Uma hora antes, ele havia predito com confiança que daria sua vida para proteger o Mestre (13.37). Passada uma hora, ele realmente tentou proteger Jesus, cortando a orelha do servo do sumo sacerdote (18.10-11). Ele conhecia demasiadamente pouco sua fragilidade. Era ele que precisava ser guardado e protegido. Por essa razão, Jesus trouxe Pedro e os demais diante do Pai em oração: “Eles são tão frágeis, Pai. Até agora eu estive com eles — à frente deles, protegendo-os, e ao redor deles, guardando-os. Nenhum deles se perdeu, exceto Judas, que nunca foi um deles de fato. Mas, agora, estou deixando este mundo e deixando-os neste mundo, sem minha presença visível. Eles não são capazes de sobreviver sozinhos. Pai, que tu os guardes e os mantinhas unidos, a fim de que sua união seja um poderoso testemunho do Evangelho e outros venham a crer em mim”.

O que Jesus pediu que seu Pai fizesse a fim de guardá-los? Ele não pediu especificamente que fossem tirados do mundo (17.15), e sim: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (v. 17).

Santificação

O que significa “santificação”? Uma dica: logo em seguida, Jesus disse que se santificou em favor deles (17.19).

No Novo Testamento, “santificar” tem a ver com uma purificação constante e crescente. Contudo, o termo também costuma ser empregado para indicar o ato decisivo, radical e definitivo em que Deus nos separa para si.

Imagine que você precisa de um sofá novo para sua sala de estar. Você viu a propaganda de um modelo que parece perfeito. Contudo, ao chegar à loja, o sofá está com um adesivo no qual se lê: “reservado”. Alguém veio à loja antes de você e o comprou. Você não pode mais comprá-lo. Ele está reservado para alguém, mesmo que esse comprador ainda não o tenha levado. Então, tire os olhos dele!

É isso que Jesus estava pedindo. Ele estava pedindo que seu Pai protegesse os discípulos,

separando-os para si. Funciona assim: o Pai coloca seu adesivo de “reservado” em nós, e a partir de agora somos dele. Somos guardados para ele.

Mas de que forma os discípulos seriam santificados? A resposta parece paradoxal. Eles seriam santificados pelo próprio motivo que os colocaria em risco: a Palavra. Eles seriam perseguidos por guardarem a Palavra que o Pai dera ao Filho com a finalidade de que ele também a desse aos seus discípulos e para que estes, em seguida, a transmitissem a outros (Jo 17.8, 20). No entanto, essa mesma Palavra os protegeria; ela os manteria “reservados para Deus”. Por isso, Jesus ora: “Santifica-os na verdade” (v. 17).

Martinho Lutero viveu esse paradoxo quando sua consciência foi cativada pela Palavra de Deus. A mesma Palavra pela qual ele foi perseguido era a Palavra pela qual era protegido! Tendo experimentado isso, ele cantou:

Se nos quisessem devorar
Demônios não contados,
Não nos podiam assustar
Nem somos derrotados.
O grande acusador
Dos servos do Senhor
Já condenado está;
Vencido cairá
Por uma só palavra.

Sim, que a Palavra ficará,
Sabemos com certeza.
E nada nos assustará
Com Cristo por defesa!
Se temos de perder
Os filhos, bens, mulher,
Embora a vida vá,
Por nós Jesus está
E dar-nos-á seu Reino!⁶⁵

Jesus estava pedindo que a Palavra de Deus guardasse seus discípulos do mundo hostil para o qual ele os estava enviando (Jo 17.11, 13-14); do poder da carne, que poderia enfraquecê-los e dividi-los (v. 11); e das artimanhas do diabo, que tentaria destruí-los (v. 15).

Nosso Senhor não estava orando para “ser visto dos outros”, mas para ser ouvido por seu Pai nos céus (Mt 6.5-6). Não obstante, ele diz a seu Pai o motivo de, nessa ocasião, querer que outros ouçam sua oração: é porque ele quer que seus discípulos conheçam seus mais profundos desejos para eles: “Isto falo no mundo para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos” (Jo 17.13).

Isso nos faz lembrar algo que ele dissera antes: que sua Palavra traria alegria aos discípulos em um mundo de aflições e tristezas (15.11). Jesus queria que seus discípulos soubessem o que ele estava pedindo em favor deles. Além disso, também desejava que, ao serem “podados” pela oposição, sua Palavra habitasse neles ricamente (cf. 15.3, 7, 10). Por meio dessa Palavra, eles seriam guardados, protegidos por Deus e reservados exclusivamente para ele. O ministério de Jesus não terminou no cenáculo. Ele agora está à destra de Deus intercedendo por seu povo. Ele está na presença de seu Pai em nosso favor, vivendo para sempre no céu a fim de interceder por

nós (Rm 8.34; Hb 7.25; 9.24). Como dizem antigos escritores, o que temos em João 17 é uma transcrição do que Cristo está rogando por toda a igreja neste exato momento.

Que privilégio para os apóstolos escutar essas palavras e ouvir os pensamentos íntimos de seu Mestre! Que privilégio para eles saber o quanto eram importantes para o Filho de Deus! Que privilégio para eles descobrir que o Pai os dera em amor a seu Filho! Que privilégio para eles ouvi-lo pedir que fossem protegidos! E que privilégio para nós escutar essas palavras, as próprias batidas do coração de nosso Salvador!

E esse privilégio aumentará, pois ainda há mais pela frente. Agora, ouviremos o Salvador orar especificamente por nós.

Capítulo 13 - Ele ora por mim

João 17.20-26

Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim. Pai, a minha vontade é que onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo. Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja.

Você já terminou de ler um livro da Bíblia ou de ouvir (ou mesmo pregar) uma série de sermões sobre ele e sentiu que foi apenas o começo? Que ainda havia muito mais a aprender? Que você continuava sendo um iniciante?

Não seria surpresa se nos sentíssemos da mesma forma agora, quando chegamos aos últimos versículos do relato joanino dos eventos que se passaram no cenáculo antes da crucificação de Jesus. Essas páginas são só o começo; mas, por ora, elas nos levam a João 17.20-26, as palavras com as quais termina a oração de Jesus.

O teólogo luterano David Chytraeus (1530-1600) parece ter sido o primeiro escritor a descrever esse capítulo como a Oração Sumo Sacerdotal de Jesus. Mesmo que João não tenha visto a oração dessa maneira, percebemos que a estrutura dela reflete as três etapas do ministério do sumo sacerdote judeu em seus preparativos para os sacrifícios do Dia da Expição. Ele intercedia por si mesmo, depois por seus colegas sacerdotes e, por fim, por todo o Israel.

Da mesma forma, Jesus orou por si mesmo — o caminho à frente seria uma Via Dolorosa até o Getsêmani, o Calvário e o Jardim do Sepulcro. Porém, logo adiante, estava a glória.

Em seguida, ele orou por seus companheiros próximos, sua família — os onze apóstolos que estiveram com ele “desde o princípio” (Jo 15.27). Eles estavam sendo enviados ao mundo com sua Palavra e precisariam da proteção de seu Pai. Jesus orou para que eles fossem santificados por meio da Palavra que o Pai lhe dera com o fim de que a desse a eles.

Contudo, ao chegarmos aos versos finais do capítulo, deparamo-nos com algo inesperado. A oração de Jesus vai muito além do horizonte de sua época. Agora, ele estava orando “por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra [i.e., da palavra dos apóstolos]” (17.20).

Essa oração foi respondida nos eventos registrados em Atos dos Apóstolos e nas Cartas do Novo Testamento. Todavia, seu alcance é ainda maior. Com essas palavras, Jesus também estava orando por nós, crentes. Afinal, nós também estamos entre aqueles que vieram a crer em Cristo através da palavra dos apóstolos (v. 20).

Além disso, como essa oração é uma transcrição do que se passava no coração de Cristo na tarde anterior à sua paixão, ela também indica sua vontade para nós depois de sua ressurreição e ascensão. Já que Cristo orou por nós dessa forma, podemos descobrir, nesses versos, o que ele deseja para nós hoje. Portanto, em certo sentido, sua intercessão não só nos encoraja e nos dá segurança, como também nos ensina como viver em conformidade com a vontade de nosso Salvador.

Por isso, devemos pensar constantemente nessas palavras, a fim de nos lembrarmos do que Cristo mais deseja.

O que Jesus deseja

Jesus ora por nossa unidade. “Não rogo somente por estes [i.e., os apóstolos], mas também por aqueles que vierem a crer em mim por intermédio da sua palavra [i.e., nós]; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17.20-21).

Jesus não tinha em mente uma grande organização mundial. Não é a organização, e sim a vida espiritual que torna a igreja capaz de resistir às portas do inferno (Mt 16.18). O tipo de unidade que Jesus tinha em mente era uma unidade como a do Pai e do Filho (“como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti”; Jo 17.21), uma unidade em que ambos habitam um no outro.⁶⁶ Assim como o Pai e o Filho vivem juntos na comunhão do Espírito, assim também nossa comunhão espelha a deles, pois todo crente é habitado por esse mesmo Espírito.

Não há nada no mundo semelhante a essa unidade. Ela não é capaz de ser imitada por clubes ou times esportivos, nem pelo espírito de equipe numa escola. Nesses contextos, os relacionamentos são naturais, baseados em interesses comuns ou em compromissos. Contudo, a unidade dos discípulos é sobrenatural, seguindo o padrão do próprio ser de Deus. Essa unidade é criada pela habitação do mesmo Espírito Santo em cada membro da comunidade.

Paulo entendeu o significado disso ao escrever aos colossenses sobre a natureza da família da fé: “[nela] não pode haver grego nem judeu, circuncisão nem incircuncisão, bárbaro, cita, escravo, livre” (Cl 3.11). Na igreja do primeiro século, continuava havendo gregos e judeus, escravos e homens livres. Paulo não quis dizer que o Evangelho cria uma sociedade uniforme, e sim que a comunhão dos cristãos transcende todas as divisões e diferenças sociais, porque “Cristo é tudo em todos”. Quando Cristo é tudo para nós e reconhecemos que ele habita em cada um de nós por meio de seu Espírito, surge um laço de comunhão e amor sem igual no mundo. O motivo de não haver nada igual no mundo é simples: aqueles que experimentam essa comunhão não são “do mundo” (Jo 17.16). Logo, é impossível que o mundo crie uma imitação da comunhão em Cristo!

Por trás dessa oração, está o ensino que Jesus deu aos apóstolos. Demoraria um tempo para eles processarem tal informação, assim como para nós. Esse ensino, porém, transforma totalmente nossa forma de ver os outros: “Esse irmão em Cristo é alguém em quem, por meio do Espírito, o Pai e o Filho vieram habitar. É por isso que, embora continuemos sendo diferentes (no que diz respeito a nacionalidade, cor de pele, idade, educação, contexto social e muito mais), somos um em Cristo. Essas ‘diferenças’ servem apenas para destacar ainda mais a beleza da unidade da graça”.

Por que Jesus acha isso tão importante? Poderíamos até imaginar, mas ele não deixa espaço para especulações. A unidade criada pelo Espírito na família da fé é essencial para nosso evangelismo. Basta enxergarmos isso. Jesus ora para que sejamos um: “para que o mundo creia

que tu me enviaste... que [os discípulos] sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.21, 23).

A preocupação de nosso Senhor é que sua igreja seja sua principal agência evangelística e que a comunhão dos cristãos cause um poderoso impacto evangelístico.

Nessa oração, Jesus nos corrige de maneira importante. Nos últimos dois séculos, de forma geral a ênfase evangelística que se tem dado tanto na literatura quanto em conferências tende a destacar a prioridade do “testemunho pessoal”. Além disso, muitos cristãos associam “evangelismo” a organizações com pouca ou nenhuma ligação com a igreja.

Inevitavelmente, isso causa dois problemas.

O primeiro — e, talvez, mais evidente — é que, mesmo que uma pessoa venha à fé em Cristo, ainda há uma lacuna entre ela e a comunhão da igreja. Conversão e comunhão são coisas separadas. No entanto, a maneira como a oração de Jesus foi respondida pela primeira vez (no dia de Pentecostes) deixa claro que vir a Cristo e tornar-se parte da família da fé são dois lados da mesma moeda (At 2.41-47).

O segundo problema envolve grande culpa, tanto por parte de nossas igrejas como por parte de organizações evangelísticas de apoio. É verdade que todos nós devemos estar sempre “preparados para responder a todo aquele que vos pedir razão da esperança que há em vós” (1Pe 3.15). Contudo, no Novo Testamento, o evangelismo não é visto como uma atividade predominantemente individual. Essa oração de nosso Senhor indica que o principal instrumento evangelístico de Deus é a família da fé, e não o indivíduo isolado. É na família da fé que se vê, de forma mais completa e notória, o efeito do Evangelho e a transformação gerada pela salvação.

Entender isso é especialmente importante em nossa cultura contemporânea de individualismo, fragmentação e alienação, num mundo em que a verdade do Evangelho e seu estilo de vida têm sido rejeitados. É na comunhão da família da fé que os descrentes verão, de forma mais poderosa, o Reino de Deus e a nova criação (2Co 5.17).

Você já deve ter ouvido testemunhos como este: uma jovem contrária ao Evangelho e ao estilo de vida do Evangelho acaba vindo parar, com muita relutância, num encontro da família da fé de alguém que ela conhece. Ela odeia tudo em que supostamente essas pessoas acreditam. Mas, agora, ela é confrontada por uma pergunta: “Eu pensava que essas pessoas eram tudo o que eu mais odeio neste mundo. Então, como é possível que eu esteja aqui com elas agora, sentindo que é assim que a vida devia ser? Esse relacionamento entre eles, esse clima de harmonia, esse relacionamento das crianças com seus pais e dos jovens com os idosos. Como é possível que eles pareçam ter tudo de que preciso? Por que eu anseio tanto por aquilo que eles têm?”

É claro que isso aconteceria! Num mundo em que o pecado desconstruiu os fundamentos sobre os quais a vida deveria ser construída, as pessoas encontram um mundo totalmente novo numa verdadeira família da fé. Sim, a família da fé é imperfeita, mas, ainda assim, ela é um mundo em que a vida está mais próxima de ser aquilo que Deus quis que ela fosse.

A família da fé também é a resposta à oração de Jesus, “que todos sejam um... para que o mundo creia que tu me enviaste... e os amaste, como também amaste a mim” (Jo 17.21, 23). Não é surpresa alguma que Jesus ore por nossa unidade.

Antes de avançarmos, note um detalhe que pode facilmente passar despercebido. Jesus explica qual é a causa dessa unidade: “Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (v. 22).

Cristo cria uma nova comunidade, uma analogia de seu relacionamento de mútua habitação com o Pai. O objetivo dessa comunidade é que o mundo venha a crer nele. E essa comunidade surge graças ao fato de ele ter dado aos discípulos a glória que seu Pai lhe dera.

O que isso quer dizer? Como isso é possível, se sabemos que Deus não dá sua glória a outros (Is 48.11)? Temos aqui o que Paulo chama de “as profundezas de Deus” (1Co 2.10). Portanto, temos de ser reverentes. Para isso, é útil vermos como o ensino registrado por João chega até aqui:

1. Ao falar de sua comunhão com o Pai, Jesus nos deu uma pista do que quis dizer (Jo 10.30; 14.11). Ele é um com o Pai, não de forma que haja uma confusão de pessoas.⁶⁷ Ele é um com o Pai no sentido de união pessoal (17.11; cf. 8, 22).
2. O Pai habita no Filho, e o Filho habita no Pai (1.1, 18; 14.10-11; 17.23). Logo, eles têm tudo em comum, exceto as distinções típicas de paternidade e filiação.⁶⁸
3. Desse modo, o Pai e o Filho possuem, compartilham e transmitem a mesma glória.
4. Essa mútua habitação persiste inclusive na encarnação, pois o Filho permanece “face a face” com Deus e “no seio do Pai” (1.18).
5. Sendo assim, a transmissão mútua de glória continua, de forma que a glória que o Pai deu ao Filho se manifesta em sua humanidade (1.14; 2.11; 12.28; 17.1, 4-5).
6. Por meio da vinda do Espírito, o Pai e o Filho, que se habitam mutuamente, agora habitam os crentes e fazem morada neles (14.23).
7. Por ser assim, a glória manifesta na humanidade do Senhor Jesus também é manifesta naqueles que estão unidos a ele.
8. Dessa forma, a glória que o Pai deu ao Filho em sua unidade-diversidade seria expressa na glória da unidade-diversidade dos crentes em comunhão.

Simplificando: o que Jesus está pedindo é que, quando as pessoas virem a igreja, enxerguem várias peças diferentes de um mesmo quebra-cabeça, todas juntas, revelando a face dele. Assim, quando a oração de nosso Senhor, feita em favor da igreja de todos os tempos, é respondida em nossa família de fé local, a glória de Cristo se torna visível. O resultado é que, em nossa comunhão e adoração, há uma atração evangelística natural, chamando a atenção dos descrentes e levando-os a Cristo.

Assim, é evidente que nossas igrejas serão alvo de Satanás.

Vimos anteriormente em Atos dos Apóstolos que, quando o diabo não consegue intimidar a igreja, ele passa para uma segunda estratégia, que é instigar ambições dentro dela (como se vê nas motivações e ações de Ananias e Safira; At 5.1-10). Contudo, no caso da igreja de Jerusalém, a oração de nosso Senhor em João 17 foi respondida: eles foram guardados pelo poder de Deus e santificados pela Palavra. Como resultado, algo importante aconteceu:

1. At 5.11: “E sobreveio grande temor a toda a igreja...”
2. At 5.13: “dos restantes, ninguém ousava ajuntar-se a eles; porém o povo lhes tributava grande admiração”
- c.
 1. At 5.14: “E crescia mais e mais a multidão de crentes, tanto homens como mulheres, agregados ao Senhor”

Esse é um padrão bem diferente do padrão de “agradar o cliente”, que se tornou praxe em boa parte do discurso e literatura sobre evangelismo no final do século XX e início do século XXI. Aqui, a oração de Jesus foi respondida com temor na igreja. O padrão de Atos era:

1. A santidade da igreja;
2. O temor de Deus em seu povo;
3. Uma resposta complexa por parte dos descrentes — eles não ousavam se ajuntar aos crentes porque, como pecadores, eram confrontados pela santidade do povo de Deus, guardado pela Palavra e comprometido com ela;
4. As portas se abriram e houve conversões.

Se foi assim que a oração de Cristo por sua igreja foi respondida naquela época, você não acha esse também é o desejo do coração dele para nossas igrejas de hoje?

Isso nos leva às palavras finais de nosso Senhor.

O que Jesus deseja para nós

Se até aqui pisamos em solo sagrado, em João 17.24, chegamos ao solo mais santo de todos.

Ouçã o que Jesus pede em nosso favor: “Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, estejam também comigo os que me deste [i.e., aqueles que viriam à fé através da palavra dos apóstolos, v. 20, inclusive os cristãos de hoje], para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24).

Note a expressão: “a minha vontade é”. Ela corresponde ao verbo *thelō*: “eu desejo”, “eu quero”.

Uma hora depois, no Getsêmani, Jesus orou de forma totalmente diferente: “Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero...” (Mt 26.39; Mateus usa o mesmo verbo, *thelō*).

As duas orações são diferentes, mas estão intimamente ligadas.

Jesus só pôde orar como orou no cenáculo (“eu quero...”) por causa daquilo por que orou no jardim (“não seja como eu quero...”). Ele estava disposto a beber o cálice do juízo de Deus, mesmo que todo o seu ser relutasse diante da perspectiva de abandono por parte de Deus no Calvário. Isso lhe tornou possível dizer aqui: “Eu quero que aqueles que tu me deste estejam comigo, para que vejam a minha glória completa — não apenas os vislumbres ocasionais dela que eles viram aqui, mas de uma maneira que expresse teu amor eterno por mim!”

Diante da maior crise de sua vida, Jesus pensou em nós. Sua vontade é que o vejamos em sua glória. É por isso que Paulo se mostra tão confiante: “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória” (Cl 3.4). Nosso Senhor orou para que isso acontecesse.

Mas por que é tão importante para Jesus que o vejamos em sua glória?

Este verso nos dá uma ideia: “Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste” (Jo 17.25).

O mundo rejeitou e continuava a rejeitar seu Pai. O mundo também o rejeitou. Os discípulos estiveram a seu lado por três anos, observando-o de perto. Eles estavam prestes a testemunhar sua rejeição final. Nós também testemunhamos essa rejeição ao longo dos anos, tanto em nossa época como em nossa própria vida.

Jesus quer que aqueles que o viram em sua vergonha também o vejam em sua glória!

No verão de 1987, o *All England Lawn Tennis and Croquet Club*⁶⁹ foi abalado pelo vencedor da categoria masculina individual do Torneio de Wimbledon: Pat Cash. O australiano, em vez de esperar calmamente pela entrega do troféu por um membro da realeza britânica, atreveu-se a

subir na arquibancada para cumprimentar seu pai e seu time de apoio. Ao que parece, o presidente do torneio lhe disse para desfrutar o momento, mas que promettesse nunca mais fazer isso, pois deixara os membros da família real esperando!

Mais tarde, Pat Cash comentou seu ato de ousadia (repetido por outros, apesar do que o presidente dissera): “Tudo tinha a ver com isso... com esse time. Eles foram muito importantes para mim”. Eles estiveram com Pat quando não havia multidões aplaudindo, passando juntos por incansáveis horas de preparação, tanto nos dias ruins como nesse grande dia. De certa forma, ele estava dizendo: “Quero estar com eles e quero que estejam comigo agora, para ver minha glória”.

Mesmo do ponto de vista humano, conseguimos entender que Jesus não deseja nada menos que isso. Por isso, Ele orou:

Pai Santo, venho pedir em favor desses onze homens que estiveram comigo até aqui. Eu serei o único a obter a vitória. Contudo, o Senhor os deu a mim, para estarem comigo e serem enviados com a sua Palavra. Eles são meus amigos. Eles me verão ser desprezado e rejeitado, um homem de dores, que sabe o que é padecer, passando pela vergonha da cruz — espancado, humilhado, açoitado e zombado. Alguns deles testemunharão meu sentimento de abandono no Calvário. E, Pai, também há outros que virão a confiar em mim graças ao ministério desses homens. Eles também verão meu nome ser desonrado; muitos deles sofrerão por minha causa e pela causa do Evangelho. Oro também por eles. Pai Santo, quero que todos eles me vejam em minha glória; quero que eles vejam quão maravilhoso é seu eterno amor por mim; quero que estejam comigo, conosco, para sempre.

Sim, nós também temos visto o Senhor Jesus ser humilhado. Também o ouvimos ser desprezado. Também sentimos a dor de estarmos ligados a ele. Em nossa fraqueza, também nos sentimos desanimados. Portanto, nessas horas, lembre-se de que ele também orou por nós: “Pai, a minha vontade é que, onde eu estou, estejam também comigo os que me deste, para que vejam a minha glória que me conferiste, porque me amaste antes da fundação do mundo” (Jo 17.24).

E, se você também é um daqueles que o Pai deu a seu Filho, lembre-se destas coisas:

1. Lembre-se de que, assim como ele orou por Pedro, também orou por você.
2. Lembre-se de que o Pai sempre ouve as orações dele — inclusive essa oração por você.
3. Lembre-se de que ele lhe apresentou seu Pai e o trouxe para sua família.
4. Lembre-se de que ele o ama com o mesmo amor que seu Pai tem por ele.
5. Lembre-se de que o Filho amado do Pai habita em você através de seu Espírito Santo.
6. Lembre-se de que ele lhe deu sua Palavra.
7. Lembre-se de que ele revelou sua vontade — que você esteja com ele para ver sua glória.

E tudo isso foi registrado a fim de que a alegria dele esteja em você, e sua alegria seja completa.

Foi para isso que ele orou: “Pai justo, o mundo não te conheceu; eu, porém, te conheci, e também estes compreenderam que tu me enviaste. Eu lhes fiz conhecer o teu nome e ainda o farei conhecer, a fim de que o amor com que me amaste esteja neles, e eu neles esteja” (Jo 17.25-26).

Ministério Fiel



O Ministério Fiel visa apoiar a igreja de Deus de fala portuguesa, fornecendo conteúdo bíblico, como literatura, conferências, cursos teológicos e recursos digitais.

Por meio do ministério Apoie um Pastor (MAP), a Fiel auxilia na capacitação de pastores e líderes com recursos, treinamento e acompanhamento que possibilitam o aprofundamento teológico e o desenvolvimento ministerial prático.

Acesse e encontre em nosso site nossas ações ministeriais, centenas de recursos gratuitos como vídeos de pregações e conferências, e-books, audiolivros e artigos.

Visite nosso site

www.ministeriofiel.com.br



Ministério Ligonier



MINISTÉRIO LIGONIER

O Ministério Ligonier é uma organização internacional de discipulado cristão, fundada pelo Dr. R.C. Sproul, em 1971, com o intuito de proclamar, ensinar e defender a santidade de Deus em sua totalidade para o maior número de pessoas possível.

Motivado pela Grande Comissão, o Ministério Ligonier compartilha globalmente recursos em formatos impressos e digitais. Livros, artigos e cursos têm sido traduzidos ou dublados para mais de quarenta línguas. Nosso alvo é apoiar a igreja de Jesus Cristo, ajudando cristãos a compreenderem, viverem e compartilharem o que creem.

PT.LIGONIER.ORG
FACEBOOK.COM/LIGONIERPOR

Notas

1. Thomas Goodwin, “The Heart of Christ in Heaven towards Sinners on Earth” (Londres, 1651), em *The Works of Thomas Goodwin* (Edimburgo, Escócia: James Nicholl, 1862), 4:96.
2. João nos conta que Jesus fez muitos milagres ou sinais. Porém, na primeira parte do seu Evangelho, ele descreve sete em especial: (1) a transformação da água em vinho, 2.1-11; (2) a cura do filho do centurião, 4.46-54; (3) a cura do paralítico, 5.1-15; (4) a multiplicação dos pães e peixes, 6.1-15; (5) o andar sobre as águas, 6.16-21; (6) a cura do cego de nascença, 9.1-41; (7) a ressuscitação de Lázaro, 11.1-44.
3. João Calvino, *O Evangelho segundo João*, vol. 1, trad. Valter Graciano Martins (São José dos Campos: Editora Fiel, 2015), p. 26-27, 29. Ênfase adicionada.
4. Por exemplo: Jeremias 32.1-15; Ezequiel 4.1–5.17.
5. Essas palavras provêm do hino *And Can It Be*, escrito por Charles Wesley (1707-1788) logo após sua conversão, em 1738.
6. A Confissão de Fé de Westminster, na seção 13.1, afirma que “aqueles que são [...] regenerados, tendo um novo coração e um novo espírito criado neles, são, ademais, santificados real e pessoalmente, por meio da virtude da morte e da ressurreição de Cristo, em decorrência da habitação de sua palavra e Espírito neles”.
7. Cf. João 21.25.
8. Esse trecho faz alusão às seguintes palavras do hino *Rock of Ages, Cleft for Me*, escrito por A. M. Toplady (1740-1778): “Que a água e o sangue [...] / Sejam do pecado a cura dupla, / Salvem-me de sua culpa e poder”.
9. Embora alguns cristãos tomem as palavras de Jesus de forma literal, não há indicação no Novo Testamento de que os apóstolos pensavam que Cristo estivesse instituindo um terceiro sacramento além do Batismo e da Ceia do Senhor. O Novo Testamento indica que estes últimos continuaram na igreja e explica seus significados. A única referência ao ato do lava-pés está em conexão com o registro das viúvas sobre as quais Paulo discorre (as envolvidas devem ter “lavado os pés aos santos” [1Tm 5.10]). Porém, se esse registro fosse uma ordenança da qual literalmente toda a igreja participava, não teria servido como algo que distinguiu algumas viúvas de outras. Assim como João (e Pedro), Paulo vê a ação do nosso Senhor ao lavar os pés dos discípulos como um modelo para o serviço cristão.
10. Catecismo de Heidelberg, 1.
11. Palavras de *A Coleta pela Paz*, que se encontra no *Livro de Oração Comum da Igreja da Inglaterra*.
12. Do hino *Make Me a Captive, Lord*, escrito por George Matheson (1842-1906).
13. Paulo emprega essa metáfora quando descreve a si mesmo como seguidor do “cortejo triunfal” de Cristo. Jesus “manifesta em todo lugar a fragrância do seu conhecimento. Porque nós somos para com Deus o bom perfume de Cristo, tanto nos que são salvos como nos que se perdem. Para com estes, cheiro de morte para morte; para com aqueles, aroma de vida para vida” (2Co 2.14-16).
14. Jesus é a Luz dos homens, vinda ao mundo para brilhar na escuridão como a verdadeira Luz (Jo 1.4-9). Nicodemos vai até ele “de noite” (Jo 3.2); porém, os homens amam a escuridão e odeiam a luz, de forma que não se achegam a esta, ao contrário daqueles que fazem o que é certo (Jo 3.19-20). Jesus é também a Luz do Mundo, e aqueles que o seguem não andam na escuridão (Jo 8.12), como ele demonstra ao dar visão ao cego de nascença (Jo 9.5). Entretanto, a noite vem (Jo 9.4), e, se as pessoas caminharem por ela, tropeçarão (Jo 11.10).
15. A referência no título da pintura de Dalí não é ao apóstolo João, mas ao místico espanhol católico romano João da Cruz, do século XVI (1542-1591). Associado a Tereza Teresa de Ávila (1515-1582), ele foi nomeado, em 1926, ao grupo seleto de teólogos conhecidos como “Doutores da Igreja”.
16. A linguagem de Marcos 14.33 sugere que Jesus sentiu como se o seu ser por inteiro estivesse se desintegrando sob a carga

mental, espiritual e física que ele estava carregando: Jesus “começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia”. Essa é a linguagem que Paulo usa em Filipenses 2.26 para descrever a angústia de Epafrodito. J. B. Lightfoot sugeriu que o termo descreve “o estado confuso, exausto e distraído que é produzido por transtorno físico ou angústia mental, como a mágoa, a vergonha ou o desapontamento”. J. B. Lightfoot, *Commentary on Paul's Epistle to the Philippians* (Londres: Macmillan, 1913), p. 123.

[17.](#) Dois membros do grupo apostólico tinham o nome “Judas”. Eles eram diferenciados como (1) Judas Iscariotes e (2) Judas, filho de Tiago (Lc 6.16), que também pode ser conhecido como Tadeu (Mt 10.3; Mc 3.18) e faz uma pergunta a Jesus em João 14.22.

[18.](#) Do hino *Rock of Ages, Cleft for Me*, escrito por A. M. Toplady (1740-1778).

[19.](#) O historiador romano Suetônio (69-130/140) atribui as palavras *iacta alea est* (“os dados estão lançados”, ou, como na expressão de língua portuguesa, “a sorte está lançada”) a Júlio César, quando ele atravessou o Rio Rubicão em janeiro do ano 49 a.C. como um desafio ao senado romano, e iniciou a guerra civil com Pompeu (*De vita Caesarum*, 1.32).

[20.](#) Do hino *And Can It Be*, escrito por Charles Wesley (1707-1788).

[21.](#) Do hino *My Jesus, I Love Thee*, escrito por William R. Featherston (1848-1875). Em profundo contraste com a acusação moderna de que a expiação substitutiva penal é uma forma de “maus-tratos” contra o Filho, o Evangelho de João nos ensina que essa expiação foi de comum acordo entre o Pai e o Filho e que, em nenhum momento durante a vida ou morte do nosso Senhor, o Pai parou de amá-lo.

[22.](#) Salmo 24.7-10, com a métrica escocesa. O salmo é geralmente cantado na melodia de *St. George's Edinburgh*.

[23.](#) Tertuliano, *Apologético*, 39.7.

[24.](#) Agostinho, *Confissões*, 10.33: “Ó meu Senhor e meu Deus, olhai para mim, ouvi-me, vede-me, compadecei-vos de mim e curai-me. Sob o vosso olhar transformei-me, para mim mesmo, num enigma que é a minha própria enfermidade.”

[25.](#) Basicamente, os Dez Mandamentos (Êx 20.1-17; Dt 5.1-21) eram os princípios de vida que Deus escreveu nos instintos de Adão e Eva ao criá-los à sua sua imagem (Gn 1.26-28). Embora não totalmente erradicados pelo pecado (Rm 2.14-15 parece apontar para isso), no Sinai esses princípios foram reescritos em tábuas de pedra, sendo aplicados especificamente aos filhos de Israel (1) como pecadores, (2) como libertos do Egito e (3) como nação da qual viria a prometida Semente da mulher, o Messias. Na Nova Aliança, são essas leis originais da criação (e não suas temporárias aplicações civis e cerimoniais na aliança mosaica) que foram escritas nos corações dos crentes (Jr 31.33; cf. Hb 8.8-13; 10.16).

[26.](#) Segue a tradução completa da Vulgata: *ego sum via et veritas et vita. Nemo venit ad Patrem nisi per me*. Provavelmente, muitos dos primeiros alunos também estivessem familiarizados com as famosas palavras de Tomás de Kempis: “Segue-me; eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14.6). Sem caminho não se anda, sem verdade não se conhece, sem vida não se vive. Eu sou o caminho que debes seguir, a verdade em que debes crer, a vida que debes esperar. Eu sou o caminho seguro, a verdade infalível, a vida interminável”. Tomás de Kempis, *Imitação de Cristo* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2014), p. 163.

[27.](#) Pela forma como pergunta, Paulo indica esperar uma resposta negativa. Traduzindo para o português a forma como Paulo pergunta em grego, diríamos algo do tipo: “Nem todos operam milagres, não é mesmo? Nem todos têm dons de cura, não é verdade?”

[28.](#) Pedir “alguma coisa” em nome de Cristo subentende que essa “alguma coisa” está de acordo com a Palavra e com as promessas de Deus.

[29.](#) Da forma como falamos, o papel de apóstolo — no sentido desses homens, além de Matias (At 1.21-22, 26) e Paulo (1Co 9.1) — é um ofício que não se repetiu na igreja. Ser testemunha ocular do Cristo ressurreto era pré-requisito para isso, pois o ofício tinha a ver com a fundação da igreja (Ef 2.20). Sinais extraordinários confirmaram o ministério desses apóstolos (2Co 12.12; Hb 2.4). Isso explica por que, no Novo Testamento, vemos instruções para a continuidade dos papéis de presbítero e diácono, mas não de apóstolo, da forma como falamos.

[30.](#) Se as palavras forem compreendidas como uma referência a todos os cristãos, então, novamente à luz das palavras de Paulo em 1 Coríntios 12.30, não devemos ter em vista seus milagres em si, mas o efeito de seu ministério, isto é, pessoas vindo à fé.

[31.](#) A linguagem de João em sua primeira carta lembra João 1.1: Jesus é a Palavra que estava “com Deus [*pros ton theon* — face a face com Deus]” e que agora é nosso “*paraklētos* junto ao Pai [*pros ton patera* — face a face com o Pai]” (1Jo 2.1).

[32.](#) Esta é uma das muitas declarações de Jesus no cenáculo que claramente sugere que ele tinha consciência de sua divindade — nesse caso, na forma como ele se associa com Deus Pai.

[33.](#) Este é o outro Judas (não o Iscariotes), provavelmente também conhecido como Tadeu.

[34.](#) C. S. Lewis, *Cristianismo Puro e Simples* (São Paulo: Martins Fontes, 2005), p. 237. Como é comum em suas obras, Lewis dá o crédito dessa ideia a George MacDonald.

[35.](#) Agostinho, *Confissões*, 11.14.

[36.](#) *Middoth* 3.8, tradução nossa a partir da tradução em inglês de Alfred Edersheim em *Sketches of Jewish Social Life* (Londres: Religious Tract Society, 1876), p. 304. O texto também é mencionado pelo autor romano Tácito (em *Histórias*, 5.5) e por Josefo (em *A Guerra dos Judeus*, 5.5.4). Este cita que os cachos de uva que pendiam da videira dourada eram da altura de um homem.

[37.](#) B. F. Westcott, *The Gospel according to John* (1881; reimpr., Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1951), p. 217. Tradução nossa.

[38.](#) Apesar de meus esforços, não consegui localizar a fonte desta citação.

[39.](#) N.T.: As *Gifford Lectures* são séries anuais de palestras em universidades da Escócia, cujo objetivo é promover o estudo da teologia e do conhecimento de Deus. A indicação para as palestras Gifford é uma das mais prestigiosas honrarias na academia escocesa, sendo apresentadas como uma série ao longo de um ano acadêmico e tendo o alvo de serem publicadas em livros. Diversas dessas obras tornaram-se clássicos nos campos da teologia, filosofia e relação entre religião e ciência.

[40.](#) A. N. Whitehead, *Process and Reality* (Nova York: Free Press, 1978), p. 39. Tradução nossa.

[41.](#) “Diabolos Meaning” [Significado de Diabolos], *Our Baby Namer*, acessado em 23 de junho de 2020, <http://www.ourbabynamer.com/meaning-of-Diabolos.html>. Tradução nossa.

[42.](#) Estas expressões e seus equivalentes se encontram nos escritos dos primeiros pais dos primeiros séculos. *Epístola a Diogneto*, 1; Clemente de Alexandria, *Stromata*, 6.5.39.

[43.](#) Esta expressão é do hino latino do quinto século *Te Deum laudamus*.

[44.](#) John Bunyan, *A Peregrina* (São Paulo: Mundo Cristão, 2013), p. 75-76. As palavras são da canção do menino pastor que Cristiana (esposa do peregrino) e os outros peregrinos ouviram cantar no Vale da Humilhação. Ele “trajava roupas bem humildes, mas exibia expressão viçosa e bela”. Grande-Coração disse: “Ouviram? Arrisco-me a dizer que este pequeno pastor leva uma vida mais feliz, e traz no peito mais daquela flor chamada tranquilidade, do que o homem que ostenta seda e veludo”.

[45.](#) Título do capítulo 13 do livro de C. S. Lewis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* (São Paulo: Martins Fontes, 2002).

[46.](#) A palavra apóstolo [do grego *apostolos*] significa “alguém enviado, comissionado, um mensageiro”. O termo é usado no Novo Testamento cerca de oitenta vezes e em basicamente quatro contextos: quando se fala de (1) mensageiros em geral (Jo 13.16), (2) Jesus como aquele que foi enviado por seu Pai (Hb 3.1), (3) pessoas enviadas por suas igrejas em uma missão (2Co 8.23) e (4) “os Doze” mais Paulo, os quais foram testemunhas oculares do Cristo ressurreto, além de terem sido comissionados por ele mesmo e de exercerem um ministério para toda a igreja relacionado a isso. Os homens que estavam ouvindo Jesus no cenáculo pertenciam a esta quarta categoria.

[47.](#) Do hino *O Love That Wilt Not Let Me Go* [*Amor que não me abandona*], de George Matheson (1842-1906), pastor compositor que perdeu a vista quando era jovem. [N.T.: A versão de mesma música do hino em português, *Amor, que por amor desceste*, não corresponde à letra original, de maneira que foi necessário fazer uma tradução nossa.]

[48.](#) Do hino *God Moves in a Mysterious Way* [*Deus se move de maneira misteriosa*], de William Cowper (1731-1800). [N.T.: A tradução deste hino aqui utilizada foi feita por Solano Portela, Valdeci

49. B. B. Warfield, *Biblical Doctrines* (Nova York: Oxford University Press, 1929), p. 141-42. Tradução nossa.

50. Mateus 5.45; 6.1, 4, 6, 8-9, 14-15, 18 (duas vezes), 32; 7.11, 21.

51. Paulo utiliza esta ilustração em Gálatas 3.22-4.7.

52. Estamos usando o termo “apologética” em sentido técnico, isto é, não no sentido de fazer apologias e pedir desculpas, mas sim no sentido de falar a favor ou em defesa da fé cristã. É com esta última acepção que Pedro emprega a palavra *apologia* em 1 Pedro 3.15.

53. Em sua obra *A Essência do Cristianismo* (Petrópolis, RJ: Vozes, 2007), Feuerbach usa a expressão: “teologia é antropologia”, querendo dizer que, quando falamos de Deus, na verdade, estamos falando sobre nós mesmos. Seu livro foi originalmente traduzido para o inglês por Marian Evans (nome verdadeiro do romancista George Eliot).

54. Uma das primeiras obras de Schleiermacher foi *On Religion: Speeches to Its Cultured Despisers* (1799).

55. *The Works of John Owen*, ed. W. H. Goold (1850-53; repr., Edimburgo, Escócia: Banner of Truth Trust, 1965-68), 2:22-23. Tradução nossa.

56. *The Works of John Owen*, 2:32. Tradução nossa.

57. Levítico 16.8 explica assim explica as sortes que eram lançadas sobre os dois bodes: “uma [sorte] para o Senhor e a outra para Azazel”. “Azazel” era o nome de um demônio pagão; por essa razão, o significado do segundo bode tem sido muito debatido por estudiosos. Talvez a melhor forma de entender essa figura seja pensar no primeiro bode como um sacrifício que simboliza a necessidade do perdão de pecados, ao passo que o segundo bode é levado para o domínio do maligno. Cristo cumpre essa dramática representação. Em seu sacrifício de si mesmo, ele faz expiação pela culpa do pecado, mas, ao mesmo tempo, entra no domínio de Satanás, vence-o e nos liberta da escravidão a ele. No Éden, Deus havia feito uma dupla provisão para o pecado: primeiro, cobriu a culpa e a vergonha (por meio das roupas providas por um sacrifício); depois, libertou da serpente (por intermédio da promessa de Gn 3.15, 21). O Dia da Expição deixava isso mais claro — e o dia que estava por vir deixaria isso ainda mais claro.

58. A ARA traduz pais como “servo”. Em outras passagens, ela traduz pais como “menino” (ao falar de Jesus em Lc 2.43). Em Atos 3, há certo valor teológico em traduzir *pais* como “filho”, a fim de destacar o fato de que, em relação ao Pai celestial, o Filho eterno foi obediente durante os dias que esteve em carne. Essa é a forma específica de “honra”, adequada à encarnação. O quinto mandamento afirma que um filho deve honrar seu pai, quer seja criança, quer adulto. “Honra” assume a forma de *obediência* quando nossa condição (por exemplo, como menores) nos coloca debaixo da autoridade de nosso pai. Na vida adulta, o filho não está mais debaixo da autoridade do pai para obedecer-lhe da mesma forma (“deixa o homem pai e mãe...”, Gn 2.24), mas deve sempre honrá-lo. Como os mandamentos são um reflexo do próprio Deus, podemos dizer, por analogia, que a segunda pessoa da Trindade sempre honra o Pai de quem é Filho; porém, ao partilhar nossa humanidade, essa “honra” assume a forma específica de obediência em submissão. Portanto, como Filho eterno, ele eternamente *honra* seu Pai, mas sua relação eterna com seu Pai não é de eterna *subordinação*.

59. Cf. Confissão de Fé de Westminster, 2.3.

60. Em João 17, há outras indicações da consciência de nosso Senhor de que ele partilhava a natureza divina, como na maneira como ele descreve os discípulos como “em nós” no versículo 21.

61. Breve Catecismo de Westminster, 1.

62. *Oxford English Dictionary*, s.v. “hiareth, n.,” disponível em: <https://www.oed.com/view/Entry/85866024?redirectedFrom=hiraeth#eid>. Acesso em: 24 de junho de 2020. [N.T.: A definição citada corresponde ao termo galês *hiareth*, que equivale a nosso termo *saudade*. Por essa razão, neste trecho e no restante do livro, substituímos *hiareth* por *saudade*, suprimindo explicações do termo desnecessárias aos falantes da língua portuguesa.]

63. Após uma extraordinária carreira como cirurgião-chefe no Children’s Hospital of Philadelphia, o Dr. C. Everett Koop (1916-2013) foi chefe do Departamento de Saúde dos Estados Unidos de 1982 a 1989.

64. Do hino *Jesus, The Very Thought of Thee*, supostamente de Bernardo de Claraval. Tradução nossa.

65. Do hino *Castelo Forte é Nosso Deus*, de Martinho Lutero, traduzido para o português por Jabob Eduardo von Hafe.

66. A fim de que não haja preciosismo teológico algum aqui concernente à verdade de que Deus é “uma só substância”, devemos notar que a analogia traçada por Jesus não é entre a unidade dos crentes e a unidade do ser de Deus, mas entre o tipo de comunhão dos membros da igreja e o tipo de comunhão das diferentes pessoas do Pai e do Filho.

67. Isso levaria à heresia do modalismo, segundo a qual o Pai, Filho e Espírito são apenas manifestações de um mesmo ser, e não três pessoas distintas que partilham o mesmo ser.

[68.](#) Isso se tornou um elemento essencial na formulação da doutrina da Trindade: as três pessoas partilham de um mesmo ser (ou substância) e são diferenciadas apenas por suas funções de paternidade (o Pai), filiação (o Filho) e procedência (o Espírito). Cf. Confissão de Fé de Westminster, 2.3: “Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade: Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo”.

[69.](#) N.T.: O *All England Lawn Tennis and Croquet Club* é um clube de tênis de Londres que recebe anualmente o Torneio de Wimbledon, considerado o mais prestigiado torneio de tênis em todo o mundo.